

OBRAS COMPLETAS

TEIXEIRA DE PASCOAES

VERBO ESCURO

A BEIRA (NUM RELAMPAGO)

7.º VOLUME

(EDIÇÃO DO AUTOR)



LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

PARIS — LISBOA



do Fernando Pessoa,
com um grande abraço,
Teresa de Sá

VERBO ESCURO

A BEIRA (NUM RELAMPAGO)

OBRAS COMPLETAS DO AUTOR

EM VERSO

- Vol. I — SEMPRE, TERRA PROÍBIDA
» II — AS SOMBRAS, O DOIDO E A MORTE, SENHORA DA NOITE
» III — CANTOS INDECISOS, VIDA ETÉREA, ELEGIAS
» IV — MARÁDOS
» V — REGRESSO AO PARAÍSO
» VI — D. CARLOS, CÂNTICOS, LONDRES

EM PROSA

- » VII — VERBO ESCURO, A BEIRA (NUM RELÂMPAGO)
» VIII — O BAILADO, O POBRE TOLO
» IX — ARTE DE SER PORTUGUÊS, OS POETAS LUSÍADAS
» X — CONFERÊNCIAS E ARTIGOS
» XI — LIVROS DE MEMÓRIAS

OBRAS COMPLETAS

TEIXEIRA DE PASCOAES

VERBO ESCURO

A BEIRA (NUM RELAMPAGO)

7.^o VOLUME

(EDIÇÃO DO AUTOR)



LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

PARIS — LISBOA

Desta edição tiraram-se cem exemplares em papel avergoado da Abelheira, numerados e rubricados pelo autor.

Composto e impresso na Tipografia da ILUSTRAÇÃO
Rua da Alegria, 30 — LISBOA

VERBO ESCURO

O POETA

- I. O Poeta alcança os píncaros da Vida; e vem depois contar, aos outros homens, a paisagem contemplada.
- II. Alguns, de entusiasmo, gritam as suas impressões, como as crianças; outros murmuram e rezam... Voz de humildade.
- III. Eu amo o grito, o murmúrio, a prece, nascidos da alma, descrevendo, com firmeza, o seu ritmo intacto e desnudo.
- IV. Ó frase da meia luz!... Verbo escuro... Místico pudôr...
- V. Bemditas as almas discretas e as horas do crepúsculo!
- VI. Poetas, cantai o sêr humano, o redentor das cousas, o velho Adão que aprendeu, no deserto, a emendar a obra de Jéovah.

Cantai o homem definindo, em formas de vida eleita, o seu fantasma secular.

VII. Poetas, cantai os fantasmas ; quero eu dizer — o que é eterno.

VIII. A grande ilusão da vida moderna, composta de fumo e ruído, pode interessar a pupila dos vossos olhos, mas não a luz do vosso olhar.

IX. Fumo das fábricas, gritos de sirénes, velocidades — sois atitudes da Matéria, impostas pelo espírito imitativo e simiêscó.

X. O homem foge do homem. Quer voar como as aves, correr como as lebres, penetrar nas ondas como os peixes.

O *homem-pássaro* é hoje o super-homem !
Eis a vitória do Pessimismo.

XI. Eu fui dado à luz eléctrica dêste século ; o denso fumo industrial satura-me os pulmões ; o ruído mecânico faz sangrar os meus ouvidos, — e eu não compreendo, não assimilo esta Vertigem, que é de ferro !

XII. Fumos das fábricas, gritos das sirénes, velocidades, qual a vossa intoação espiritual, o vosso etéreo significado ? Qual o sentido das palavras — Fôrça, Vitória, Actividade, que mo-

dernos vates apregôam? Sois ôcas palavras de metal... a bruta matéria a tornar-se nublosa, a incompreender-se.

Hulha negra feita nuvem de fumo.

XIII. Poetas, deixai cantar o vosso coração. A inteligência conhece a Liturgia, mas ignora a Divindade.

XIV. Cantai os Fantasmas e os Anjos ; cantai os obreiros da nova Redenção, — os que trabalham, em névoa de alma, o Relâmpago futuro.

Cantai o que não existe... O resto é cinza.

A NOITE LUSÍADA

I. O sol das Descobertas sumiu-se, no poente ;
o canto heroico e acêso entardeceu ; é mística e
nublosa canção, esparsa no crepúsculo ; e a pri-
meira estrêla brilha, através do seu ritmo som-
brio...

II. Marmóreas nuvens, cheias de outono, re-
cordam aladas perspectivas dum mundo que se
esboça...

III. Presentimentos, figuras, aparições, dese-
nham, no ar, as suas formas incendidas... As
árvores falam, no êrmo, e a noite parece ouvir
as árvores... Extáticos vultos montanhosos es-
culpem a face da distância, marejada de estrêlas.
Há rastos de almas na paisagem...

IV. Ó noite de Portugal, onde vagueia a som-
bra do Encoberto ! A sua voz é o vento, e a sua
espada, fulgindo, incendeia os negros horizontes.
O luar vem da prata póida do seu escudo, re-

flectindo tristezas e lembranças... É o nevoeiro, que sobe dos vales, é a turvação das cousas que o presentem... a sua presença, fantástica ainda, tomando relêvo e côr.

V. É êle, o rei da Saudade, coroado de estrêlas, que regressa...

A MEMÓRIA

I. A Memória é outro mundo, com outras criaturas.

II. A aparência material converte-se, na memória, em anímica aparição.

III. A lembrança duma criatura é de natureza divina ; as cousas que a sugerem, são altares, onde a sua imagem está presente, mas invisível.

IV. Quanta beleza beija os nossos olhos ! E êles, os pobres tôlos, apenas dão por ela... depois !

V. Há pessoas que, só depois da sua morte, nos aparecem *realmente*.

VI. O espírito vê melhor à sombra da morte do que à luz da vida.

VII. A lembrança é a côr essencial, a forma eterna, a matéria autêntica das cousas.

VIII. O *real* e o *imaginário* são duas sombras do mesmo corpo ausente.

IX. Ó reino Espiritual! Imagem do sêr! Libertação... Que estranha alegria sentirmo-nos imagem bem amada! O homem só é verdadeiramente feliz, não em si próprio, mas no seu espectro.

X. Anteviver a morte, eis a suprema voluptuosidade... Quantas vezes, me sonho desmaterializado, remoto, em corpo de lembrança, vagueando ao luar duns olhos, não sei onde...

XI. Vejo tudo o que passou: fisionomias, atitudes, gestos, modos de ser. Ouço vozes que passaram. O meu espírito anda, errante e perdido, numa floresta de fantasmas; quando a luz exterior, de subito, o ilumina, fica atônito e cego, e não distingue entre o mundo actual, que é de terra, e o outro mundo, que é memória.

XII. Ó Distância, que transformas em edênica manhã o pavoroso inferno solar! e o transitório vulto em eterna presença sublimada! e, em mística harmonia, as formas bárbaras do Som! Revelas o que é grande e escondes o que

é mesquinho. Os astros são os teus olhos, as longinquas montanhas a tua sombra... e desce, na luz do luar, tôda a melancolia de que és feita.

XIII. Tu, Abidêno amante,
Tu velas, neste horror, com a Saudade.

(Bocage, tom. II, das Rimas).

Eis aqui um verso antigo, em que a nossa Deusa adquire já personalidade.

A saudade de alguém ou de alguma coisa quebra a relação que a subordina e torna dependente, para alcançar existência abstracta, realidade espiritual, em si própria.

XIV. A Saudade, com letra grande, apparece-nos, ao lado de Abidêno. São duas entidades.

XV. *Ab initio*, vivia confundida e prisioneira; não era senhora sua, mas de alguém ou de alguma coisa.

Depois, com a plena revelação, conquista o altar dos Deuses.

XVI. Primeiros tempos de Coimbra! Passagem da solidão da aldeia para o tumulto da cidade! Tempos de espantos e estremecimentos criadores!

XVII. Ó meus olhos selvagens de Entre-

-Douro e Minho, cheios da sombra nua do Marão... sombra que enverdeceu e se vestiu de flôres, ao pousar nas águas do Mondego.

XVIII. Ó Mondego, as tuas ondas são quasi névoa, marulhando evocações... Lembram velhas ruínas, abrindo largas fendas, ao luar, que lhes dá um colorido de além-côr e uma vida de além-vida.

XIX. Coimbra, paisagem quinhentista da Tristeza... outeiros de saudade... arvoredos nascidos numa terra de alma... folhagens sentimentais, apenas sombra e palidez... Ó Choupal embalando o seu eterno crepúsculo!... Murmúrios de lendas... vozes mortas...

XX. Primeiro encontro com os Poetas.

Virgílio dos pegureiros, da idade de oiro, da solidão! Que mistério o da tua melancolia, aflo-
rando, em sorriso, nos lábios virgens de Astreia.

A estrêla do pastor brilha nas tuas eclogas, como sôbre o êrmo dos nossos pinheirais, isto é: saudosissimamente.

E João de Deus, rezando a mulher e a flôr! Camilo a rir o seu suicídio! Antero respondendo à sua dúvida pela bôca da Morte! E Bernardim, o ungido da Tristeza.

XXI. Primeiros tempos de Coimbra... Ansie-

dades inominadas... Sombra de Inês fazendo a minha noite... remotas lágrimas acêsas, nos longes do meu sêr... via-láctea a que pertence a minha alma.

Ó saudades da aldeia longinqua... Estrêla da tarde, sôbre os olivais de Santa Clara... Vulto chimérico de Virgem, turbando a paisagem, como que esparso em tudo...

XXII. Depois duma longa ausência, como é agradável a gente regressar à sua terra natal! Que nova graça têm, para nós, as velhas cousas conhecidas!

O quarto de dormir, a escrevaninha, antigos quadros na parede, o jardim, o panorama que se avista da varanda, — tudo nos desvenda uma inédita face que sorri...

XXIII. Desassete anos! Época tumultuosa, em que deixamos a infância, o áureo ciclo. Primeira saudade! Noite do Passado, ainda noitinha, cheia de luz ainda! Sombra da Queda separando-nos da Inocência... Pecados, tentações, lágrimas anunciando o Dilúvio... risos, alegrias, que já são lembrança, penumbras caídas do sol.

XXIV. O nosso mundo renovado entra numa nova fase; liberta-se dos antigos habitantes, e a *nova criatura surge.*

Olhai: ela aí vem, indecisa ainda na sua figura de aparição. É a virgem nublosa, a donzela entre o sonho e a realidade. Tôda ela é fantasia, mas já tem um aspecto definido e animado. Vêde a tristeza misteriosa que a cerca, avivando-lhe a formosura, como se fôra a luz que a vai mostrando...

XXV. Nesta idade, o coração devora fantasmas de beleza. Nem há nada que chegue aos nossos olhos, na sua exclusiva e própria forma. O nosso espírito, em pleno poder criador, tudo refaz e transfigura, dando a tudo a carne e o sangue do seu corpo. A matéria desaparece.

XXVI. É o período em que o homem *cria* e, por isso, *vive*; o seu período mitológico.

Os deuses passam, por êle, vestidos de ar, como cantava Hesiodo; uma alegria de sol cobre a face trágica das cousas, e a onda futura dos naufrágios ergue-se, branca de espuma, já grávida de Venus.

XXVII. Depois vem o crepúsculo, a esposa e a livre crítica... Os trinta anos ficam para traz; a nossa terra interior definha; a sua vegetação transcendente como que se imobiliza, rareando... e o mundo externo, através de largas clareiras, fere-nos a vista desencantada.

A virgem mística, em seu vulto imaginário, é

agora a esposa evidente. O cérebro do homem, em vez de criar vida espiritual, contempla, analisa as suas antigas criações, classificando-as de sombras mortas... Que admira? Para os olhos da caveira tudo o que existe — é OSO.

XXVIII. O homem, ao morrer, apaga, com o último suspiro, o mundo em que viveu.

XXIX. A sociedade, entretanto, domina a pobre criatura, enclausurando-a nas suas regras celulares.

O anjo da infância, o arcanjo juvenil, o sêr vivo, enfim, é já o cidadão, uma espécie de fóssil civilizado que, ao descer ao túmulo, enquista no saibro, que o não digere.

XXX. Eis o período siberiano do senso-comum, bem mais comum, ai de nós, do que se pensa!

O que, neste período, atenua a triste condição do homem, é a insensibilidade adquirida, que o torna indiferente ao abandono da alma.

O organismo fêz-se maquinismo.

XXXI. São raros aqueles que *teimam* em viver, sob a excomunhão do *Maior Número*, que os crisma de *malucos, poetas, criminosos, mágicos!*

Mas que admirável espectáculo, o do homem que vive, até à hora da sua morte!

Eu vos abenço, malucos, lunáticos, mágicos, criminosos, poetas! e os que saem para a rua, sem chapéu, por divino esquecimento! e os que vão a falar só, pelos caminhos... e os que olham a lua, latindo intimamente... e os que se não conformam, os que não seguem a lei nem o costume, — tôdas as criaturas onde o anjo da infância sobrevive.

PRIMEIRO REMORSO

I. Numa tarde da minha infância, roubei dum ninho dois melros, já vestidos de brandas penas, que tentavam imprimir, no ar, o remoto vôo herdado.

II. Pouco depois do crime, ouvi, perto de mim, um bater de azas aflito. Era a mãe voando em socorro dos filhos. Como o desejo de os libertar transcrecia, violento, em seu desgredinhado aspecto! Mas o mêdo à minha pessoa (horrendo bicho para ela, com certeza e com justiça) não lhe permitira o acto audacioso.

III. E a pobre mãe voava, voava... descrevendo, por cima da minha cabeça, negros círculos infernais, incertos e confusos, na penumbra do crepúsculo.

IV. Dessa velha tarde do meu crime, só me lembro nitidamente do vôo escuro da mãe. Ainda hoje sinto pairar, em mim, aquelas

negras asas aflitas! Do tórvo céu anoitecido, a pobre mãe passou a voar ao longo da minha memória.

V. E, quem sabe? talvez aquelas asas, depois da minha morte, sejam as próprias asas da minha alma, a caminho de alguma expiação, em outro mundo...

VI. Maior crime do que o roubo dos filhos, foi eu ter ligado o espectro da mãe à sombra do meu remorso!

Ele vive e viverá, no meu sêr, a sua antiga dôr. Ei-lo crucificado em mim,— e é possível que eu seja uma cruz eterna.

VII. Se o meu drama espiritual resultou daquele roubo, aos olhos do vulgo, indiferente, que terrível tragédia, para um grande criminoso, deve ser a vida!

Contemplai-lhe o *facies*. Percebe-se logo que, atrás dêle, se desenha a negra porta infernal, com a dantesca legenda!

Vêde a luz do seu olhar; vem suja de fumo... e a sombra do seu corpo, abre-lhe um abismo, aos pés. E, cousa estranha! adivinha-se, ao mesmo tempo, em tôda a sua fisionomia, um ar longinquo de inocência... semblante de anjo esparso num rosto diabólico.

VIII. Através do sêr criminoso, murmura a alma inocente.

IX. Um bandido guilhotinado, há anos, em França, momentos antes do suplicio, respondia às perguntas que lhe faziam : *je n'ai frappé! je n'ai frappé!*

Ê que, naquele momento supremo, a visão da morte acorda a alma, que se torna senhora da criatura, — e é ela, a alma, quem aparece a falar.

X. Ê sublime e odiosa a pena de morte : sublime, porque desperta a consciência no homem ; odiosa, porque o mata, precisamente, nesse divino instante !

XI. Se dessem ao criminoso a visão da morte, sem a morte?!

ANTEMANHÃ

I. O céu tinge-se dum vago sobressalto... É luz do dia? alvor funéreo da noite morta?... Que estranheza, que palidez, no rosto dos viandantes! É uma interrogação e um espanto...

II. As próprias cousas parecem occultar-se... Envolve-as uma aparência ofendida, como que um pudor maguado...

Nos recantos mais escuros, há fantasmas de Evas que se escondem... Todo um Eden espectral, nocturno, agoniza, disperso, na primeira claridade.

III. E o silêncio da manhã? E aquela nuvem, congelada de brancura, na linha negra do horizonte?... E o alvoroço frio da briza, numa fuga incerta, lívida de medo?... E os *bons dias*, murmurados na penumbra que se desvanece, quebrada no seu encantamento? Que misteriosa, sonambólica entoação de voz!

IV. Em tôdas as caras, ao *lusco-fusco*, percebe-se um ar estranho de quem chega dum outro mundo, já quási perdido, nos longes da memória.

V. O primeiro raio de sol e o primeiro canto de ave, colocam-nos, sôbre a terra firme e cotidiana.

VI. O sol é o esplendor da Vulgaridade.

ÊLE

I. Era, à primeira vista, uma criança, como as outras ; mas, quando de mim se aproximava, respondendo às minhas perguntas, — a impressão, que eu recebia da sua figura angélica e das suas palavras, causava-me, através do maior encanto, a mais comovida tristeza.

E eu contemplava-o, com ânsia e sobressalto, como se tentasse fixá-lo, prendê-lo à vida!

Tôda a minha ternura, em alvoroço, me subia aos olhos ; ia direita a êle ; era uma sombra vã, protegendo-o!

De que valeu ? Ah ! como eu sinto transmutar-se em culpa o esfôrço inútil !

II. Quando o vi doente, no leito, compreendi tudo. O que o instinto suspeitára, confirmou-o a minha consciência. A Criança sobrehumana apareceu-me, na hora da partida para sempre e para longe. A dôr eterna de o perder, acordou meu espírito, que me disse tudo, nesse trágico instante em que as lágrimas fulgem misteriosas revelações.

III. E eu vi então que existem criaturas enviadas a êste mundo, a fim de cumprirem um alto destino efêmero... São da família de Cristo. O anjo enviado do Senhor interpõe-se entre elas e as suas mães, com o calix amargoso; o seu berço é já a matéria da próxima cruz futura; e ergue-se, além dos seus brinquedos de alegria, a sombra do Calvário...

IV. Amor, eu estive presente no teu Drama! Lá estive, fantasma de Maria, petrificado de dôr! Vi a noite cair da luz do sol! Estremeci no grande terramoto, e a minha esperança sumiu-se nos túmulos entreabertos.

V. Estas Crianças vêm a êste mundo e não para êste mundo... O seu encontrô comnosco é milagroso; a sua figura, ao passar por nós, é longínqua... e a sombra que projectam, parece feita de asas querendo voar.

E se elas nos beijam, sorrindo, quem oferece o rosto é a nossa alma... Não nos pertence aquele beijo!

VI. Um olhar, um sorriso, uma palavra, — e eis cumprido o seu destino.

VII. Estas Criaturas são aparições, e nós não somos mais do que aparências...

A sua acção divina exerce-se directamente sobre a nossa alma, que se caía, guardando o angélico segrêdo, porque elas descem, à terra, para ignotos fins espirituais...

DA ALEGRIA E DA TRISTEZA

I. Tôdas as almas são igualmente perfeitas. Os *corpos*, diferem, sendo uns mais aptos, que outros, para a revelação da *alma*.

Há corpos opacos, que não deixam transparecer a mais branda luz espiritual. Existe, neles, uma alma perfeita, mas incapaz de actuar exteriormente.

Eis o drama da Estupidez! Quási todos os *estúpidos* têm um ar espêssô de tristeza, condensando-se-lhe, sôbre o rosto, em máscara inanimada.

A *cousa* encobre o *sér*. Ó divino eclipse!

II. Observai um Jumento... Que melancolia o envolve e sobrepassa, de orelhas caídas e compridas, profundos olhos abismáticos, como se fôra o seu espectro! Ó pobre animal, trotando ao longo da Via Dolorosa, o mundo sangra, ferido das tuas quatro patas!

III. Percebe-se a origem do epíteto *burro*... Isto sem ironia, porque, na sua origem, tudo é sério. A fonte chora.

IV. Mas o Jumento revê-se na sua grandeza... Aquele de que fala Victor Hugo, via a sombra das suas orelhas manar das venerandas cabeças eruditas; e, um belo dia, voltando-se para Kant, zurrou, com altivez: «Kant, eu sou um burro e tu não és mais do que um espírito!» A encarcerada alma da azêmola não trocava a sombra natural, em que vivia, por essa luz da Razão e do Artificio...

E o *Rocinante*, a pastar as máguas do seu Amo, nas bordas dos êrmos caminhos, ao sol-pôr? Como êle olhava, com indiferença, a erva tenra dos campos! O seu lameiro não era neste mundo...

E o *burro* do Velho Testamento não viu, diante de si, o Anjo, estranhando mais a cegueira do Profeta que a divina Aparição?

E o *cavalo* de Mahomet, imprimindo, na sêde poeirenta do deserto, pégadas cheias de água?

E o Pégaso onde cavalga o meu fantasma, porque eu, ai de mim, costume andar a pé.

V. Ó burros legendários, que pastais, sacudindo a cauda, na memória dos Poetas... Quando fitais as orelhas... é a música dos astros a ouvir-se. Apolo deita-vos feixes de luz, na mange-

doura, e os Anjos sacodem-vos o moscardo, com a ponta das suas asas...

Sois quási semi-deuses!

VI. Mas o *burro* é a criatura eleita da Tristeza, a estátua que ela modelou, com mais crepúsculo nas mãos.

VII. Ah, quanto mais rebelde fôr um corpo à acção do espírito, mais negro é o seu vestuário de desgosto.

VIII. Vêde agora a fisionomia dum penedo... a noite que ali há petrificada! É a estupidez marmórea, condensando-se até ao raio! a brutidade acêsa, já irmã do ígneo Verbo...

Os extremos tocam-se, em delírio, fundindo-se, impondo assim à Criação um ritmo e uma forma de harmonia.

IX. Mas não se confunda a escura tristeza da estupidez com a tristeza espiritual, a tristeza que doira a luz da lua, e fala no silêncio, e é *alguém* na solidão...

Aquela, nasce da impossibilidade de exprimir o mínimo da alma; esta, da impossibilidade de exprimir o máximo. A primeira, produz a inercia e uma sombra densa, aos nossos pés; a segunda, cria o desejo, a esperança: — à Tentação!

X. Quanto à alegria, meus amigos, ela vem de longe ; é a vida originária, surgindo, em nós, momentâneamente, em corpo de lembrança... São instantes edénicos, primordiais, que sobem do fundo do Passado à superfície do nosso sêr... e ali desenham o seu relâmpago fugitivo...

São as alegrias súbitas, sem causa conhecida.

XI. A alegria trespassa-me, torna-me transparente, chimérico! Há momentos em que o meu sêr, volatilizado, se perde, no ar, com os perfumes e as canções. É a fuga da alegria, o extase etéreo... a morte!

XII. Já ouvistes cantar um passarinho, de manhã? Há, no seu canto, o quer que é de milagre que pinta, de novo, as cousas. Sente-se a infância, o Éden... A nossa alma corre ao encontro daquela voz, vai através do sol, liberta-se...

XIII. Alegria significa afastamento... A sua sombra é um êrmo em flôr.

XIV. Sei dum sorriso, que lembra a luz da aurora... Que frescura alumiante! que mimosa graça etérea! Mas percebe-se, além dêle, os outros lábios que sorriem... os lábios de mármore e silêncio... É a *sombra* que nos persegue

e na qual nos escondemos de Deus, como Caim. É a sombra da morte, o *remorso de viver*, de receber em vez de dar, impondo, à nossa alegria, uma atitude humilde... de quem pecou.

XV. Um rosto alegre é, para si próprio, um espelho.

O riso da criatura, ao evoluar-se, no espaço, representa-lhe a sua efígie verdadeira... Eis o *trágico alegre*.

XVI. Eu vejo-me, na minha alegria ; estou comigo, enfim ! Também *sou*, na minha tristeza, mas, em vulto de nevoeiro, como D. Sebastião.

A tristeza oferece-me a quem passa. Não sou mais, nas suas mãos, do que uma esmola.

A tristeza é o Paraizo Perdido... o longe de mim... Alheia-me, indefine-me ; tem um perfil de névoa ; e, sob os seus pés, o mundo desaparece. Mas a alegria é luz esculpindo a realidade.

Alegria quer dizer — Expressão.

XVII. A alegria é a dôr de receber ; a tristeza é o prazer de dar.

XVIII. Há horas, em que sou apenas uma transitória forma casual ! Dir-se-há que a fôlha sêca do outono adquire consciência, no meu sêr, e vê, com os meus próprios olhos, a sua palidez

moribunda, o seu vôo incerto e o charco para onde o vento a leva...

Súbito, aparece, em mim, alguém que estava ausente. Arde-me o sangue, nas veias; exalto-me, aspiro, quero ser. E digo: *Eis a minha fragilidade; mas sou eu que a contemplo. Eu e ela sômos duas criaturas...* E, tocado de sobrenatural, pergunto a mim mesmo, irónicamente, como a pessoa estranha: *Quem és tu? Tu não és mais que a minha pobre sombra. Macaqueias a minha presença...* E rio-me de mim.

XIX. Êste poder que tenho de ser *alguém* que me observa, de grande altura, de outro mundo, talvez; — de sentir, em mim, o que é superior a mim;

esta potência de sonho que me redime e permite cantar, o que hei de ser, sôbre as ruínas do que fui;

êste poder misterioso de me conceber eterno, sendo mortal;

êste poder de me transportar às estrêlas, sem abandonar a Terra;

êste poder de extraír o espaço ao tempo, de ser o Passado e o Futuro, no mesmo *instante imóvel*, porque é infinito...

esta faculdade de jogar livremente com o possível e o impossível, subordinando tudo ao meu espírito;

êste esfôrço heroico e sobrehumano é uma

grande alegria ; — a alegria da vitória do Homem, na sua guerra contra Deus.

XX. A Sombra da Inspiração que me arrebatava, em seus braços fantásticos, — êsse espectro de mulher que me corôa a fronte de soluços e beijos, e me contempla, com negros olhos remotos ; — êsse vulto de segrêdo, êsse mêdo, êsse nocturno encanto, acende o mais íntimo sorriso da minha alma : é propriamente a sua alegria.

Oh, a alegria da Inspiração... Primeiro marulho de águas novas... O sol, o riso e o cristal.

XXI. Ó Virgem, que floresceste o meu passado ! Flôr coroada de flôres ! Vejo-te ainda vir ao meu encontro, nas manhãs da minha infância ! E vivo ainda aquêle alvoroço de outrora, ao descobrir a tua imagem, através dum ar que já não existe, em que as cousas se desenhavam a riso e luz !

Eis aqui a alegria ! a *alegria da lembrança*, a verdadeira, a que dá vida ao nosso espírito, para além do túmulo !

XXII. Eu ergo a minha voz funérea, para te cantar, ó alegria de viver ! Tôda a minha tristeza te exalta, ó alegria ! Tua luminosa figura retrata-se nas minhas lágrimas ; e a minha dôr persegue-te, como se fôra a tua sombra.

Ó alegria de viver! Concórdia, paz, entre a vida e o sêr que vive!

XXIII. E tu, ó alegria de afirmar! canto de vitória! divina palavra—*Sim!*

Ouço-te nos lábios de Eva ruborizada, baixando os olhos, perante o desejo do Homem...
E ouço-te, crucificada nos lábios de Cristo, perante o calix da amargura...

Sim à Dôr, ao Amor, à Vida, à Morte!

O MAR E A NOITE

I. Ó Mar, nos dias de inverno, quando o negro horizonte branqueja, e, açoutado pela tempestade, corre sôbre os litorais brumosos; quando singram, em direcção do pôrto, pobresinhos barcos, remendadas velas de pedir!... Como vôam, na asa do vento, cheios de gestos e de vozes! Que movimentos doidos, sôbre as ondas! Que referver de espumas assaltantes! Que ansioso espanto nos meus olhos!

II. Ó prenúncios de tormenta, rondando, em volta do sol-pôr, turvando o oiro do crepúsculo!

E a noite sobe das entranhas do mundo, tôda empoadada de cinza, com rugas de ameaça, na frente.

E o *Pavor*, a *Angústia*, o *Sobressalto* lembram nomes de navios...

III. Como eu vejo, na tôrva cerração, através das luzes de bordo, vultos apressados de marujos, pálidos perfis interrogando-se, um inquieto

tante silêncio frio, que dá relêvo aos primeiros ais do vento, nas cordagens.

E ouço o ribombo das vagas, nos costados do vapor, e os ruídos lúgubres, sinistros pios, gemidos trágicos, que esvoaçam, como aves de agouro, em tórno dos altos mastros vacilantes, subordinados ao ritmo da sua fragilidade.

IV. Ó noite lacrimosa, cheia do som do mar! É o mar, feito espectro, vagueando sôbre as casas... Suas mãos fantásticas batem nos vidros das janelas; e, no ar da minha alcôva, pairam soluços abafados.

V. Ó mar nocturno, crescendo, sôbre a terra, em chôros de melancolia...

Ouvindo-te, na escuridão, fujo para a tua imensa e líquida soledade...

Sou nuvem, a sombra duma onda... alma de Nereide transmigrada...

VI. E divago no mar... Vivo a vida liberta, que domina e envolve as cousas. Torno-me num sêr chimérico... As Sereias rodeiam-me, cantando, sôltas as limosas tranças...

O mar é um berço que me embala; e a voz do meu espírito é virgem, como a voz das fontes. Concebi-me Divinidade. Por esta noite de temporal, criei o meu fantasma neptunino, a quem as ondas obedecem.

E assim, enquanto medito, no meu quarto, paira, sôbre o mar, o meu fantasma, onde estou, mais presente e vivo que neste pobre corpo de acaso.

VII. Como as ondas têm, à noite, murmúrios de almas mortas! Pélagos de silêncio ganhando voz... molhadas ressonâncias de longinquas saudades, perdidas da sua origem, desfiguradas e sem destino.

VIII. Ó nublosa Saudade, que, ao luar, o mar exala, quem és tu? Que diz o vento, essa tua linguagem delirante... Fala do princípio do mundo, das primeiras idades, em que vivíamos, sem a doença da alma, em que tudo era luz, frescura, superfície.

IX. Ó Saudade do Mar! Divina Imagem aparecendo, ao longo dos sonoros litorais, a tua brumosa túnica flutua nas borrascas, e o teu gesto é de alva espuma... E as lágrimas sobem-me aos olhos, pondo-me em contacto de água com o mar... E sou êrma praia, que misteriosas lágrimas banham... Vejo-as rolar dos longes do meu sêr, lá donde é sempre noite...

X. Ó Mar, à luz da lua! Bailados de esplendor, sôbre as águas... A lua morta revive, no seio das ondas... e é sol!

XI. Ó luar sôbre o mar! Farrapos de brancas velas boiando, liquifeitos...

XII. À luz da lua, a tristeza vagueia, sôbre as águas, a tristeza anónima das cousas, o íntimo remorso que as ensombra e dramatiza.

Ah, como se pressente o pecado original, o pecado anterior ao homem, porque o homem é já expiação.

XIII. Ó tristeza das cousas, pálida sombra dêsse desejo proibido, que acendeu, nas trevas, a efémera luz da Alma, és como um reflexo humanizado de tudo quanto existe... Vejo o teu vulto, que o luar define em formas de remota melancolia... Ei-lo que vem, sôbre as ondas, ao encontro do meu coração, isto é, dêle mesmo.

XIV. Meu coração, que é só memória, em tudo, se revê. Cada sêr foi êle; por isso, vive esquecido de mim. Sou o *estrangeiro*, o desconhecido, ou, quando muito, o amigo da última hora. A tradição prende-o a tudo, menos à minha pessoa. Sou a janela, onde êle se debruça, a ver a paisagem da sua infância.

A presença do homem é feita de ausências... O homem é, para si próprio, a sua mais íntima saudade... Sinto que transparece, na minha fisionomia, a face cadavérica de *alguém*, que me deixou e *que sou eu*... Procuro-me, constante-

mente. Chamo por mim, no infinito silêncio. Só os ecos me respondem. São as cousas rejeitando a minha voz... Que hostilidade, que morte me rodeia! Tudo o que existe, é solidão... tudo o que existe e eu mesmo... Sou a voz que chama e o silêncio que não responde...

Ó criatura, como é que tu és, não sendo!... Sim, em verdade, tu não existes... O sol esculpe a tua aparência em formas de lembrança... Teu próprio esqueleto é funérea recordação... mármorea lápide, sôbre um velho túmulo.

O espírito que imaginamos ser, visita-nos, de quando em quando... Mas o seu ar é distraído, de quem não repara...

O homem é a sombra dum corpo ausente, é a criatura que descende... a *criatura aparecida* e não a *que aparece*... o homem, as árvores, as estrêlas...

Criação quer dizer — saudade... lembrança, esperança, o que foi, o que há de ser... fantasmas, sombras...

XV. Ó mar nocturno, à luz da lua! Verdes ondas scintilando recordações...

O vosso amargo sussurro nubloso, verbo escuro das águas, espraia-se, em meus ouvidos de alma, deserto litoral onde começa um outro mundo... e ali se converte na voz do meu Presentimento... Voz, de entre sombras, que anuncia...

XVI. A luz da lua desce ao mar, como um bálsamo que agravasse a ferida. A sua presença fantástica, junto da qual a névoa é mármore, se roça, de leve, a onda dormente, a onda acorda sobressaltada ; e, espumando, rola o seu delírio, o seu líquido desejo acêso, que se quebra de encontro ás fragas.

XVII. Ó onda, minha irmã, tempestuoso instante de amargura, eu sofro também duma remota doença, dum amor estranho que me foi comunicado.

Quando as lágrimas me sobem aos olhos, reflectem paisagens que eu nunca vi, e assim, no riso dos meus lábios, brilha uma luz, uma alegria, para mim, desconhecida...

XVIII. Os nossos pensamentos são Personagens estrangeiros ; passam, por nós, com indiferença, a caminho da sua pátria.

Como a barca infernal, sinto Sombras em alvorôço, no meu sêr... Donde vêm? Para onde vão? Mistério...

XIX. Ó mar, à luz da lua! Arroubo místico e nupcial das águas... Ó êrmos de água! Silêncios de água que choram! Ó mar erguido em névoa, quási humano pelo sonho, pela irrealdade em que se perde e vâa, sôbre o mundo.

XX. Ó mar nocturno! Lágrima viva duma dôr já morta, embebe-te no sorriso frio do luar!

Como as tuas ondas sangram luz, trémulas de divina dôr!

O luar trespassa-te, seus dedos espectrais comprimem-te o coração; e, aflito de volupia, um luminoso suor inunda-te, e caís, na praia, desmaiado.

XXI. Mas os ventos correm, sôltos, imprimindo, nas ondas, brancas pégadas de espuma.

Despertam os vozes do oceano... Seu borrascoso humor ensombra-lhe a figura alterada... A atmosfera é feita de soluços, como se houvesse naufrágios, no ar... E ouço, na escuridade gemebunda, bater alguém à minha porta. Alguém? São dois vultos: o mar e a noite...

XXII. E, dentro em meu coração, êles celebram as suas bôdas de nupcias. Todo o meu coração está cheio de abraços que se procuram, de beijos que se encontram... Não é o noivo nem a noiva: é o leito de noivado... leito sensível e humano, sofrendo eterna sêde, ao pé das águas eternas!

AO CANTO DA LAREIRA

I. Sôbre a lãrga pedra, já desgasta, um tronco velhinho arde... Que bailado alegre de chamas! Dir-se-há que êle tinha oculta, no seio, tôda a luz que recebera do sol, desde os seus tempos de arbusto.

Como a chama crepita! Vê-se que vai, no fumo, o seu pecado. Na alta chaminé sombria, pairam azas diabólicas... A chuva sussurra, e o vento é uma voz perdida... súplicas, gemidos, orações... figuras de alvorôços que perpassam, nas trevas.

II. Ê o ambiente da intimidade profunda, do divino alheamento, em que a minha alma, cantando baixinho, parece adormecer *alguém* que vive aflito. Eï-la que cerra as pálpebras e inclina a fronte docemente... Veste-se de silêncio, e dorme, e sonha... e comunica, lá fóra, com a Tristeza que lhe fala, vagueando, à luz da lua, em seu etéreo vulto esparso...

III. E eu, quási sem existência, apenas fito uns olhos ausentes na labarêda, louca de fumo, a crepitar desejos incendidos.

IV. Ó canto da lareira! Trono do meu espírito! Êle reina ali, coroado de estrêlas, e o mundo é o seu império.

Ali chegam as imagens e os fantasmas que vêm de longe... e a Saudade, a rainha enviada ao seu amor... Vêde-a... Traz o sol, no peito; rodeiam-na, bailando, as sombras das cousas, a lembrança, a esperança, lívidos mêdos de nubloso gesto, segrêdos entremostrando a face múrmura...

V. Em ti, ó velha lareira, suja de cinza e fumo, pelas noites de inverno, eu sinto que vivo, e a sombra que projecto, ao clarão do teu fogo, sorri, voltada para Deus...

DA PESSOA

I. Carnaval significa Sinceridade. O homem só é verdadeiro, quando se julga incógnito. Se tem de representar a sua pessoa, a arte absorve-o, e desvia-o do seu próprio sêr.

II. O homem, sôbre o mundo, representa a sua *pessoa*, isto é : *garatuja o que estava escrito*. É o génio simiêscio triunfando, a auto-caricatura, de *imaginária*, a tornar-se *orgânica*.

III. A arte dramática explica, por si, tôda a ascendência do homem, o único bicho da criação que imagina *corrigir-se, aparentar...*

O que parece encobre o que é.

IV. Ó Duse, como os teus gestos e palavras lampejam, no remoto horizonte dos séculos! Como tu *finges* a Vida!

Brincam os teus lábios com o riso, brincam os teus olhos com as lágrimas e o teu coração com o amor... Tôda a tua fisionomia é um bai-

lado de expressões... És a *pessoa* etérea, a aparência quási divina, imitando a aparição... o ridículo e indeciso habitante das selvas primordiais, adquirindo beleza e sentido.

V. A herdada faculdade de fingir criou a *pessoa*, a figura atrás da qual nos escondemos, — a figura que anda, pelo mundo, em nosso nome.

VI. Própriamente, a criatura é de natureza divina, mas depende do que foi, para viver. O Passado caminha, à sua frente, ocultando o que, nela, é superior aos anos e aos dias.

VII. A nossa pessoa é o nosso passado, o móbil das nossas acções, a criadora do Drama, onde somos um espectral personagem, odiando, sofrendo, amando, ou antes, *fingindo*, o que, em nós, é ódio, dôr e amor.

VIII. Os sentimentos não se manifestam exteriormente; só conhecemos dêles a pintura... *o seu fingimento*.

IX. Sim, a alma é sagrada, intangível... Nem o ar, nem a sombra, nem a luz lhe toca!
Se deseja aparecer, envia o seu retrato.

X. Nos retratos, é que o homem revela a sua *pessoa!*

Observai os grandes retratos, — o de Victor Hugo, por exemplo, apoiando, sôbre o index, a fronte scismadora. Tôda aquela seriedade espiritual transcende caricatura. Pressente-se o íntimo sorriso que a mina... Eis a máscara da Comédia!

XI. Ó velhos retratos de Família, o vosso antigo riso desbotado paira, nas télas e na penumbra das paredes... Lá se descobre ainda êsse longinquo instante da vossa *pessoa*, entregue ingénuamente às biabólicas mãos do Artista!

E eu fico a contemplar-vos... fico a ver o meu fantasma do Passado, a vaga Sombra irónica, isto é, meu sêr ainda esperança...

XII. Ó velhos retratos a óleo! Estiolada tinta definindo e animando misteriosas expressões... antigas atitudes de alma, fixadas a côr que a sombra aviva e a luz desmaia... Eu amo a vossa companhia, às horas do crepúsculo, eu que também sou, como vós, *um mau retrato do que sou*.

E os vossos olhos?... Só êles vivem, no meio dessas manchas de tinta morta...

XIII. Há retratos que me parecem contemporâneos; há outros, envoltos num ar que os afasta de nós... O seu perfil é sempre voltado

para além, para a sua época remota, — enquanto os primeiros nos olham directamente, e alguns, num sorriso perpétuo, como se acaso nos conhecessem... E falam... Nublosa voz que o tempo abafa...

XIV. O homem representa a sua *pessoa*; faz *toilette* para os outros... Passa a vida a impôr à sua Presença — que é Figura, a sua pessoa, — que é figurino.

XV. Criar: eis o mal da criatura, o êrro fatal que a diminui. Ela definha na sua obra.

O Universo é a obra, a *pessoa* de Deus e o único argumento contra a sua existência.

AS MÁSCARAS

I. A máscara humana é a vera éfigie da morte. Nascer é pôr a máscara. A criatura não desce ao mundo, sem vestir primeiro o seu hábito.

II. Eis uma coisa estranha! Porque é que tudo vive mascarado? Dir-se-há que as formas vivas necessitam de tornar insensíveis os seus pontos de contacto; e, para entre si comunicarem, é preciso que as separe a morte.

III. Quando beijamos uma face bem-amada, sentimos, *inesperadamente*, o encontro do quer que é de inerte, onde o nosso beijo desfalece. Aquele corpo, que nos incendiára, é quasi um blóco inanimado, junto do nosso peito. Percebemos então a marmórea distância que separa dois focos de ansiedade e ternura! É que elles ardem no centro de duas máscaras... e são elas que se tocam!

O excesso de íntimo ardor parece, às vezes, fundi-las; o lume irrompe; as suas labarêdas

se confundem... Mas tudo se passa, n'um instante de ilusão, e o que surge, de verdadeiro e perpétuo, são duas máscaras afastando duas almas!

IV. É necessário que, entre as vidas, medeie uma região neutral. Daí a existência de sêres diferentes, a variedade de ritmos demoníacos, compondo o divino Canto universal...

V. A máscara defende e firma a presença do sêr contra a alma destruidora. À interna fôrça dispersiva opõe-se a figura externa, que se concentra e aperta, sôbre si mesma. A evaporação interior morre condensada, nã superfície que vai adquirindo, em perfeitas formas inertes, o íntimo turbilhão confuso.

O nosso rosto é feito de lava arrefecida.

VI. Ó máscara, tu és a própria Beleza que se define, por humildade e caridade... a Beleza, limitando o seu esplendor, a fim de pertencer a alguém, sendo vista.

VII. Pertence-me tudo o que vejo... E se eu vejo, é que os sêres e as cousas põem, diante de mim, a sua máscara; entregam-se rendidas aos meus olhos.

VIII. A criação é um bailado de máscaras...

cósmico entrudo tenebroso!... a vertigem... um delírio de ritmos que se quebram e refazem... estátua de pó, turbilhonante, mostrando, à infinita cegueira, o seu busto de dôr, assente sôbre o Nada e o Sonho...

IX. Jesus foi o Verbo mascarado, entre os homens. Êle apareceu a Maria de Magdala, na manhã de domingo, com a máscara ainda rôta do Calvário... Através dos seus buracos, scintilava a Divindade que deslumbrou a Terra.

X. E eu contemplo o grande baile de máscaras... Vestidas de fogo, as estrêlas bailam, cantando, sorrindo luz.

O mundo, com o seu hábito de água e verdura, oferece a mão à lua, tôda embebida em morte, — e bailam, em volta do sol, a tremenda máscara abrazada!

Bailam as nuvens com o vento...

Bailam as árvores com a sua sombra, à luz da lua...

Bailam as ondas, verdes máscaras fugidias, trocando beijos de espuma...

XI. E vejo a máscara do riso, sinuosa lágrima alongada em perfil transparente de ironia... Caricatura do sol desenhada a sangue... Eis a dôr stratificada em riso, vagueando, absurda de contraste, à flôr duns lábios...

XII. Ó riso, imagem talhada, a golpes de alegria, em mármore de dôr, quantas vezes me escondo, no teu seio, para fugir de mim, dêsse fantasma que me persegue, desde o nascimento.

XIII. E vejo a máscara do medo, esculpida em sombra e palidez... a noite, o luar e o êrmo numa figura do Outro-Mundo...

E baila, diante de mim, lúbrica de silêncio e tentação...

XIV. E vejo a máscara da esperança, petrificada por haver olhado para trás...

XV. E vejo a máscara da tristeza... Sua túnica de crepúsculo, ondulando ao zéfiro arrependido, ergue, no ar, fôlhas mortas, poeiras de sonhos que lhe perturbam a imagem indecisa... esbôço outonal de Deusa...

XVI. E vejo a máscara da inveja e a do ódio que se confundem... Fisionomias, a arder, caindo em cinza fria, sôbre a terra... O pecado modulando-se em aparição suicida, — que a si mesma se consome...

A noite evita encontrá-las, e o sol suspende os seus raios, quando elas passam.

XVII. E vejo a máscara do amor... Divaga, ao luar das solidões, no meio do silêncio... Nos

seus lábios, ainda virgens de riso, paira o verbo escuro, numa eterna mudez, sem a nódoa de ser ouvido.

XVIII. Vejo infinitas máscaras que cercam, bailando, a minha máscara contemplativa, de espectral presença, abismática e parada, onde as outras se reconhecem, porque o meu sêr é uma lagôa, morta e sem fundo, reflectindo estrêlas, nuvens, ramos de árvores...

O ESPÍRITO E MORTE

I. Pergunta o homem ao seu espírito: «Que me dizes tu da morte?»

II. «— Eis uma estranha pergunta! O homem não compreende a morte, por isso mesmo que é mortal ;quando fala da morte, é como se falasse ainda da vida ...Só eu a compreendo, eu, — o espírito a quem ela obedece.»

III. «Dize-me então o que é a morte!»

IV. «— De que serve? Há palavras cujo sentido não entendes. Quantas vezes, surge, nos teus lábios, a palavra *Infinito*, cheia de espanto, sem saber... pondo ela mesma, à sua frente, um sinal de interrogação...

Eu vejo as *palavras faladas*... Vejo-as sair da tua boca, já inertes, porque a sua alma só me pertence a mim. Quando tu dizes morte, é como se disseses nada, tudo, finito, infinito... e quando eu murmuro, na tua intimidade, tais

palavras, tu ficas como abstracto, alheado... ou como quem vai, de noite, por um caminho e pára, julgando ouvir misteriosa voz.

De resto, várias vezes te disse o que era a morte... Mas tu não me percebes... Tornar-te-hei a repetir que a morte... és tu próprio!»

V. «Eu — o sêr que vive?»

VI. «— Sim; tu és o sêr que vive; mas o que foste ontem já morreu. Não lhe vês o seu fantasma? E a tua figura infantil? Oh, aí tens um antigo defunto, em velha campá desfeita... Até êste momento da tua vida, tantas mortes sofreste, que só tu, caro amigo, occupas um cemitério!

O homem, quando envelhece, não encontra, no mundo, senão fantasmas da sua Presença... E vens perguntar-me o que é a morte! Ê curioso como ignoras a tua mais íntima companheira.

Tu não és o sêr vivo, meu caro! Oh, a dôce chimera! Tu és o sêr que revive, a cada instante, ou, melhor ainda, o sêr onde a morte se repete.

O que tu imaginas vida é a morte deslocando-se, no tempo, a morte em acção, a exgotar o Futuro, êsse pôço das Danaïdes.

A vida, como vês, é também uma pena... Feliz de quem a souber cumprir!»

VII. «Reconheço, em ti, o espírito com quem me confundo, por vaidade.»

VIII. «—E tu és a criatura humana, o meu espectro... O teu reino é o da morte. Não receies a morte... isso a que tu chamas morte.»

IX. «A sombra do túmulo apavora-me!»

X. «—Sim, o que te causa pavor não é o túmulo; é a sua ideia, ou antes, como tu disseste, a sua sombra...

O homem gosta de macaquear o espírito... o que, na verdade, me faz rir... O homem, quando vê uma cousa, *cria* logo a sua ideia... Como se, entre esta e aquela, pudesse haver parentesco!

Meu caro amigo, o espírito ri-se das *ideias*, como as árvores se devem rir do lapis que as desenha... Eu estou mais perto do sol que da sua *ideia*... friorento sol pintado...

Tu, *animal*, contemplas o *espírito*, e desejas imitá-lo, simiescamente... Vêde a minha caricatura... o meu fantoche, diante dos teus olhos.

A contemplação do Espírito exalta e aperfeiçoa; mas não tentes imitá-lo.

Estás ao pé da tua Amante? Não *cries a sua ideia*. Não me obrigues a intervir no idílio... Seria, de resto, um esforço inútil. Mas todos os homens *fazem uma ideia* da sua bem-amada... caricaturam-na! Daí a comédia no Amor!

O homem também gosta de *pintar* a sua morte, e inventa, para isso, as mais lúgubres tintas...

Na luz solar não existe a côr negra; foi extraída da luz da alma...

Por isso, te digo, enfim, que respeites a morte; deixa-a na sua nudez inviolável... Não a enfeites com negros crêpes... Apaga o clarão dos círios que lhe revela as formas cadavéricas... Não *cries a sua ideia*... comprehendes?»

DA ORIGEM

I. *Ab initio, erat Verbum.* Assim o decretou S. João.

II. O espírito afirma, e ri-se da inteligência que discute... Êle vive indiferente ao seu vestuário de ideas. Estas, caem e renovam-se, como as fôlhas das árvores, mas o tronco é sempre o mesmo...

Na própria alma, há o quer que é de imutável, para além das *nuances* que a esfumam em vagas aparências novas.

III. A *alma* fala, exhibe-se, adora o mundo; o *espírito*, silencioso, do íntimo do nosso sêr, contempla... Às vezes, com um simples gesto, apaga tôdas as vozes da alma, que muda então de conversa... E a Vida põe nova máscara.

IV. Antes das cousas, já existia Deus, mas só depois do homem é que êle vive.

V. Deus é a última criatura e o primeiro criador.

Enquanto me comovo e rezo, enquanto Deus, de existente, se torna vivente, em meu espírito, nasce uma estrêla no infinito.

VI. A estrêla é um passo de Deus para o sêr ; a oração, — um passo do sêr para Deus...

VII. O homem existe e vive. A existência cria o tempo e o espaço ; a vida destrói-os.

A vida consome o espaço e o tempo que a existência acumula.

VIII. Todos nós, quer nas grandes alegrias ou grandes dôres, vivemos, por um momento, a vida absoluta.

O espírito, de quando em quando, tem d'estas fugas instantâneas, para além da morte.

IX. Todo o princípio é fim. Profundidade é nova superfície. A vida e a morte coincidem.

X. Esta questão da Origem mostra o desejo de definir, — desejo, que é o próprio móbil da alma, pois definir equivale a ver.

Ver! é a tentação da morte... e da mulher!

XI. A idea de origem representa um hori-

zonte erguido, pelos nossos olhos, no mais longínquo do Passado...

Quem sabe se o Futuro contará da nossa época a origem da Humanidade?

XII. O *existir* cria a *ilusão de Tempo*, a qual, por sua vez, cria a *ilusão de Origem*.

XIII. Por enquanto, no homem, a *existência* asfixia a vida, a coisa diminui e restringe o ser.

Nas nossas palavras, o vento murmura ainda, e a pedra, meus amigos, entra na composição da nossa sombra.

XIV. Em nós, a *existência* é um mar; a *vida* uma gota de água.

XV. As ideias são mortas caricaturas das coisas... pobres imagens fantásticas, eclipsando o espírito. Dentro da minha ideia de espaço, pouco mais vejo, além do meu jardim, e a minha ideia de tempo é mais escura que a sombra do quadrante... Quando digo *Árvore*, com letra grande, vejo, na minha memória, com letra pequena, as árvores do meu pomar... E quando penso em Deus, nas horas quotidianas, o meu pensamento abrange, por favor, as letras do seu nome.

XVI. Sim... as nossas ideias são as coisas, em

pálida e fria imagem. A triste criatura humana vive encarcerada nas suas ideas, numa atmosfera de artificio...

Mas nós sentimos bem que, em certos instantes da vida, o nosso espírito, num ímpeto abrasador, volatilisa tudo, e é só Êle, — êsse infinito incêndio, cujas faúlhas são estrêlas...

XVII. E eu lembro, sorrindo, êsse heróico-cômico gesto do Apóstolo, colando, na frente do Universo, a sua *idea* de Origem.

XVIII. Ó pobre Matéria, como te subordinas a tôdas as leis humanas! Como vestes a nossa loucura!

Ê assim que appareces a Deus?...

TURBA-MULTA

I. No princípio, era o Desejo ; depois, a *côsa desejada* ou, melhor, a *sua lembrança*.

II. O futuro é o passado que amanhece.

III. A mulher é o fantasma do nosso Desejo. Deus fê-la da sombra do homem.

IV. A mulher, puramente animal, é como as outras fêmeas ; mas a virgem, a donzela, é irmã dos Deuses !

V. Nunca ameis uma cousa ou criatura, em si própria ; amai-a, na sua recordação enternecida, pois n'essa recordação é que ela está presente, e viva, e digna do nosso amor.

VI. Se nos enlevamos na contemplação da criatura bem amada, é porque, entre nós e ela, paira sempre a *sua lembrança*.

VII. A presença dum sêr não destrói a saudade, que êle nos deixára, ao afastar-se... Êle não regressa a nós, inteiramente... A sua verdadeira Presença é longínqua e saudosa.

VIII. Nunca vi, diante dos meus olhos, a mulher bem amada. *Isso* que me parecia ela, servia apenas para eu sentir por ela mais saudades.

O murmurio da água aumenta a sêde.

IX. Ó meu pequenino amor perfeito, se te houvesse amado, em tua vida, como te amo, agora?! Tôda a minha ternura, que tu sentiste, em volta de ti, como sentias o sol e o ar, é nada para êste amor profundo, nocturno, em que o meu coração se mortifica, à porta do teu sepulcro!

X. Não ameis a cousa, na própria cousa; amai-a, na sua *presença de saudade*.

Eis o perfeito estado amoroso.

XI. Quem conhece tôdas as ideas, que têm dominado o homem, é já uma alta consciência, mas inerte.

Um homem, para cumprir o seu destino, necessita de adaptar ao Cósmos a máscara viva da sua alma.

XII. Pilatos perguntou a Jesus o que era a Verdade. O scepticismo não pode fazer semelhante pergunta, pois a Verdade é aquilo em que nós acreditamos.

XIII. A alegria, o riso e a lágrima : — as três formas porque passa o sentimento humano. A primeira é a nebulosa, a segunda a estrêla, e a terceira é o mundo habitado e arrefecido.

XIV. Os sêres e as cousas são esbôços apenas. O *definido* não existe na Natureza, porque ela é essencialmente mulher.

XV. O Tempo lembra um cavalo sempre obediente ao humor das nossas esporas. Sempre?... Não! Até áquele instante em que nos deita por terra...

XVI. «*Amai a Deus sôbre tôdas as cousas*». Decerto. Pois não é, em Deus, que o homem se encontra, sôbre tôdas as cousas?

É próprio do criador amar a criatura.

XVII. A acção do Poeta exerce-se no espaço crepuscular, que medeia entre os actos exteriores da vida e as fôrças misteriosas que os determinam.

XVIII. As cousas, que eu observo, causam-me viva impressão estranha, onde elas se continuam, transfiguradas.

XIX. A estrêla é diabólica, em seu frio resplendor etéreo ; mas a sua imagem, reflectida na água ,tôda cheia de irrealidade purificadora, é um sorriso de Deus...

XX. O homem não é o pecador : é o Pecado.

XXI. As nossas ideas e sentimentos, alterando-se, desproporcionando-se, desencadeiam êsse temporal do espírito, que se chama Loucura.

XXII. Todo o heróico esforço é quixotesco ; e provoca, por isso, as pedradas e a galhofa dos garotos.

XXIII. A caricatura faz rir ; mas não esqueçamos que o riso é a máscara da dôr, — a dôr tornando-se incôgnita.

XXIV. A Arte eleva-nos ao Homem, mas afasta-nos dos homens.

Na Natureza, há o ritmo e não a rima. É uma obra em versículos, como a Bíblia.

XXV. Onde a Matéria escura, feita luz de

espírito, descobre a noite que a criou, — ali vivem, num perpétuo idílio, a Dôr e o Amor.

XXVI. Julgamos ver, em tudo, alguma cousa de nós próprios.

É o remoto a empecer-nos!

XXVII. Enquanto a gente sonha, a alma das cousas comunica directamente connôco.

XXVIII. O homem é perfectível, porque vê, além dêle, a Perfeição.

XXIX. É preciso que o nosso espírito chegue a um princípio, em que o nosso coração acredite.

XXX. O homem é o inimigo do homem... Não me refiro às almas, é claro. Que importa que sejam amigas, se o são apenas entre si e em outro mundo? Que importa a duas rosas que os seus perfumes se beijem? Entre elas, há só espinhos.

XXXI. O amor, a ternura, a piedade lembram nuvens subindo da onda tempestuosa do sêr; o mais que êle consegue é contemplá-las, de longe, da fundura em que se agita, desesperado!

A pobre criatura humana verga dolorosa-

mente, sob o pêso da Bemaventurança... Caridade suportando um Eden, que é a sua própria obra intangível, onde ela vive, em fantasma.

XXXII. O nosso olhar como que assimila as cousas, integrando-as em nós.

Por isso, o homem é infinito. O mar, com tôdas as ondas e o céu, com tôdas as estrêlas, perdem-se na sua memória.

XXXIII. Contemplar é ser, de algum modo, a figura contemplada.

XXXIV. A primeira impressão encerra mais verdade que a segunda. O homem *despreveindo* vê melhor, porque os seus olhos não alteram a imagem recebida. No nosso íntimo, existe ainda a Sinceridade, embora prisioneira, debatendo-se de encontro ao artifício que a cerca. Às vezes, abre uma fenda no muro da prisão e irrompe, em labarêda, alumando a nossa morta superfície.

XXXV. A visão intelectual define as cousas sôbre que incide; rouba-lhes a côr e o perfume.

XXXVI. Nós fomos a Nebulosa e somos ainda a Nebulosa... Na nossa voz, murmura ainda a origem da vida. Em tôda a criatura, explende o beijo que aqueceu a hora da sua

concepção... Acende-lhe a auréola radiante do perfil, a claridade carnal, a *simpatia*.

XXXVII. Quantas vezes, me surpreendo, em íntimo diálogo, com a Tristeza!

Eu amo êstes instantes vívidos, a sós, comigo.

Amo êste orgulho de melancolia que empalidece e eleva a minha fronte, quando projecta o seu pensamento, na solitária noite infinita...

XXXVIII. Tudo o que há de humano, fora do homem, é que mostra a grandeza do homem.

XXXIX. É curiosa esta obediência do mundo ao nosso estado de alma!

A dôr da Virgem Mãe escureceu a luz do sol, e a sombra do nosso olhar dá mais brilho às estrêlas do que a noite.

XL. Vive em Deus, isto é, vive com teu espírito.

XLI. Ó palavras indecisas, nevoentas do sonho que as gerou! Verbo escuro do meu Presentimento, vestido em sombra nocturna, que o primeiro alvor já desbota...

Eu amo a tua imperfeição, igual à das cousas.

XLII. Só escrevo, às horas mortas, quando o grande silêncio nasce do último ruído que se extingue...

O silêncio é o Verbo divino, o sôpro de Deus que desperta o nosso espírito, — e beija-nos também na face.

XLIII. Muito se fala actualmente na alegria de viver! Mas a alegria aparece nas palavras, quando foge do coração.

XLIV. Há quem revele nos filhos o que, em si próprio, conseguiu ocultar.

O poder de dissimulação é infinito no homem. O homem é *um outro sêr* dissimulado.

XLV. Nos álbuns de família, os retratos dos que morreram, envolve-os um ar, estranho e delido, que os afasta dos outros...

A morte, depois de atingir a criatura, tenta apagar o seu retrato.

XLVI Esta saudade da infancia, esta lembrança triste dos passados momentos de esplendor, é um reflexo da pena que tem de nós o nosso espírito. Ele sofre, ao ver as ruínas do seu corpo natal.

XLVII. De facto, a alma humana é a imagem do mundo, *organizada* pelo espírito que, nela,

vive. Corpo, alma, espírito são três pessoas coincidindo.

O corpo existe ; o espírito vive ; a alma é vida e existência.

XLVIII. A amizade é o sentimento mais alto, — tão alto que é inatingível ! A sua luz não chegou ainda à terra. Pertence a outro sistema de almas.

XLIX. Nada mais insuportável que fazer parte da turba. Sinto-me, no meio dela, empalidecer, desaparecer...

No êrmo, a gente vive ; ali, adquire presença o que é ausente, e a nossa figura destaca-se de tudo.

L. Em sociedade, só depois de morto e com os mortos.

LI. As grandes desgraças são pesadêlos de que se não acorda. Alcácer-Kibir arrefece-nos ainda o sangue.

LII. As tempestades têm a sua origem no coração humano. As lágrimas de Virgínia formaram a onda, que a afogou.

LIII. O sêr não manda, obedece ; fluctua, sem jámais parar, ao sabor das águas infinitas.

Quando desejamos descobrir, em nós, qualquer cousa de imutável e perpétuo, apenas vemos um turbilhão de fumo, levado pelo vento...

LIV. Mudar é morrer. Se nos lembramos do que fomos, parece que percorremos um outro mundo.

LV. O Paraíso é o Êrmo. Já os antigos diziam : os Campos Elísios e não a cidade elísia.

LVI. A Vida não é um mal nem um bem. Vive-se pela Vida, como se morre pela Pátria.

LVII. Os passarinhos cantam, de manhã, numa grande alegria misteriosa. Ah, se eu pudesse ver o sol pelos seus olhos!

LVIII. O homem descende tão directamente da morte, que a obriga a intervir em tôdas as suas grandes obras. Compreende tudo, dum modo fúnebre. Uma acção, para ser verdadeiramente heróica, há de figurar, nela, a morte. A estátua do Herói tem, por base, um sepulcro.

A morte é um brinquedo infantil, ao pé da vida. O homem celebra a morte, porque está ainda na sua infância.

LIX. De entre os homens, o Poeta é o que vive mais próximo dos animais e dos deuses.

LX. Há, por aí, muitos poetas da Anedota que são a delícia do maior número, enquanto os poetas da Seriedade fazem a delícia vegetal das árvores, a delícia mineral dos seixos e das estrêlas e... porque não dizê-lo? — o prazer espiritual dos deuses!

LXI. A alma deve aparecer, na obra de arte, sem intermediários nem disfarces, e dizer sòmentes estas pequenas frases, em que ela se condensa. Não me refiro à lógica, ao número, à medida, aos moldes clássicos; mas ao próprio espírito intensificando-se até conquistar a máxima vida, dentro do menor corpo — a forma acêsa e cristalina.

LXII. O que eu mais amo, em António Nobre, é um dom que só êle possui: *a graça da expressão, a simpatia do verbo*. É esta sua graça revela o aspecto mais etéreo, não o mais profundo, da alma lusíada, — o seu aspecto feminino.

Encontro apenas, no autor da «Divina Comédia», um dom especial do mesmo género que sombriamente me deslumbra: *a seriedade escura da Palavra*.

Dante é o poeta genial do Catolicismo, essa degenerescência pagã do Cristianismo. Que é o *Inferno*, senão a suprema plastização da Dôr, a matéria do Cristianismo roubada a Jesus e entregue a um Deus Pan, nocturno e trágico?

Poetas! há só duas musas: a inocência e a desilusão.

LXIII. Em Rodin, o homem é o sêr abismado nas cousas, a alma semeada em fraguados nús... a terra erguendo o busto, humanizado e vivente, como na idade mitológica.

Phidias fixou a Forma hesitante; corrigiu... Os seus mármoreos scintilam a luz que define, num mundo em que tudo é indefinido.

Os de Rodin exalam a sombra que esboça, representam a vida, apanhada de surpresa, em flagrante delito.

LXIV. A sciência é como um túmulo, onde jazem as cousas e os sêres enclausurados em plumbeos nomes, que derivam do grego e do latim...

Olhai as pobres flôres, ao longo dos jardins, chumbadas à horrível etiqueta! Tôdas sofrem do nome que lhes foi imposto, e as suas pétalas chamam pelo outono...

LXV. O vestuário é hoje o complemento objectivo do corpo, a face que êle apresenta à luz do sol, a sua segunda pele.

As mãos e o rosto são os últimos vestígios da nossa antiga aparência.

LXVI. Um homem verdadeiro é um mundo

habitado pelo Espírito... o Olimpo duma Divindade e também, quantas vezes, o Inferno dum Demónio!

LXVII. O Amor, quando se faz paixão, torna-se doloroso, como tudo o que é grande de mais e geme, sob o seu próprio pêso.

LXVIII. A chama do Amor é roubada ao plutónico fogo. Quem ama, alista-se nas fileiras de Satan; quer forçar as portas celestiais.

LXIX. O que teria a dizer, àcerca do meu cão, do gesto da sua cauda, do verbo luminoso dos seus olhos, das suas atitudes transparentes, dos seus diálogos nocturnos, lá fóra, com as horas mortas que passam!

Mas falar de cães, depois de Maeterlinck, é ladrar.

LXX. Certos pássaros vêem o sol, antes de êle nascer. Erguem o primeiro canto, na sombra da madrugada. São Profetas.

O rouxinol observa a noite, com alegria. Conhece a luz que espalha, na treva, o seu cantar.

O môcho, pelo contrário, é o sábio, o pessimista. N'aquelles olhos, redondos e amarelos, há o espanto de quem vê fantasmas e a sombra vã de tudo... O êrmo e o remoto choram, nos

seus cantos agoireiros, porque a sua inspiração é feita de presenças mortas...

LXXI. As aves e as flôres! Eis o que nos ficou da Idade de oiro. As suas canções e os seus perfumes são formas aladas, espectrais, de todo o jardim do Eden...

LXXII. Há uma antiga rosa vermelha, ave-ludada, em cujo aroma está presente o mundo da minha infância. Dir-se-ha que o vejo desdobrar-se em paisagens, figuras humanas, gestos, vozes e alegrias!

Ó minha rosa eleita, quando te encontro, nas manhãs de Abril, incendida de côr, entre a verdura das fôlhas, o Anjo infantil que fui, estremece, no seu pequenino túmulo entreaberto; acorda, e contempla-me, sorrindo...

LXXIII. Portugal é a Paisagem e a Saudade.

LXXIV. Quando penso na morte, lembro-me do meu corpo e tenho pena dêle, coitado! Na alma não penso eu,—o que ela mais deseja é a morte.

A alma é cúmplice da morte, ou serão a mesma pessoa?

LXXV. O homem é o único animal que parece destacar-se das cousas. Tem relêvo próprio.

LXXVI. Morre-se de fome ou de fartura. Os Poetas morrem de fome lentamente ; os Doidos morrem de fome súbita. Dos que morrem de fartura não vale a pena falar. Bem lhes basta o prémio da morte, sem o encargo da vida.

LXXVII. Eu faleço, a todos os instantes, o meu desejo vai-se desfolhando em lembranças, e a terra, em volta do meu sêr crepuscular, cobre-se de íntimas fôlhas outonais ; mas, de cada lembrança caída, evola-se um novo desejo, como as aleluias dos túmulos entreabertos, e o que era, em mim, fantástico, ilumina-se de presença viva.

LXXVIII. A vida é uma vitória constante. Cada minuto de vida é preciso arrancá-lo às mãos da morte.

LXXIX. O Bem e o Mal existem na natureza moral do homem, que não é mais que a outra natureza, trabalhada pelo tempo.

LXXX. Neste deserto do mundo, apenas ouço o marulhar da água que mata a sêde ! Sinto-lhe a frescura que a aproxima dos meus lábios...

LXXXI. Oh, a visão integral da Vida ! Bem-ditos os olhos que a tiverem !

A DOR É A CARICATURA

I. Uma dôr é um ritmo que se quebra, pondo tudo em sobressalto.

II. Por isso, as cousas se relacionam com a nossa dôr ; a noite, que ela traz ao coração, inspira as aves agoureiras... A lágrima, scintilando em nossas pálpebras, comunga a Criação e, cheia de quanto existe, desliza-nos pela face...

III. A dôr é um ritmo que se quebra, e o seu fantasma é caricatura.

IV. O que aparece, ofende o *estabelecido*, o *adaptado*. O seu primeiro gesto é irónico e violento ; desencadeia hostilidades.

V. O sol, quando nasce, acorda os ventos e todo êle é riso!

VI. E a dôr, quando nasce, é tôrva sombra — confusão caótica, já rumorosa dum novo cântico.

Ela revolve e transfigura tudo. As suas mãos desvairadas moldam a matéria universal... enchem o espaço de Fisionomias.

VII. Como a dôr, em seu humor sombrio, esculpe as cousas!

Há outeiros que se erguem, à luz da lua, em plena tristeza da noss'alma...

VIII. A Criação é apenas um instante da minha melancolia. A fonte que me embala o sono, brotou da primeira lágrima que me trouxe, aos olhos, a visão do mundo... Dir-se-há que o seu nocturno marulhar é essa primeira lágrima, evaporada em som monótono e maguado.

IX. Vivemos entre um mundo que se apaga e um outro que se esboça. A terra é nubloza e passageira, debaixo dos nossos pés...

X. A Criação vem da dôr, e o seu vestuário é de riso.

XI. A noite pinta-se de sol, quando envelhece...

XII. Nós somos o mármore sensível, onde a dôr esculpe a sua caricatura... Ela revê-se na nossa imagem... É o seu alívio...

XIII. A morte representa a obra suprema da dôr. A última lágrima altera cómicamente as linhas da face cadavérica. O funéreo clarão dos círios sorri nos lábios do defunto.

Oh, a irõnia dos mortos!

XIV. O esqueleto é a pura forma caricatural ; — todo êle scintila riso.

XV. A dôr, a morte e a caricatura, eis a Trindade, as três pessoas fantásticas de Deus...

OS MEDOS

I. Noite morta de luar...

O mêdo esvoaça, em tórno de mim. As suas asas batem-me no rosto, que se apaga e parece derramar escuridão... Gélida palidez liquifaz-se na minha fronte. Eriçam-se-me os cabelos. Diante dos meus olhos, que recuam, negros de espanto, a paisagem define-se em vultos fabulosos.

Vêde um homem a braços com o mêdo.

II. E que é o mêdo? É o Deus anterior aos Deuses... a última Fôrça misteriosa...

Para fugir à sua sombra, Jéovah criou a luz.

III. O mêdo, quando nos empece, vem de longe; traz poeira da *via lactea*, na túnica fluante de sombras...

IV. O homem solitário canta; e o seu canto alumia; espalha os mêdos.

V. Deus criou a luz ; e o homem a canção.
A luz protege Deus e a canção protege o homem.

VI. O primeiro mêdo foi o primeiro sinal da consciência.

A vida, encarando-se a si própria, num primeiro acto reflexo, concebeu a morte, e fêz-se branca de terror.

VII. O homem é, para si mesmo, um sítio, êrmo e nocturno, povoado de estranhas Aparições... Empalidece de mêdo, ao vêr-se perdido na sua noite...

Ele é *alguém* que se ignora.

VIII. O mêdo leva a criatura, nos braços, para o túmulo. Mas por onde? Só êle o sabe!

IX. Todo o homem tem o seu mêdo que o dirige, a quem obedece.

O mêdo à morte faz o Heroi.

X. E que é o remorso de viver, senão o mêdo à vida?

A bondade e a piedade são as duas faces dêste mêdo.

Ser bom é viver a mêdo... é pedir desculpa de viver.

XI. O mêdo é a sombra do Desconhecido.

A mulher, para ser amada, veste-se de mistério.
O mêdo é também o amor.

XII. As árvores tremem de frio, deixando
caír as fôlhas; paraliza-se-lhes a seiva, nos
negros troncos solitários...

É o mêdo de florescer?

XIII. Do último raio de sol-pôr, nascem as
sombas nocturnas, que o mêdo popular anima.
E é certo que elas vivem!... Algumas, são um
encanto de tristeza! Representam, ao luar, o seu
drama indefinido. Há gestos de névoa, murmú-
rios de penumbra, na solidão...

Vagos mitos afloram, com as estrêlas, no céu
da minha aldeia...

XIV. Meia noite. Ouço cantar, lá fóra. A voz
humana toma um alto relêvo, na mudez extá-
tica da paisagem... É uma voz turbada... Sente-
-se que paira entre o homem e o seu Receio...

XV. Oh, a canção perdida, no escuro! Parece
o espectro duma voz! Dir-se-há que surgiu,
na sombra, por milagre! Dá mêdo a quem a
ouve... o mêdo que ela deseja afastar de quem a
canta...

XVI. E eu vejo a minha alma, aflita, rodeada
de mêdos que lhe falam... Vejo a sua trémula

palidez, à luz da lua nova, e o seu aspecto desgrenhado, perante o mistério e a dôr.

XVII. O mêdo reina ainda sôbre os homens e os Deuses. O seu vulto levanta-se, no espaço, e as estrêlas cabem dentro da sua mão, que risca, ao longo da vida, a orbita dos Destinos.

XVIII. Ó mêdo eleito da minh'alma, íntima sombra que me dominas, para eu cantar, não direi o teu nome; tenho mêdo...

Baixarás comigo, ao túmulo, envolto no teu silêncio virgem...

À SOMBRA DO MEU BERÇO

I. Quando abandono o meu retiro de aldeia, ao regressar ali, descubro, em tudo, um ar poeirento de quem já não esperava a minha vinda. No meu quarto, as aranhas urdem as suas teias, confiantes numa posse perpétua do lugar, e as ervas crescem, no jardim, como se meus pés não voltassem a trilhar aquela terra.

II. E apesar disso, como eu te amo, velha casa onde nasci! A tua figura de pedra e de melancolia, sentada à sombra das árvores, profundamente me comove... Há diálogos misteriosos entre nós... porque a minha lembrança te reveste e anima.

Através dela, tu *és alguém*.

III. Desejaria viver eternamente debruçado, na tua janela aberta, sôbre o Tâmega e o Marão!

A Eternidade absôrta e contemplativa, o alheamento sem fim, quem o pudera viver!

IV. Nesta velha casa, no meio desta paisagem materna, o que há de banal, no meu sêr, desaparece ; tomo a infinita seriedade das cousas, que mostram o vulto escuro, ao doirado riso do sol.

V. E ali me procuram as almas das criaturas que eu amei .. Convivo, que delícia, com fantasmas ! E, em volta de mim, se desenrola, em sonho e névoa, o scenário da minha infância... E nele represento a antiga inocência. Vejo a interrogação em que tudo se esboça, à luz duns olhos infantis... e canto !

VI. Ó velha casa, depois da minha morte, vaguearei, nos teus corredores, nas tuas salas, quando a sombra e o silêncio invadem tudo...

Debruçar-me-hei, nas tuas janelas, abertas sem ruido, vendo o luar de que sou feito, confundir-se com o luar encoberto das horas mortas. Vaguearei, no teu jardim ; e, entre as sombras das árvores, serei uma sombra a mais...

VII. Quem andar, de noite, por ali, encontrará o meu espectro meditativo, a erguer-se das cousas, que eu amei, durante a vida, porque foi, sob a sua influência, que a minha infância, flôr do êrmo, desabrochou.

VIII. Sim ; hei-de empecer aos viandantes ;

o meu gesto povoará de mêdos o ar nocturno...
o meu fantasma será a minha passada inspi-
ração...

Vestir-me-hei da sua beleza, para empecer
depois de morto...

IX. Quando esta aparência aflita fôr serena
aparição, viverei, nestes sítios adorados, sem
que os macule a minha sombra.

A luz do sol passará por mim, sem me tocar...

Só a lua da meia noite reconhecerá meu sêr
fantástico ; será o mármore da minha figura,
esculpida pela morte.

UM PENSAMENTO LATINO

I. A palavra é o som em flôr, ébrio de alma, a chorar e a rir; — o colorido, a forma viva do espírito.

II. Como a palavra de beleza perfuma a vida!

III. Entre os variados sons da Natura, a palavra é Divindade. Algumas, curam os cegos de nascença, ressuscitam os defuntos, fazem parar o sol.

IV. A palavra é síntese divina de tôdas as vozes.

O ruído converteu-se em oração.

V. Há palavras velhinhas que arrastam, pelos dicionários, o pobre corpo inanimado... Há outras, novas ainda, já delidas, que perderam a côr e o viço, nos maus poetas. Vêde, num verso banal, a palavra Saudade!

Como ela se torna vulgar e apagada! Que palidez mortal! Sente-se que sofre!

VI. Mas a palavra sincera é a luz e o alvoroço do homem, o sinal de que, nele, vive *alguém*.

VII. O homem silencioso lembra um lar extinto, escuro de sons arrefecidos. A sua própria sombra é composta da sua mudez, e desenha, temerosa, a face do Enigma...

VIII. Como a Palavra, mãe da Luz, tem sido caluniada! Tôda a gente a considera dum metal inferior ao do silêncio.

É o nosso pessimismo ousando atingir o Verbo!

IX. A palavra não mente ; revela a actividade da alma ; é a sombra exterior e viva duma íntima figura, o seu prolongamento em harmonia.

A palavra é divina ; e está, por isso, ao lado da Verdade. Se lhe escondemos, no seio, qualquer mentira, muda logo de intoação e toca a moeda falsa.

X. Por mais que eu fale de outras pessoas, de viagens, das árvores do meu pomar, etc., em última análise, o assunto da minha conversa sou eu próprio.

O fim da criatura, sendo ela uma criação sucessiva, é refazer-se, constantemente, por meio dos seus actos, dôres e alegrias...

Mas o Verbo trabalha e modela o homem, à luz do sol e à luz de todos os olhos.

XI. A palavra é a luz do homem, brilhando sôbre as cousas que estremecem e respondem ao nosso sobressalto...

XII. Quando, sósinho, falo alto, vejo, em tudo, meu próprio sêr que me contempla...

XIII. Quem fala pelos meus lábios não é quem ouve pelos meus ouvidos...

A misteriosa turba que nós somos!

XIV. Cada palavra percorre o Infinito, levando a nossa imagem autêntica.

Deus, por intermédio dela, nos conhece.

XV. Homens, falai! Como é bela a expressão da criatura, em tintas de harmonia! A sua fronte, a sua bôca, o seu riso, as suas lágrimas, encham-lhe a voz de formas e de côres...

XVI. A palavra é um retrato feito a sons.

XVII. O homem quando fala, resplandece e vive; mas o homem silencioso transforma-se em

ausência ; causa mêdo, como se fôra um espectro.

XVIII. O silêncio é o verbo demoníaco.

DA MINHA JANELA

I. Abro os olhos tórvos de sono ainda. A penumbra do meu quarto (últimos vestígios da noite) vai-se escapando, pelas frestas de oiro. Em volta de mim, os móveis familiares reconquistam suavemente a perdida fisionomia. Espreitam-me, através da claridade indecisa. Alguns, envelheceram... Às suas tintas desbotadas comparo as minhas primeiras brancas. Outros, conservam a sua antiga velhice inalterável. O seu vulto ergue-se, como que além do Tempo, esculpido em silêncio e indiferença...

II. Levanto-me do leito. Chego à janela. O sol inunda o meu quarto... Eu e êle sorrimos... Lá fóra, os passarinhos cantam a sua alegria ingénua e antiquíssima! As seivas reanimam-se, nos velhos caules, e as fôlhas amarelas do outono vagamente reverdecem. O vento define e azula os diáfanos longes montanhosos, florescidos de luz... Há uma ilusão de primavera na paisagem. Sente-se que ela sonha...

III. Vi passar, agora mesmo, a Silvana, tangendo os bois submissos, humildes, sob o influxo daqueles olhos, que parecem duas grandes gotas de orvalho, ígneas de riso!

IV. A pequena distância, eleva-se o fumo dum lar, desenhando, sôbre o telhado escuro, o fantasma aéreo da casa.

Perto de ali, a meio duma colina, Silvana guarda os bois. Como ela vive, e transmite a sua vida àquele pequeno êrmo!

Oh, a presença da Infância!

V. Conheço-a, desde os seus primeiros anos. A mulher desabrochou, quási de repente, naquele corpo de criança. A mulher, não : a aparência da mulher.

A côr da sua frente, a luz dos seus olhos, é puramente animal, sem sombras de alma...

Por isso, tem a sua fisionomia um ar de crueldade que a afasta de nós, que a torna intangível à nossa ternura...

Se algum rapaz lhe fala, responde, sem saber, com um sorriso encantador que desespera, porque é longínquo e para todos, como a luz das estrêlas... Ao pronunciar qualquer palavra, percebemos que ela se dirige a nós, indiferentemente, por acaso... É um canto de ave.

Mas a sua indiferença resulta, segundo creio,

do seu exterior aspecto ; é uma atitude da sua figura, onde as linhas, as formas e as côres se conjugam para criar a beleza que, de impecável e remota, nos ofende.

O irmão mais novo faleceu-lhe, o ano passado. Eu vi a grande dôr que a afligiu. Vi-a, junto do pequenino morto. A graça do seu perfil transparecia, mais viva e lúcida, através das lágrimas... Eram lágrimas de inundação... Dir-se-hiam tombadas do alto e não saídas de íntima nuvem tenebrosa.

Lembro-me bem dêsse aborrecido momento, do pequeno cadáver, num pobresinho leito, que um horrível grupo de velhas (as bruxas do lugar, talvez) rodeava, espalhando o mau agoiro da fealdade, a trágica fealdade envelhecida, surgindo, à luz dos círios...

Um ar cinzento penetrava pelos postigos entreabertos e tornava-se lívido, na penumbra interior. Uma gota de chuva caía, de quando em quando, no soalho sujo de pégadas lamacentas. E o seu húmido murmúrio de ruína, casava-se com os soluços de Silvana, tão aflita, dentro da sua indiferença!

Sôbre o tenro corpo inerte da criança, pairava uma atmosfera tôrva de inverno. Nos seus lábios roxos, aflorava um sorriso distante, sem destino, e em suas mãosinhas de cêra, via-se o terrível desapêgo a tudo...

Mas não posso esquecer a imagem dolorosa

da irmã, depois de lavada pelas lágrimas! A água aviva as côres...

O seu coração vive e sente, afinal... De que serve?... A vida morre-lhe, à superfície do rosto; ali, se condensa e arrefece em formosura de Deusa, fóra do nosso alcance...

E assim, a tua beleza, Silvana, vai alongando o êrmo em que apascentas os bois... porque tu metes mêdo!

Amar-te, seria amar aquele impossível de que fala a cantiga do Povo:

Quem adora o impossível
Que esperança pode ter?
Vive numa saudade,
Gosa pena até morrer.

E, ai de ti, também, se, um dia, amares! Teu coração há-de querer aproximar o que a tua pessoa, inatingível, incapaz de ser possuída, afastará...

Morrerás da tua beleza!

VI. Eis o que eu pensava, debruçado na minha janela, com os olhos no vulto distante da Silvana, e nos altos píncaros do Marão, que formam trechos de paisagem lunar, onde apenas vagueamos em saudade...

VII. Quando contemplo esta aldeia, pelo outono, não sei que tristeza me anoitece...

VIII. As cousas que cercam a minha alma, são a areia do meu deserto.

IX. Eu choro sôbre a indiferença das cousas...

Na morte em que elas jazem, vejo ainda a sombra da remota vida que viveram... sombra que se projecta, em meu espírito, e é o seu hábito de melancolia.

X. Vós sois as ruínas do Passado! Há fragedos que parecem restos de templos, altares cheios de musgo, estátuas de ignotos deuses carcomidas.

XI. Todo o sítio êrmo é legendário. O seu silêncio é feito de vozes mortas.

Ali divaga a Tradição, a mulher fantástica, irmã da Musa que me inspira. Em mim, o seu gesto é vivo e aponta para o Futuro.

XII. E vejo a curva dos outeiros, imitando esqueletos de antigos mares... Nas suas formas ressequidas, palpita ainda o ritmo da onda.

XIII. Velinhos montes do princípio do mundo, extintas lâmpadas manando sombra e silêncio, refugiou-se, nos meus olhos, a vossa antiga luz... Ali, scintila a sua última esperança; ali, nos meus olhos, a luz primordial é um luar

saudoso, banhando as cousas, que imaginam ressurgir...

XIV. Velhinhas existências, encarquilhadas, pétreas... Rochedos, vales, outeiros, serranias, sois negras ruínas do antigo astro, architectado em labarêdas.

XV. Em tudo, paira a noite, o arrefecimento... E o meu verbo, ó pobre terra, mísera estrêla apagada! é um pouco da tua gélida cinza, que eu espalho, neste ar mortuário e surdo.

XVI. Sempre que abro os olhos, vejo o berço natal da sua luz e o tûmulo das suas lágrimas.

XVII. Como se lembra ainda o meu coração de ter sido lava incandescente, turbilhão de sol, repercutindo-se em longinquas primaveras!

XVIII. Mas o próprio Amor é sombra... Tudo, neste mundo, provém duma luz que se apagou... Por isso, eu vi na Sombra a essência das cousas, a luz da vida, — a alma!

XIX. A Sombra é o *génio* do meu lar, o meu *demónio*, a *Voz*... Gira, nas minhas veias, com o sangue, turva a lividez dos êrmos, floresce as árvores.

Eu penso e sinto, através dela, porque nasci com êste poder de morte que me inspira e permite ver o meu fantasma, divagando no Além...

XX. Ó cousas, frios destroços dum grande incêndio extinto! Tendes sinais de fumo, nódoas de pecado... Como eu vos amo, na vossa humilde escuridade, expiando ignota pena...

XXI. Quando passeio, à luz da lua, na sombra dum pinhal, comparo a noite e o silêncio do mundo com o seu estado angélico de estrêla.

E as duas Imagens encontram-se, no meu espírito; — uma, sorrindo aurora, coroada de lírios e rosas; a outra, de olhos descarnados, chorando lágrimas de treva.

A Virgem na flôr da idade e o Esqueleto representam, no meu sêr, um misterioso drama...

XXII. Tôrvo de vagos pensamentos, enevoado como o vale do Tâmega, no inverno, abandono a janela; mas a voz amanhecete de Maria, que se dirige, em alvorôço, ao meu quarto, dissipa o nevoeiro que me encobre. Revivo. Esta íntima velhice de alma perde as rugas e as brancas... Sou apenas instinto, expontânea luz espiritual.

Vejo Deus pelos teus olhos, Maria, e beijo a Deus, na tua face...

O DEMÓNIO

I. O Demónio existe. Quem não vê, em tudo, a sua figura?

II. As raizes das árvores lembram garras diabólicas, voltadas para o Inferno.

O rio mais idílico, de vez em quando, empalidece, como que pára, turbado e intimamente enegrecido...

O próprio sol, no seu mais vivo esplendor, diz palavras más ao nosso sangue; injecta-lhe tenebrosos filtros.

A flôr é irmã do crime.

III. É o sorriso da treva? É a ironia satânica das cousas, nascendo, por contraste, da nossa dôr? É o que há de castigo, de pena infligida, na rocha bruta?

O Demónio existe...

IV. Nas minhas horas de meditação, em que o meu sêr se transcendentaliza e comove, e é

mais um queixume de reza que uma presença esfíngica, a si mesma, devorando-se, — vêjo, em tôda a parte, vagas fisionomias de Demónios, espiando a minha sombra, que lhes sorri...

V. Há outros momentos, em que a minha alma, alumando-se, imagina alumiar... e descobre, num delírio de encanto, perfis angélicos de luz, brancas tremuras de azas, floridos longes paradisíacos... todo o céu a entreabrir-se...

VI. Nas horas vulgares, adoro o pôr do sol, a noite, o luar, os vales e os pinhais; sou também uma face do Demónio, e um amor fraterno me prende a tudo.

VII. Também te amo, Satan! Tu és um Deus de luto, um Deus que sofre... As tuas azas, quando se abrem, forram de negro o céu, e as tuas lágrimas acêsas ferem a escuridão, que sangra lume.

VIII. Ó êrmas cousas da Natura, expressões demoníacas da Vida, quem vos ama verdadeiramente não sou eu: — é a minha sombra, em luta com o meu espírito!

IX. E vós, sombras da noite, bailai com o meu fantasma, à luz da lua!

Ele vive, em mim, monologando, extasiado na tua imagem, Ofélia!

Mas as suas palavras morrem-me, nos lábios ; são como reticências de silêncio, separando as outras, — as que têm relêvo e som.

X. Ó minha pobre sombra, como te casas com a terra, enquanto a luz dos meus olhos, luminoso anseio de alma, foge para os astros...

E fico a hesitar entre a minha sombra e a minha alma!

Isso que é, em meu sêr, fragilidade, contingência, dôr, seduz-me!

Eu adoro a mulher, em mim próprio.

XI. O que passou, o que há-de vir, é a substância da Saudade.

O eterno compõe-se de formas transitórias.

XII. A Presença torna-se Ausência, a fim de conquistar a Eternidade. Por isso, o homem se esconde de si mesmo. Repugna-lhe o estar presente, isto é, o ser mortal.

XIII. ...ausência da creatura
Mas presença de Deus...

(As Sombras).

Sim : Deus é a Ausência infinita e Satan a infinita Presença.

Eis porque amo também o Demónio. Amo-o nas nuvens, nas árvores, nas flôres, na terra e no meu corpo...

Que serei eu? Talvez uma ruga da sua frente.
E o sol? Talvez um riso dos seus lábios.

XIV. A Deus só pertence o meu fantasma.
Vivo nele em saudade.

DA PRESENÇA

I. Ter atitude, saber estar, eis a questão.

II. Trata-se da presença do homem, a qual principia no seu mais vago pensamento e finda na extremidade mais vaga da sua sombra.

III. O homem de hoje lembra uma estátua mutilada. A presença, definhando, substitui-se pela ausência... e o planeta despovoou-se!

IV. Impõe-se a cultura da presença.

O homem precisa de saber olhar, antes de tudo, para a sua sombra. Através dela, alcançará o seu espírito.

V. Já viram o concílio dos Deuses, de Phidias? O que faz a divindade daquelas Figuras é a sua atitude, o saber estar...

Em Jupiter, Venus, Apolo, Minerva, há um ar de quem comungou a sua sombra. É *este ar* é o sobrenatural que os envolve, o divino esplendor que os transfigura...

VI. A presença tem uma face próxima e cotidiana, que a luz do sol define, e outra remota, intermitente, que nos aparece, com o delírio, e abrange tudo.

E tem ainda outras faces, que, ora se ocultam, ora surgem, veladas de mistério...

Mas a sua íntima fisionomia conserva-se, inalterável, através das suas passageiras projecções no mundo.

VII. O homem não *vive* no mesmo lugar em que *existe*... Olhai a máscara humana... Percebe-se que ela esconde um rosto indeciso e longinquo.

VIII. A ideia de presença está ligada à ideia de cousa ou sêr presente.

Todavia, eu concebo a presença pura, abstracta, liberta!

A saudade que eu deixar, será a minha presença verdadeira. Eu e tudo o que eu amo, seremos, nela, uma só criatura.

E a Saudade não morre, porque é feita da essência da Morte.

IX. Quantas presenças abstractas me rodeiam!

Vivo na sua companhia. Às vezes, surpreendo-me a falar com elas.

Sou o lunático, a falar só...

As minhas palavras, pairando, na solidão,
revelam encontros de almas, que se ignoram e
procuram, desde o Princípio, talvez...

Religiosos momentos!

O MEU FANTASMA

- I. E então, em alta voz.
Puz-me a chamar por mim, que estava a sós.

(Sempre — 1.^a edição).

O fim da vida material é perpetuar-se espiritualmente.

Ser imagem liberta! Vêde o sonho das cousas prisioneiras!

II. A criatura ama e sofre, para criar a sua *presença de saudade*, que a integre definitivamente na Vida, e lhe dê um lugar, no Reino Espiritual.

III. Ó Sirius, como te consumes, no teu desejo acêso, há biliões de séculos, sempre à espera duma lágrima, onde, reflectida, ressurjas para a dôr e para o amor!

IV. E, nos meus olhos, ó sol, a carne viva da tua luz, fêz-se visionária sombra.

O meu olhar é o teu espectro, desenhado a lágrimas... Criaste, em mim, o teu fantasma... a tua claridade sempiterna.

V. Também eu me consumo, a criar o meu fantasma.

Antevejo, ao luar, divagando, entre sepulcros, minha presença pálida de sombra.

VI. Ó meu espectro de amanhã, em ti, eu já sou morte! E sinto, sob os meus pés de névoa, a ilusão do Outro-Mundo...

VII. Entre o meu sêr e o sol, medeia já o meu esqueleto, fazendo o grande eclipse.

VIII. O esqueleto é luar petrificado. Apoia-se o nosso corpo na infinita tristeza cósmica. É ela que o sustenta, de pé, à luz do dia, e lhe transmite o divino alheamento, a abstracção, este contacto sonâmbulo com Deus.

IX. Um brando musgo sensível cobre a eterna fraga que nós somos.

As *cousas* mascaram-se de *pessoa*, de vez em quando. As mais discretas vestem-se de árvore, nas solidões...

X. Eu conheço a criatura. A sua máscara não me ilude.

Ai do olhos do Amor! Só êles podem ver a Indiferença! a intimidade morta de quanto vive, o esqueleto!

XI. Êste meu fantasma que, na terra, vou criando, convive, em segrêdo, com as cousas... Elas sentem a sua dureza de alma embrandecer e exteriorizar-se, em formas lampejantes de visão. E seus vultos espectrais confundem-se comigo, multiplicando-me em vagas presenças, que me falam, e nas quais *estou presente...*

O homem vive, além de si...

XII. Ó meu espectro, meu corpo verdadeiro, quantas vezes, me abandonas, para que eu fique, a sós, comigo, e seja, para mim próprio, uma simples lembrança.

XIII. Mas esta lembrança, névoa morta do crepúsculo, abraza-se de aurora... é já esperança.

E o meu fantasma, regressa, de novo, a mim. Tôda a minha fragilidade se esconde no teu sêr eterno. Eu sou tu, isto é: sou eu, sou eu!

XIV. O homem *só está presente e vivo* nas lágrimas, que manam da sua ausência.

A dôr e o amor são a carne e o sangue do seu

corpo, fantástico e divino, que aparece, diante de Deus.

XV. Quem se lembra, — existe ; mas quem é lembrado, — vive.

XVI. Ó meu fantasma, como a tua presença de morte me dá vida !

Quando o teu vulto de ilusão se abraça ao meu, e todo me integro nessa penumbra de que és feito, — eu sou Alguém... Vivo mais do que existo. Ouço e vejo, fóra dos sentidos... Meu sonho é a alma do Universo. As estrêlas brilham, àquem dos meus olhos... no fundo escuro do Passado... A minha sombra é elevação de espírito, envolvendo-me, e desenhando o meu perfil, à luz dum outro sol...

EURIDICE E ORFEU

I. A luz dos olhos devora tudo.
Ser visto é quasi morrer.

II. Ai do pensamento que se mostra definido!
Torna-se estéril e mesquinho...
Definitivo quer dizer esqueleto.

III. Mas a nublosa inspiração mergulha-nos
numa atmosfera de milagre, onde se esboçam
novos mundos... Eis a matéria de novas cria-
ções.

IV. A luz da alma odeia a luz dos olhos.
E esta inimizade é a essência trágica da vida,
— a dôr!

V. Virgílio, o nosso grande Antepassado, o
espírito *moderno* da Antiguidade, cantou a lenda
sublime de Euridice e Orfeu, êsse eterno conflito
cósmico entre a alma e o corpo.

VI. A maravilhosa figura, em que se vai

condensando, etéreamente, o som divino da Lira, mal atinge a definida Fôrma eleita, de súbito, se desfaz em névoa : desaparece!

Ai de ti, Orfeu! Tentaste vêr o que não é para ser visto!

VII. Virgílio atribui o papel dramático a Orfeu. Para mim, é maior a angústia de Euridice, quando, já perto do amante, se esvai, de novo, em sombra pálida.

Vêde-a, no momento em que a luz da consciência se lhe substitui à insensível noite que fôra, e o seu primeiro olhar de aleluia se dirige ao Vulto amado, que a chamou...

Vêde-a, limpa de tôda a sombra mortal, envolta em cantos de alegria, já a caminho da Terra.

E vêde-a, sob o primeiro olhar inesperado de Orfeu, amortecer, sumir-se, para sempre, na plutónica penumbra!

Não sentis a angústia suprema de Euridice, morta de haver sido vista pelo seu próprio amor, ou, de o ter visto?!

Para ela, vinda do reino de Plutão, talvez Orfeu apenas fôsse uma aparência, mais vã que a imagem lívida dos mortos.

VIII. O desencanto de Euridice foi o desencanto absoluto. Revelou-lhe que a vida é ainda menos do que a morte!

Orfeu, contemplando-a, despiu, diante dela, a

amorosa canção, que o disfarçava em Divindade. Apresentou-se, em pobre corpo carnal, mais transitório que os fantasmas.

IX. Na tradição virgiliana, a dôr verdadeira encarnou em Orfeu.

Euridice não é mais que uma sombra, um fumo de remota visão desfeita, sem entranhas para o sofrimento. Ela é como um sonho, enfim, — essa realidade em que o homem, simples figura imaginária, não pode acreditar.

X. Mas, através do nosso sentimento, Euridice é a *Lembrança* e o *Desejo* é Orfeu...

O Desejo, incidindo sôbre a Lembrança, dá-lhe presença animada e criadora. A Lembrança é a fonte da esperança.

XI. Esta antiga tragédia mitológica, transfundida para o sangue duma Raça, idealizou-se, humanizou-se, provocando o advento redentor da Virgem Lusíada — a Saudade.

XII. A Saudade é Euridice e Orfeu, vivos um para o outro, presos num abraço eterno, à luz do sol!

XII. Mas, ai de mim! Eu vêjo ainda, na minha alma, Euridice de luto, e vêjo Orfeu crucificado no silêncio em cruz da sua Lira,

O CORPO HUMANO

I. As linhas do pé descalço desenham tôda a nossa fragilidade.

O andar é uma hesitação que se desloca.

Percebe-se a obra indecisa...

II. O homem é a tentativa dum outro sêr, longinquamente realizado, em outros mundos, talvez...

III. As linhas da mão desenham a garra que se retrái, queimada do fogo que roubou.

A fronte é um pequeno espaço, principiado para não ter fim...

O nosso olhar não é luz ; é sombra que imagina ver.

IV. Nas órbitas da caveira, paira ainda, em névoa morta, a visão do Paraíso, que aflora, de quando em quando, aos olhos da criatura, e é o centro maguado, em volta do qual se condensam e arredondam as nossas lágrimas anónimas

V. Mas, no riso da bôca descarnada, está presente ainda o pensamento irónico de Jéovah, criando a sua caricatura. Êste pensamento irónico abrange todo o esqueleto ; e, se é um riso aberto, nos ossos da bôca, é um longo sorriso, através da espinha dorsal, lançada maliciosamente na direcção dos astros.

VI. Oh, a visão da caveira! Como ela surge, nas fisionomias, mostrando a distância que nos separa do sepulcro!

Mas o rosto duma virgem, na flor da idade? Que florescentes formas translúcidas de sangue vivo! Que tenra pele, vicejando alegria e côr! Parece que a ilumina o sol, por dentro...

Tanta belêsa e vida podem lá esconder uma caveira!

Na verdade, o esqueleto aparece com os anos. As dôres, envelhecendo, vão formando, em nós, a trágica dureza íntima dos ossos... O corpo, ao pressentir a morte próxima, defende-se dela, empedernindo, fixando-se em matéria bruta, incorruptível.

VII. Ó pobre animal humano, mísero esqueleto de sarcasmo, sob o doloroso disfarce da carne, essa ilusão tombada da luz do sol!

VIII. A alma, enquanto vive humanamente,

em nosso corpo, não ignora o duro riso que a cerca...

É isto a ofende, e lhe dá um ar altivo, quando se dirige a Deus.

IX. O riso é a origem de tudo. Fulgura no interior das pedras, lampeja no silêncio, orvalha de fogo a sombra.

X. Ó riso, como tu amas a palavra e a feres, para que ela scintile e queime!

XI. A ironia de Jéovah ficou na sua obra...

O homem ri também, porque nele se revela uma ascendência sobrenatural, o poder criador.

XII. Eu vêjo a dôr e a noite, mordidas de estrêlas e de risos...

A estrêla, por fim, devora a sombra nocturna, e o riso consome a dôr, infiltrando-se nas lágrimas, que se evaporam.

XIII. Se a dôr é carne, o riso é esqueleto.

A dôr é a imagem do riso, o hábito que êle despe, quando se vai deitar no túmulo.

XIV. Ó riso, origem de tudo! Riso que souo nos ouvidos do Apóstolo, em divino som articulado, misterioso Verbo.

XV. E tu, Platão, bem o sentiste cair, nos teus ouvidos, do infinito silêncio das Alturas.

A música das Esferas, o etéreo Sorriso...

XVI. E tu, ó trágico Poeta, o ouviste também, na ilha de Patmos, todo vestido de trevas e relâmpagos!

Era o riso terramoto do Fim, acêso em sete ironias!

XVII. Dante contemplou, do Inferno, a tua silhueta virgem, riscada, na sombra, pelo divino anseio dos seus olhos...

XVIII. E tu, Moisés, cingiste, com êle, a fronte nublosa, que súbitamente se abrasou, nos altos do Sinai!

Foi o riso do Génesis, o silvo da Serpente, a luz da Tentação!

XIX. Rir, para Deus, é criar.

As estrêlas são ígneas gôtas do seu riso; Jesus foi a sua lágrima primeira.

A alegria demoníaca, sucedeu a tristeza que redime...

XX. Ó riso! Essência de tudo! Íntimo fogo devorador e criador! A seiva e o sangue!

DÉSIR

I. Uma gôta de lume astral corre-me nas minhas veias ; encandece-me a alma. Resplandeço.

II. A alegria é vinho embriagante... Mas, ai! nem cobre o fundo do meu copo...

III. Uma lágrima do homem apaga o sol de Deus...

IV. Vivo, no meio de fantasmas... Névoas que sobem do meu sangue...

V. E eu quero a esperança, diante mim, como uma estátua. Quero beijá-la e sufocá-la nos meus braços! Matando-a, verei então que ela existia.

VI. Quero sentir a dôr até ao mais profundo das lágrimas—que há lágrimas sem fundo... São as lágrimas do desejo insatisfeito, o imortal Desejo!

VII. Quero sentir o prazer, que se enraiza na carne, e enleia nos ossos, e deságrega o esqueleto; o prazer verdadeiro; —aquele que nos rouba ao mundo, para nos entregar, em fantasma, às chamas infernais!

VIII. Quero viver a Vida na Morte; beijá-las num só beijo.

IX. Quero existir e viver... Que a minha sombra seja de pedra e ocupe um espaço vedado... Que o meu espírito seja nuvem chimérica, universal, abrangendo, conhecendo, alumando tudo, mas intangível, a fim de que nada e ninguém o possa possuir!

X. Quero ser o Animal representando, perante Deus e o Homem, essa tragi-comédia, —o Espírito.

XI. Quero viver, isto é: tomar a Realidade nas mãos, e desfazê-la em sonho!

XII. Onde o mundo acaba, é que tu principias, meu desejo!

És infinito e frágil, ao mesmo tempo.

Como o relâmpago, rasgas o céu, de lado a lado, para logo te apagares!

Das sete partidas do mundo, que trouxeste?

O mundo crucificado no coração.

XIII. Ó fatídico desejo! Amor e lealdade!
Fome de Heroísmo, que findaste, mordendo a
poeira, já ensanguentada do teu sangue!

Ó desejo-fatalidade, que nos levas através de
precipícios caóticos, e és o nosso próprio sêr,
obedecendo cegamente à loucura que o trabalha!
Trabalha-o, até o converter num vulto sepulcral
de cinza e fumo.

Ó desejo, abismo onde agonizam traiçoerias
ambições, mentidas esperanças, negras azas
diabólicas! Turbilhão de sombra e fogo que
me arrastas para o amor e para o túmulo!
Faúlha que subiu do Inferno, e foi cravar-se
no Firmamento; e lá brilha, ao lado das estrê-
las! Com os seus raios aquece-nos o sangue,
tumultuoso, que se evapora, e nos turba a luz
dos olhos.

E vemos a noite infinita, povoada de apari-
ções,—o nosso próprio desejo, disperso em
humanas formas de beleza.

E o homem corre, perseguindo-as; corre os
continentes e os mares, e tomba desfale-
cido...

XIV. Ó tarde de Alfarrobeira! Uivos da
Ingratidão! Setas hervadas de ódio, zunindo
num ar já lívido duma grande esperança morta.

Oh, a palidez do Infante, no meio do tumulto!

E a sombra enorme do Conde, leão abraçado
de amor, rugindo cóleras divinas, matando, tru-

cidando! É o seu último grito de alma, eterno sol de desespêro, no lutuoso céu da Pátria!

Ó campo de batalha, depois da refréga! Mudo pesadêlo de gemidos! Terra lavrada a ferro e fogo! Corpo sangrento de mulher!

XV. Que foi a minha vida? Um facho que acendi, nas trevas, para ver a morte.

XVI. Ó Destino, misterioso Numen concebido à nossa imagem, — a fôrça do Desejo...

O OUTONO

I. Despem-se as árvores da sua carne de verdura, e o seu vulto esquelético, às horas do poente, sangra, crucificado no crepúsculo.

No oiro das fôlhas mortas, no rôxo dos êrmos longes, adivinha-se a mão nublosa que os pintou, porque ela aperta-nos o coração no peito. É a mão da Tristeza, que é a própria Morte em sombra de ternura, a morte beijando-nos na face...

II. O outono é belo para o homem, porque o faz antegoçar o repouso eterno, e acorda, em nós, o fantasma adormecido, o Anjo remoto em que se transmuda a criatura, depois do último suspiro.

III. Todos nós, pelo outono, somos êsse Anjo, dalgum modo... É é, por isso, que os sentidos adquirem estranhas virtudes, sob o primeiro sôpro do nordeste e a primeira nuvem escura... Ouvimos e vêmos, mais além ; e a luz do nosso

olhar, habituada apenas ao contacto das cousas materiais, parece dar forma e relêvo a Figuras, que viviam dispersas em brumas de melancolia...

IV. Se a penumbra outonal aviva a nossa tristeza, torna-a distante de nós, como que a recebe, em seu nubloso seio morto...

Emigramos para o reino da Chimera, e sentimos a nossa presença de carne e osso esbater-se, divinamente, em névoa e sonho...

V. O outono é belo, porque nos provoca uma fuga da alma sôbre as cousas, isto é, sôbre o Passado. E o homem adora tudo o que o afasta de si mesmo. Ele gosta de se contemplar, através da Saudade, — essa distância espiritual, que dá perspectiva eterna ao seu frágil sêr transitório.

VI. Ah, se a morte fôsse a infinita lembrança da Vida?!

Não será o Reino da Saudade o espaço misterioso, que medeia entre esta vida e o Além? E a dôr que deixamos, nos outros, ao partir, não irá formar o corpo do nosso espectro? a luz da sua consciência e dos seus olhos?

Ai dos mortos esquecidos! São apenas esqueletos...

VII. O outono é belo para o homem, porque

êle já foi árvore, e recorda ainda a delícia do adormecer, quando a seiva pára arrefecida, e a sensação do mundo externo, tomba, com as fôlhas, das ramagens.

A PRIMAVERA E O MOCHO

I. Também adoramos a primavera, a infância das cousas, — essa ironia angélica da luz, incidindo sôbre a nossa íntima tragédia.

II. A primavera não fala à dôr, como o outono ; — põe, à sua frente, a sorrir, um luminoso ponto de interrogação, com reticências de flôres...

III. Há, todavia, quem não ame o gracejar, e carregue o sobrôlho, desconfiado, ante a própria graça dum Anjo.

IV. Eu amo a primavera, porque nela está presente a áurea idade.

Quando vejo uma rosa vermelha, sinto-me infantil ; a criança que fui, espreita-a pelos meus olhos.

V. Ó primavera! Ó Virgem! Sombra de Astreia que incendeias de flôres tôda a terra!

Tu és a antiga alegria do homem, a edénica alegria, que, na hora da Queda, fugiu da sua alma para a alma das árvores e das fontes.

Tu és a antiga alegria do homem, que o sol lhe mostra, gritando, ao rasgar as nuvens invernosas: «Não a esqueças! Vive da sua lembrança, que a voltarás a possuir!...»

VI. No mês de Abril, quando aurora pinta a primeira verdura e molda as primeiras pétalas, fico assombrado, ao vêr quanta delicadeza, quanto viçoso mimo a áspera terra esconde!

VII. A primavera enche o meu copo. Embriga-me os sentidos. Como o Deus Baccho, do alto dum rochedo, canto a infância das cousas.

Deu-me Apolo a corda outonal da sua Lira; mas a esperança é a minha Musa... Que me importa que ela apareça, quási sempre, velada de sombra e de silêncio? Sou eu, vencendo a minha própria alegria, impondo ao seu espírito gentil, a tragédia, astral e humana, que me turva o sangue e a luz dos olhos.

VIII. O môcho, coitado, também ama a primavera. O canto erudito não desdenha a ingénua canção. Gosta mesmo de a vêr brincar, através o fumo dos seus óculos.

IX. O môcho canta na primavera, prometendo à alma ao Demónio.

Há Margaridas, nos montes e nos outeiros. O Maluco dos livros quebra o compasso e a esfera, e, protegido pela noite, vagueia nos pinhais, — e canta!

Mas o seu canto lembra o homem, depois da Queda; tem ressonâncias fúnebres e as suas azas de cinza mancham a luz da lua...

Ai, dos pássaros que edificaram o ninho, na árvore da sciência!

X. Pobre môcho, a primavera não te pertence! Por mais que abras o bico letrado, por mais que cantes o teu latim de agouro, aquele vulto de flôr e sol, não é para as tuas garras póidas de esgaravatar sepulcros; — é para o melro alegre, para o rouxinol inspirado, para essas aves que vivem, mais cheias de luz, na sua ignorância divina, do que tu, pobre môcho, na tua sciência diabólica!

DA INFÂNCIA E DA ALMA

I. Passeio, distraído, à sombra das minhas árvores. De repente, um canto de ave transporta-me ao Passado. A minha infância, chamada por aquela voz de acaso, ressurge. A luz da Primavera mistura-se com o meu sangue, lateja-me nas veias; sobe-me aos lábios e aos olhos. É visão de inocência, verbo em flôr...

Meu sêr, já empedernido em formas de pecado e morte, esconde-se, debaixo da verde folhagem nova. Veste-o a graça de Deus...

II. A infância não morre. O anjo que somos, nos primeiros anos, jaz, como enterrado, em nossa memória. Às vezes, acorda ao contacto duma voz familiar ou de qualquer lembrança, vizinha e contemporânea, casualmente reanimada.

Por isso, um canto de ave, acordou, em mim, a recordação dum outro canto igual, ouvido outrora; e esta recordação, ao bater as azas estremunhadas, despertou a minha infância.

III. A infância vive sempre connosco. A inspiração do Poeta é ainda a sua infância sobrevivendo...

O que, nos grandes Poemas, me domina, é o conhecimento instintivo do mundo, que lhes desvenda novas formas; a emoção directa, inócua, que se apega; o espanto infantil de quem vê, pela primeira vez; a sensibilidade violadora do Mistério...

IV. Na velhice, o Anjo da Infância aflora claramente. Torna-se leve e frágil a pedra do seu túmulo. A ressurreição aproxima-se.

O homem vai sepultando, asfixiando a sua tenra infância, no corpo endurecido... Mas há um momento em que ela reage e se liberta. É a manhã da aleluia, a hora da morte!

V. A infância não morre. É a Divindade da igreja que nós somos.

Nos primeiros tempos, vive, cá fóra, à luz do sol, entre as cousas e os seres. É o período feliz, em que nós comunicamos directamente com os Deuses.

Depois, a divina Presença converte-se em estátua, sobre um altar, na penumbra dos templos.

É o período da evocação.

VI. Homens, evocai a infância, a todo o ins-

tante. Vereis o seu vulto adormecido, acordar, banhado na luz que julgáramos extinta. Evo-cai-a, extraí dela a essência dos vossos pensa-mentos e o móbil das vossas acções.

Se as más influências do meio, vos adulte-rarem o carácter, encontrareis, no culto da in-fância, a matéria original e sã, renovadora da vossa individualidade...

VII. Que a vida do homem seja um perpétuo re-gresso à infância,— ao estado angélico e perfeito.

VIII. A primeira imagem, que recebemos do mundo, é que nos mostra o mundo, na sua ver-dade essencial.

O primeiro olhar consciente fixa, para sem-pre, a nossa figura moral. O segundo olhar é já o princípio da nossa noite, e as ideias, que se sucedem à primeira, formam o declive da encosta.

Do berço até ao túmulo, a descida é rápida e constante.

IX. Sim : cultivai a vossa infância. Ide, atra-vés dela. Podereis entreabrir a porta que se fechou, sôbre vós, na hora do nascimento... E a claridade do Além deslumbrará o vosso espírito.

X. Cultivai a infância. Aproximai-vos da vida anterior, isto é, da morte.

Se conseguirdes atingi-la, ireis ao próprio seio do Futuro.

XI. A porta do túmulo dá para a nossa infância. Quando penso entreabri-la, imagino contemplar o sol dos primeiros dias, a paisagem onde eu fui a inocência, e o verbo, nos meus lábios, afogado em comoção, é um vagido apenas.

O nosso pobre corpo, evoluido, emurchecido, floresce, involui; as rugas alizam, a pele satura-se de aurora, tingem-se de oiro vivo os cabelos, e o coração desencantado entra num novo encantamento.

XII. O *além-berço* e o *além-túmulo* são dois Paraísos que se tocam e fundem um no outro. Ali, ficam os campos elísios das Almas. Ali, o Mistério tem presença luminosa; e é dali, que êle nos dirige, às vezes, a palavra de silêncio, — a nós, que só o vemos, frente a frente, no primeiro e derradeiro olhar, através da primeira e derradeira lágrima.

XIII. Os olhos das crianças conservam, por algum tempo, o espanto daquela aparição. E nos olhos dos grandes Poetas, êsse espanto sobrevive à infância, persiste, dentro dêles, ampliando-os num crepúsculo infinito de tristeza. E os seus cânticos nascem amortalhados nesse crepúsculo,

pois êles sobem à luz da vida, como nós baixamos ao túmulo...

Na mais alta estrofe do Poeta, pressente-se o quer que é de cadavérico e mortuário.

XIV. A alma é *criação* ou, antes, *excedência* duma forma viva e mais antiga...

A alma tem de ser criada pelo corpo; mas êste verbo *criar* significa também *revelar*.

Criar não corresponde a tirar do Nada alguma cousa. Ora, tirar dalguma cousa uma outra, diferente, é *criar*, porque aparece o *novo*, e é *revelar* porque o *novo* que surge, resulta duma substância anterior, excedendo-se por virtude própria.

Uma certa criação é uma *possibilidade*, realizando-se; mas aquela já existia, nesta, dalgum modo.

O mineral criou o vegetal; o vegetal criou o animal, e êste criou o espiritual. São criações — revelações sucessivas, aparições forçadas da alma, à luz do sol!

XV. Mas para que descem as almas à contingência da Matéria? Para que Deus, de existente, se torne vivente; de *criador material*, se torne *criatura espiritual*...

A alma preparou o reinado de Deus; trouxe Deus ao mundo e veiu eternizar, em anímica imagem ou *presença de saudade*, os sêres e as

cousas transitórias. Sofreu a dôr de ser *criada e revelada*, a fim de se fazer criadora e reveladora de Deus, e concluir a obra do Universo.

Eis a divina Tragédia...

XVI. A alma é o próprio corpo, immortalizado, transcendente. Aparece, depois da morte, com as feições que vestira, durante a vida.

A *Lembrança*, criando a nossa figura liberta, impõe-lhe as primitivas formas carnaes. Por isso, a consciência do homem não distingue entre o corpo e o fantasma. Transita de *meio*, sem saber.

XVII. Cada sêr está presente na sua imagem saudosa ; e mais presente ainda que no seu vulto material.

Por intermédio dela, nós vivemos no Além, ao pé dos Anjos e dos Deuses.

XVIII. Aquela estrêla desceu ao fundo dos meus olhos, e ali scintila mais acesa. Ali, divaga a lua radiante da sua infância longinqua ; lembra o sol do meio dia. Ali, rumorejam as árvores que eu amei, e dão fruto e flôr, e a sua sombra desenha-se, em branda suavidade escura, nesta íntima solidão em que me perco... Ali, vivem as criaturas bem amadas.

É o reino da Memória...

XIX. Homem, aprende a viver na tua Imagem! Terás assim, antes da morte, o conhecimento da imortalidade. Habitua-te a ser o teu fantasma. Vai, desde já, modelando em saudade, a tua presença eterna.

ORESTES E HAMLET

I. Contemplamos, com os olhos do espírito, os nossos actos de natureza animal.

O Espírito observa a Matéria. Daí, o desgosto hamléptico do homem...

II. Orestes, no templo de Apolo, sob a fúria das Euménides... e Hamlet, monologando, entre o fantasma do pai e a sombra viva de Ofélia, representam perpétuamente o drama da Desilusão.

III. Nem Orestes nem Hamlet compreenderam os dois princípios inimigos, agindo, dum modo contrário, no mesmo sêr escravizado.

IV. O homem é um cenário de Tragédia. E os personagens? Satan e Deus.

V. Pelos nossos olhos espreita a nossa alma...
Como há-de ela ficar contente do espectáculo?
Impossível!

VI. Ai do homem justo, que vive no homem criminoso! Ai do homem pensando o bem, porque é o *espírito*, e praticando o êrro, porque é o *animal*!

VII. Tôda a criatura deve ter a consciência das *duas pessoas*, que superiormente a formam, e não as confundir, de maneira a pedir contas a uma pelas acções da outra.

VII. O homem pensa como espírito, e procede como animal.

A liberdade e a fatalidade em guerra aberta! Eis a dôr e a origem da alegria. A dôr — fatalidade criando a liberdade — alegria, o animal gerando o espírito.

IX. *Fragilidade, o teu nome é de mulher!* Esta frase é a repercussão de outra frase, ecoando através dos séculos: *Virtude, não és mais que um nome!*

São duas blasfemias errando o alvo, e atingindo a alma humana!

X. Quando julgamos alguém, é lá de cima, dentre nuvens e relâmpagos, que ditamos a sentença.

A alma do juiz ignora que está num corpo e se dirige a outro corpo; imagina-se ainda, ilimitada e livre, na sua primordial divindade.

Por isso, a alma do criminoso, ao ser julgada, volta-se para o juiz, surpresa, como que dizendo: «Que tens tu que ver comigo?»

XI. É, por isso, o homem odeia a sua condição animal. Trata de a ocultar aos próprios olhos, por meio do vestuário e das palavras.

Nunca notastes a tristeza, que inicia a refeição? o silêncio de humildade que se faz entre os convivas?

Durante os banquetes, necessitamos de beber alegria constantemente.

Percebe-se a origem da embriaguês.

XII. O homem quer evitar a sua condição animal e presente. O remorso de viver persegue-o. A sombra de Caim, liquifeita, gira-lhe nas veias...

E o Universo não será também um remorso para Deus, se é que êle vive na sua obra?

Quem sabe se as estrêlas ardem, como brazas vingativas, no coração de Deus?

A criatura é o remorso do Criador, o estigma da sua impotência.

XIII. Concebei um Demónio, refugiando-se na memória da sua antiga e angélica pureza, a julgar os companheiros de revolta e perdição.

Êste Demónio é o Homem; êste Demónio é o Hamlet monologando, Electra, junto do túmulo

de Agmémnon, vendo erguer-se, da pégada conhecida, o vulto querido de Orestes...

XIV. Mas devemos amar êste Demónio. Alimentemos a plutónica fogueira, donde sobe a claridade olímpica.

Enquanto a fera humana rasteja, na terrena escuridade, o seu fantasma divaga, de estrêla em estrêla, e contempla Deus, face a face.

OS ESQUECIDOS

I. Anoitece.

Vagueio, sósinho, num êrmo cemitério... Ao longo da avenida principal, velhos ciprestes verde-negros, — duas filas de espectros, mûrmuros de vozes mortas... Na espessura das ramagens, palpitam azas agoirentas. Ouve-se cantar um môcho, a distância... Como a noite é o scenário daquele canto! Sob a sua influênciã, as lembranças revivem, na memória, e os fantasmas aparecem. É um canto que se repercute além da Vida...

II. Depois de percorrer o passeio central do cemitério, branco e rectilíneo, entre árvores e jazigos de família, parei, junto de alguns túmulos, curioso das suas formas e letreiros, que traduzem últimos desejos, expressões de alma, despontando no primeiro crepúsculo da Morte.

III. Súbito, avisto, à minha esquerda, uma sepultura de mármore, tendo, à cabeceira, alta

lápide, com o nome do defunto, e por cima, o seu retrato, embutido também na pedra.

É um homem de meia idade, vestindo com elegância, o cabelo bem cuidado, simpática aparência alegre.

Um homem absolutamente sociável...

Custa-me concebê-lo cadáver! Vê-se que não pensava na morte, quando foi fotografado. Não *pousou* para o Outro-Mundo...

IV. Logo, à direita, uma outra sepultura, gradeada de ferro. Sôbre a tampa de granito, uma jarra tombada entorna murchas flôres, ao pé duma ânfora de barro, que as nuvens encheram de água... benta.

O retrato da defunta destaca-se, incrustado numa lápide marmórea, que termina em cruz.

É uma rapariga de dezoito anos. Belos olhos de melancolia, alumando-lhe a formosura branca do rosto. Que ar vivo, insinuante, magoado de ternura! e tão íntimo! — que me penetra ainda da sua vida, já morta para ela!

Há, nos seus lábios, palavras que eu entendo; palavras que me contam a sua história, os seus amores, a primeira visão da morte, empecendo-lhe, no meio da sua esperança... no mesmo dia em que fôra pedida pelo noivo...

Ah, como é eloquente de mágoa êste retrato, embutido no frio mármore! E como êle parece ver, com tristeza, a jarra tombada, as flôres

murchas, a pequena ânfora cheia de água indiferente, caída das nuvens, por acaso...

V. Adiante, uma outra sepultura, de pedra, em alto relêvo, denegrada do tempo.

À cabeceira, um anjo de grandes braços pendidos, numa atitude inerte, inclina a fronte, não sob o pêso da angústia que deseja exprimir sinceramente, mas do próprio mármore de que é feito.

É um anjo caricatural da morte. Provoca o riso...

Aos seus pés disformes, repousa, num caixilho de metal, o retrato do falecido.

Deve ser estranho ficar a gente a viver, numa pintura, sôbre o seu túmulo!

Mas êste retrato (ai dêle!) causa pena.

Representa um velho indeciso, muito calvo e de suissas... Mudou de expressão, no momento em que o expuseram, ao sol, ao vento e à chuva...

Tornou-se amarelo, desbotou... Sabe o lugar que ocupa. Tem, na verdade, todo o aspecto de quem jaz...

Pobre velho! É um resignado, um vencido para sempre, um duas vezes defunto, prostrado aos pés dum anjo caricatural, cujas lágrimas de mármore fazem rir.

Haverá mais trágico destino?!

VI. Eis ali outro túmulo, gradeado e pequeno. É de criança.

Vê-se também o seu retrato, embutido numa cruz de ferro, com flôres, tão frescas e viçosas, que, se eu tivesse vindo mais cedo, surpreenderia a mãe, junto da campa do filho...

Toquei religiosamente num lírio, todo acêso de neve, no escuro fúnebre da cruz... Estava molhado... Seria o orvalho da tarde?...

Contemplei a fotografia, através dum vidro embaciado de beijos, ainda quente...

Nos seus lábios infantis, percebe-se o alvoroço dum sorriso extinto, há pouco. E nos seus olhos grandes, cresce íntima névoa de tristeza, que adquire vagamente, no ar sombrio, uma figura de mulher que se afasta.

É a ausência da mãe escurecendo o retrato do filho, ou o primeiro tórvo hálito da noite?

Observei depois a sepultura, a cruz de ferro, as flôres enodoadas de sombra...

Súbito, inesperadamente, sofri uma impressão de medo — o medo daquela pobre criança, ali, sósinha, no meio dos túmulos, quando os môchos piam, às horas negras...

Voltei a contemplar aquele pequenino rosto, de beleza tão comovida e graciosa, que uma onda de choro sufocou-me! Chorei, — vi que tinha alguém, ao meu lado...

Nem o sepulcro, nem a férrea cruz florescida, me falavam de morte... Sim : a pobre criancinha

não estava sob a pedra tumular, ainda branca do cinzel.

Era tôda no seu retrato animado, — tão animado, que a sombra dos ciprestes e a da tarde, o êrmo da hora, o lúgubre piar das aves agoirentas, — tudo, em volta dêle, parecia diluir-se e amanhecer na luz dos seus olhos grandes.

VII. Mais além, desenham-se, em vagas ondulações de saibro, as campas miseráveis, com a sua *lousa* numerada...

O defunto n.º 1, n.º 2, n.º 3, etc... Vêde a ironia oficial, o gesto burocrático atingindo o Outro Mundo.

VIII. Em algumas covas, na terra boida de fresco, adivinha-se o cadáver, húmido de lágrimas ainda, dentro do seu fato novo...

Há saudades rodeando a *lousa* escura e o seu branco número recente... A pálida efígie do morto vive ainda, na memória de certas pessoas. Eis a morte, na flôr da idade, tentando as suas formas esqueléticas, definitivas.

IX. Continuo a divagar, ao longo do cemitério... A minha sombra, já indecisa, projecta-se fraternalmente sôbre as campas... Sinto, por intermédio dela, como um contacto de cinzas, presenças desfeitas e sem nome, que se lastimam do seu terrível abandono...

Figuram-se êrmos espectros, no crepúsculo, trémulo de negras azas. A primeira sombra nocturna cai, em bâtegas de silêncio. O meu vulto, chimérico de melancolia, ergue-se, meditativo, dentre as campas humildes ; lembra funérea lápide erigida a todos aqueles mortos... Sou *memoria*... recordação petrificada... esfinge consumida pelo seu próprio enigma, que se interroga e não responde...

X. Deixei a parte civilizada e urbana do cemitério, e encontro-me, em plena aldeia, ao pé das campas da Pobreza... choupanas e casebres de terra.

Aqui, repousam os corpos, queimados do sol, que o trabalho endureceu.

De que alegria será o riso destas caveiras, sempre tristes durante a vida, em sua rugosa e sêca máscara carnal? Oh, que espontânea alegria, perfeita, sem mistura!

O solo que vou trilhando, é todo, lá por baixo, um deslumbramento de riso, mar lávico de alegria...

Há tantas bocas, a rir, sob os meus pés, na escuridão, como há estrélas a brilhar, no céu nocturno...

E êste riso imenso, inextinguível, aflora no campo santo, evolvendo-se em perfume e côr.

Ê riso o oiro dos bem-me-queres, o vermelho

da rosa, a brancura do jasmim, o azul dos miosotis...

A alegria dos mortos floresce a terra!

XI. De cada campa humilde, imagino ver surgir um camponês, segurando uma enxada, nas calosas mãos de sombra... Vejo também fantasmas de mulheres, com os filhos ao colo, e de mendigos a rezar. E todos se mostram a uma luz, que é o seu próprio riso eterno.

XII. Mais fresco e ligeiro, o ar balouça a rama densa dos ciprestes, sôbre a lividez dos mármoreos. As cousas revelam, através do crepúsculo, êrmas fisionomias espectrais, gravadas em silêncio e esquecimento...

O Esquecimento! Como êle toma aparência quási humana, aqui, entre estas covas, à sombra dos ciprestes, que são mortos desfigurados em árvore, penetrando-se de obscura vida remota.

O Esquecimento! Como êle se torna, ao pé de mim, um personagem de tragi-comédia, — o mesmo personagem, que aparece, a falar, nas páginas dêste livro, feitas de sombra e carne.

XIII. Ao lado duma campa nova, branquejando, estende-se uma fila de velhas campas sem relêvo, e algumas sem *lousa*, pobres mon-tículos de saibro...

É aqui onde jazem os esquecidos verdadeiros,

já esquecidos da Parca, da própria terra que os devorou, vaga e truncadamente prêsos à sua antiga forma, por uns vestígios de ossos carcomidos e dispersos...

De vós, nem resta o esqueleto, sombras anónimas que o luar, à noite, não destaca!

A Lembrança não ajoelha, sôbre os vossos túmulos, orando, acordando-vos, de leve...

XIV. Ai dos Esquecidos! Fantasmas de fantasmas! Debalde, tento conceber o que êles foram, outrora, os seus ódios e amores, o traço físico e moral que os definira. É como se nunca houvessem existido.

XV. Eu choro, sôbre as campas, onde a erva, êsse enfeite do Abandono, espalha o mimo da verdura...

Que as minhas lágrimas murmurem, no silêncio eterno, em que tantas criaturas se abismaram, sob o pêso das suas dôres!

Ó pobres almas, esfarrapadas pela morte, que simpatia me prende ao nada absoluto que já sois! É para vós a minha saudade mais perfeita, a saudade dos sêres que eu nunca vi... Que ela toque as vossas cinzas, animando-as, concentrando-as, de novo, em figura humana, capaz de entender a minha angústia.

XVI. Eu vos invoco, pobres fantasmas de

ninguém! Deixai o esquecimento que vos cobre, mais gélido que a tampa sepulcral, e vinde à minha alma, também esquecida, como vós...

O que, em mim, é inominado e longinquo, — primordiais sentimentos emanados das estrêlas — paira, sôbre os vossos túmulos, nesta hora em que o mundo baixa às lúgubres regiões das Sombras.

Deslizam-me, pela face, ignotas lágrimas, guardando o segredo da sua dôr... Vejo-as cair, na terra, tôrvas e pesadas dum mistério, que só os desgraçados, mortos de abandono, saberão, talvez, desvendar...

E um divino alívio sobe, para mim, de cada lágrima que tomba... É que a minha saudade alvoroça o Outro Mundo e ilumina-o duma fantástica alegria, que parece reflectir-se em meu espírito...

XVII. A noite, mais escura, sepultou, afinal, as pobres campas anónimas... Sómente as lápides e as cruzes de mármore, enodoam de branco o denso crepúsculo, tecido em negras ramagens e palpitantes azas agoirentas...

AO LUAR DAS HORAS MORTAS

I. Distraído, vago, ao luar, no meu jardim...

Sou ilusão, palidez de alma, sôpro de morte...
Meu sêr desfolha-se em íntimas lembranças, que revivem...

II. Ó imagens, que rondais, à luz da lua, no cemitério da Memória, é na vossa companhia que eu sinto as minhas horas verdadeiras, feitas de tempo genuino; as horas vivas, que têm figura e jámais nos abandonam.

Falo comvosco, ao luar da noite morta, quando o silêncio me dispersa, e as sombras das cousas se confundem com as sombras do meu espírito.

É comvosco, ó fantasmas, que eu me quedo, e vejo passar a onda, que me levava.

III. Hora em que sou vago e indeciso... crepúsculo fundindo as aparências inanimadas e a minha própria aparência numa só Aparição, que é tudo quanto existe, transmudado no meu sonho.

IV. Hora do silêncio, do luar e dos fantasmas, quando a terra é chimérica, na sua impassível redondeza bruta, mas plena de realidade viva, dentro da lágrima que nos sobe aos olhos e brotou da fonte do Universo; — lágrima que não é de dôr, nem de amor, nem de alegria, porque é simplesmente a Lágrima, a gota de água, indiferente e lúcida, suspensa no meio de tôdas as cousas, comungando-as e reflectindo um novo mundo.

Assim a lágrima final, chorada à beira do túmulo, com um hemisfério mergulhado na noite e o outro, ainda na luz do sol, condensa, no seu seio já fantástico, os instantes vivos da nossa vida; e, cheia dêsse novo pêso, se desprende, rolando-nos pela face.

V. Hora do silêncio, do luar e dos fantasmas, da profunda e absoluta Identidade...

Através do meu sêr, mais vago que o eter, gravitam as estrêlas e os sonhos, palpitam braucas azas de Anjos, negras azas de Demónios, nublosas formas transparentes, que são árvores, flôres, criaturas na sua ancestral chimera!

VI. Hora da infinita Lembrança de Tudo...

Hora da sombra, do silêncio, hora da morte, quando a luz do nosso olhar se casa com a luz dos astros e vem fazer o nosso dia!

VII. Ao luar das horas mortas, passeio no jardim; e os meus olhos povoam-se de imagens...

E neles representam a sua Divina Comédia, desde o seu estado corpóreo e demoníaco à sua nova e sagrada pessoa imaginária.

VIII. Eu passeio, no jardim, ao luar das horas mortas...

E outras imagens, de mais longe, chegam também ao reino dos meus olhos... São as imagens saudosas, poeirentas da Via Láctea, anunciando a grande jornada.

Há sombras de árvores dando a mão à sombra da minha infância, que se dirige, comovida, à duma estrêla...

E estas sombras vivem, têm gestos e vozes, no cenário dos meus olhos. Como que lhes paira nos lábios, esta palavra: enfim!

IX. Eu divago, ao luar das horas mortas: eu e outros fantasmas, que me conhecem, desde os meus tempos de menino.

Este poder de comunicar com as cousas e o seu Invisível, bem cedo, dramatizou a minha alma.

Os primeiros minutos de extase vividos, tenho-os presentes na memória...

Vesper, murmurando a sua canção anoitecida, embalou o meu berço. Eu era criança ainda,

quando me apareceram a sombra, o luar e o medo.

As velhas criadas contavam-me, junto ao lar, histórias de *Bruxas, Lobishomens, Cousas Ruins...*

Como a noite atemorizava as suas almas, que povoavam os êrmos de mais sombras, do que a lua quando nasce... Que estranhas visões! Que spectral Mitologia, tôda pintada a negro!

Foram elas que abriram, de madrugada ainda, meu espírito a esta sombria inspiração, sensível à Dôr e ao Mistério.

Às três primeiras Musas, lhes deixo aqui o nome, em tardia homenagem: *Eusébia, Inês, Lucrécia.*

Por lá andam, no Outro Mundo, em companhia dos fantasmas, de que, tantas vezes, me falaram, já fantasmas também.

X. Ao luar das horas mortas, passeio no meu jardim...

O luar que vem da serra, à noitinha, é o luar dos pegureiros, das cantigas elegíacas, toldado do fumo dos casais e maguado das figuras tristes, que regressam à lareira...

É a luar dos marulhos da água, das últimas vozes, das portas que se fecham, do canto dos sapos, dos solitários caminhantes, que se turbam de crepúsculo e quási se confundem com as cousas...

Eu prefiro o luar da meia noite, o luar alto e sério, o luar êrmo, o luar dos íntimos silêncios, das negras sombras imóveis...

À tua luz, é que eu divago, no meu jardim... Eu? Pelo menos, isto a que chamamos *eu*, — êste sobressalto iluminado, prêso a uma forma indecisa, de momento, que lhe não pertence!

Sim, sou eu, — êste delírio que me cria, a todo o instante, que me desenha, constantemente, no espaço e no tempo, como o fogo desenha as suas chamas. Êste delírio a si mesmo sucedendo-se, com tal rapidez, que não permite ver os grandes intervalos que o dividem! Êste delírio esboçando um busto humano, que êle engeita, por fim, já cansado, entregando-se à Desilusão vitoriosa.

Eu — esta sombra de presença, feita de sonhos mortos.

XI. Ao luar, divago no meu jardim... E os meus olhos, maculados de sombra, volvem-se para a luz dos astros que os lava e purifica.

E essa vaga lágrima esfumada, que é meu próprio olhar, embebe-se de ígneas côres, de vivas scintilações remotas; comunga a Criação.

E ei-la a caminho do Infinito.

XII. O homem vive num pequeno Átomo central dum grande Corpo. É o sêr perdido, no tenebroso centro do Universo, chorando a es-

plendorosa Superfície, onde gravitam os mundos bemaventurados, com uma face voltada para a noite, para êsse trágico Abismo, abrasado de estrêlas, rumoroso de almas aflitas no seu cárcere eterno — e com a outra face voltada para as divinas Altitudes.

Ali, as criaturas têm o Universo debaixo de seus pés. Sôbre a sua frente, à sua direita, à sua esquerda, é um céu perfeito e limpo de tôda a sombra de matéria.

Felizes dos que nascem nas regiões supremas do Ar livre!

A Divindade passa-lhes, à porta ; — a Divindade real, não a Divindade reflectida, emanada de Longe...

XIII. Deus vivendo na esplendorosa Superfície, a sua sombra penetra, já débil, no íntimo do Universo, e deslumbra as pobres almas prisioneiras, que se extasiam apenas no seu Presentimento.

XIV. As almas felizes da etérea Superfície, é natural que vejam Deus directamente e não em sombra remota, como nós.

Lá, é a altitude da Visão. Aqui, o fundo vale escuro do incerto Presentir.

XV. Mas o espírito trabalha o seu Presentimento e o molda à sua imagem, convertendo a

substância prima que é divina, numa vaga aparência humana.

Por isso, o nosso Deus, o Deus desta região infernal e central, é mais uma obra da Lembrança e do Desejo.

XVI. Nós habitamos o Cárcere, meus amigos! Aproveitemos algum raio da Luz exterior, coado pelas frestas!

Vivamos, ao menos, nesta branda e difusa claridade interior, nesta meia sombra, que nos dá a ilusão da luz, muito embora altere e espectralize as formas e as figuras.

Sim: vivamos, neste país da noite e do mistério e da saudade da vida, o nosso divino Presentir, o nosso estado de simpatia, na esperança da perfeita Visão.

Março de 1914.

A BEIRA (NUM RELAMPAGO)

I

Viajar em auto é correr mundo, a cavalo num relâmpago.

Pessoas, paisagens, vilas, logarejos, passam, por nós, numa tal velocidade, que as impressões recebidas continuam, em nossa memória, a sua doida cavalgada, numa confusão turbilhonante. A distância que as separa e lhes dá perspectiva, é eliminada pelo movimento que as anima; e as suas aparências quasi se fundem num todo, caótico e disparatado, que é a fonte caricatural da moderna pintura futurista.

A visão vagarosa demora-se, de mais, no vulto corpóreo das cousas, no fisionómico recorte, que as define e individualiza; é uma visão materialista, de análise, consagrando esta ou aquela forma, isolando-as numa espécie de egoísmo pessoal.

A realidade panorâmica do mundo é uma função da nossa velocidade. A mesma paisagem tem várias fisionomias, conforme se mostra ao cavaleiro, ao automobilista, etc. A paisagem

extática do peão, à paisagem vagarosa ainda da liteira e da diligência, sucedeu a paisagem veloz do *chauffeur*, a paisagem-relâmpago, que deslumbra e foge... E assim, à pintura inerte e definida, às tintas extáticas, suave ou, antes, morosamente nuançadas, sucede a pintura dinâmica, em esbôço, de tons violentos, que se misturam e correm. Eis porque a pintura futurista, quebrando a velha harmonia das cousas, nos parece absurda e nos ofende.

Mas como não gosto de maguar o leitor ; e levado por esta cobardia sociável que nos faz acatar o estabelecido, procurarei traduzir, em velha linguagem de liteira, um vertiginoso e futurista passeio de automóvel, desde a minha casa, em Amarante, à antiga casa do Mosteiro, em Arganil.

II

No dia 15 de Agosto de 1915, às duas horas da madrugada, eu, meu irmão Álvaro e o Dr. Pedro de Macedo, partimos, do Largo do Arquinho, num *Fraschini*, guiado pelo Dr. José Vahia.

O férreo e simpático animal, como ferido na sua vaidade de corredor, estremece, ronca e logo arremete contra as distâncias do planeta, erguendo nuvens de poeira e dardejando fogo, com os olhos, sôbre a estrada. É a antiga estrada do Douro, que se arrasta, trôpega para os míseros peões, e tôda em curvas, desde Amarante aos Padrões da Teixeira ; e, de ali, à pequena vila de Mezão Frio. Segue depois para a Régua, Lamego, Viseu e outras localidades mais afastadas, ao longo de que paisagens ! Umas, feitas de penedia amontoada, sem uma árvore nem um pássaro ; outras, verdes e planas, rumorosas de azas e água... Segue, vai seguindo sempre, marcada de pegadas sepulcrais. É um cemitério de presenças mortas, que passaram, um cemitério

extensíssimo, que termina em Roma, no *miliário de ouro*.

Ei-la, à nossa frente, surgindo, branca e sinuosa, da penumbra. Como desenha o nosso rumo! É o gráfico da nossa liberdade em movimento, dêste desejo, alvoroçado e panteista, de ver novas paisagens, — desejo que é uma forma alegre do sentimento obscuro que temos da nossa ascendência cósmica e remota.

Lá vamos, numa fuga lampejante e ruidosa, entregues à velocidade, que nos destroi a condição de criatura lenta, escravizada ao tempo e ao espaço, os dois limites chiméricos da Realidade: chiméricos e opressores, como todos os pesadelos. Gememos, imobilizados e aborrecidos, no mesmo sítio e na mesma hora. Quem nos livra desta aflição? É o auto, o férreo Deus da velocidade. Eu te abenço, como abenço a velha estrada do Douro, povoada de viandantes espectrais. Alguns, vêm da Terra Santa e de mais longe. Há soldados de Napoleão, guerrilhas do Duarte, companheiros do Zé do Telhado, o Camilo, numa liteira tenebrosa, puxada por duas mulas agoirentas, o Nobre, na sua berlinda doirada, com dois anjos, à frente, melancólicos.

E lá vamos, numa ansiedade delirante, que dissipa os fantasmas de outrora. As árvores das margens, sob o clarão dos faróis, passam, por nós, fugindo, dando-se as mãos, frenéticas e nervosas, como num fantástico bailado.

Às vezes, a estrada corre, entre duas trincheiras, abertas em saibro de monte ; ou, suportada por duas paredes, galga uma depressão do terreno, para deslizar, através de campos de árvores, que amparam as vides, com dolorosos braços decepados. São árvores a que amputaram a sombra, sacrificadas ao espírito da Alegria e da Fartura.

O único aspecto dramático do Minho, está nas suas árvores, nodosas e constrangidas pelo gume da fouce que as apara, e afeiçoa à egoísta comودية das videiras.

Quando o inverno lhes despe as fôlhas, lembram rondas negras de esqueletos ou misteriosos e fúnebres desenhos : ieroglíficos que a morte pinta, no papyrus da memória, o mais antigo papyrus que há escrito, onde appareceu a primeira narrativa dos Deuses e do Dilúvio...

Mas, no Agosto, os tenros pâmpanos vestem o esquelético das ramagens ; e, para além da poeira e da luz que nos cercam, a própria noite parece vagamente enverdecida.

Padronêlo já ficou, atrás. Sumiu-se, numa correria doida de casas, libertas da inercia, por uma ilusão dos nossos olhos. Redentora ilusão ! E a livre actividade moral não terá uma origem semelhante ? Não será ela o nosso espírito, illusoriamente posto em movimento, quando passa, por êle, agum demónio ?

O auto ofegante, poeirento, espirando jactos de luz que rasgam a sombra nocturna, devora a íngreme subida, que leva ao alto dos Padrões.

À nossa esquerda, lá no fundo, contorce-se, entre calhaus, um pequeno ribeiro, que mana dos flancos do Marão, como sangue duma ferida; e, sôbre a nossa direita, despenham-se, em rápido declive arborizado, as vertentes da Abobreira. Aqui, é a Revoreda, nome que sôa a árvores batidas do vento. E, na verdade, tôda a encosta é uma rumorosa noite de velhos castanheiros.

De vez enquanto, uma choupana, um espigueiro, uma taverna, apenas deixam entrever seus vultos indecisos, que a luz crua dos faróis materializa intensamente, na passagem. E vemos sempre as árvores distantes, correndo, para nós, resuscitando, sob a projecção súbita da luz, e logo desfeitas na treva, que enche os recantos e os bôcos do vale profundo, e se dilui, em ténues claridades, nos altos píncaros dominantes, coroados de estrélas e desnudos.

O automóvel sobe, roncando, a velha estrada, no meio duma procissão vertiginosa de fantasmas, que, por fim, desaparece, quando as encostas férteis se transmudam na ondulação, harmoniosa e nua, em que principiam a definir-se as maiores altitudes do Marão.

O incêndio do dia, extinto há muito, fumega ainda, de tôdas as partes do horizonte, e as estrêlas brilham, como faúlhas inextinguíveis...

O grande silêncio, já serrano, que nos envolve, cortado de estridências de engrenagem e agudos ruídos de alarme, causa-me remorsos de sacrílego. É o pecado da alma, essa luz prostituida, afrontando os aspectos solenes e graves da Natureza, entre os quais se destaca o misterioso silêncio das alturas, que é a voz de Deus, em baixo relêvo escuro.

A alma sacrifica tudo aos seus delírios, sorrindo, à tristeza universal, a divina ironia de que descende. É o riso que tem a Morte para as cousas imortais, — o riso da sua vingança.

Um ar puro, penetrante e vivo, fustiga-me a frente, desanuviando-a; sinto a resistência fugidia das suas ondas, sem humidade nem aderência, cingindo-me num contacto frio e irreal...

Acordo do sono tôrvo do vale, que sobe ràpidamente, à nossa esquerda, já inculto.

O panorama, cada vez mais largo, é todo em bronzeos cumes, duma imponência abstracta e dolorosa. O dorso declivoso da montanha, prolongando-se, afasta o recorte do horizonte, moribundo perfil scintilando gélicos suores.

No levante, um píncaro muito negro, sob uma estrêla muito clara, é a Senhoda da Serra e a sua Ermida. Ali divaga o espectro de Maranos e a Saüdade...

Chegámos à garganta dos Padrões. Abre-se, diante de nós, um grande espaço vazio. O Marão sumiu-se, por encanto, num abismo, com as bordas remotas esfumadas: é a paisagem do Douro aparecendo, indefinida e triste, numa vasta indecisão nocturna; um vácuo enorme, onde cai a luz dos astros, como gôtas de fogo numa bôca monstruosa de sombra.

III

O auto desce, cauteloso das rápidas curvas, para as márgens do Douro. Dois focos de luz atarantando a sombra, ruídos de ferro no silêncio, núvens de poeira sujando a noite, escuras formas, doidas da nossa velocidade, êrmos visos serranos, elevando-se e estreitando, de novo, o horizonte; e, em nós, o íntimo e vago sobresalto de quem regula e dirige o seu rápido deslizar sôbre um abismo...

Ei-lo que se estende, à nossa frente, mordido, aqui e além, de solitárias luzes amarelas. As mais longínquas, parecem brilhar, em pleno céu, porque, na distância, a terra e o éter se identificam numa só nódoa vaporosa.

Atingimos o vale extenso, o fundo verde e fértil do abismo.

As primeiras casas de Mezão-Frio branquejam e passam, por nós, como que tremendo nos seus alicerces e quebrando a rectidão perpendicular das suas esquinas. Uma pintura de terramoto aflige a pequena vila, em cujo seio arruado

entramos, roncando estrídulos alarmes, fulgindo claridades, que se espraíam no lágeo chão desgasto.

Aqui, um grupo de noctívagos debanda em desordem, e fica envolto em poeira ; e, logo um rebanho de cabras tresmalha e segue, em várias direcções.

E eu pensei no mêdo que as assaltou, curioso de surpreender-lhe a íntima expressão, a estranha imagem que êle deve adquirir na alma primitiva das cabras. Talvez um mêdo helénico aos monstros fabulosos, talvez um mêdo hebraico às núvens lampejantes que ribombam. E julguei advinhar, na sombra daquelas almas em tropel, o vago alvorecer dum novo mito.

Um simpático impulso de bondade trava o carro fraterno e condóido dos pobre animais, que o mêdo soturnamente deslumbrára.

Aproveitei o instante de repouso, em que tudo retomou a sua imóvel attitude, para melhor prescrutar o panorama circundante, quási escondido por detraz do vulto fantástico da treva.

Perderam a sua monótona continuidade, as casas de Mezão-Frio, sonolentas e lívidas de pequenos focos eléctricos enfraquecidos. Eram lágrimas de luz doente, irmanando a electricidade ao petróleo e ao azeite das velhas lâmpadas, que suspiravam, anichadas, num escuro arco medieval.

A luz eléctrica é para as belas e airosas ave-

nidas, onde a alvura nova dos edifícios refulge e intensifica os reverberos, que se combinam e alegram, no ar desassombrado; mas, no seio duma rua estreita, de côres sombrias e sujas, aquelas campânulas de vidro entristecem, nostálgicas do seu meio próprio, e é bem difícil distinguí-las dêsse pirilampos amarelos, que, nas êrmas esquinas, condensavam, numa gôta de luz tuberculosa, o incolor, o tédio, a inação de que é feita a vida dos pequenos centros urbanos.

Grandes árvores, velhos muros, põem, agora, entre os últimos edifícios de Mezão-Frio, espaços de verdura e granito. Aqui, um antigo solar brazonado e enegrecido, realça um próximo chalet, côr de rosa e alegre do seu conforto material; enquanto o velho edifício musgoso, com pingas de chuva, nas êrmas salas, pelo inverno, todo êle se concentra, maguado, no antigo escudo sôbre a porta, — hieroglífica narração de heroicos feitos, mortos símbolos de pedra, abandonados à voracidade dos lichens.

O Portugal moderno é também um *chalet*, construído, com dinheiro do Brasil, sôbre as ruínas dum castelo, à beira-mar...

È sentindo, na alma, o abandono em que jaz o pardieiro esquecido, continuamos a correr para as margens do Douro.

A estrada coleia, dolorosa e cascalhenta. De vez em quando, como arrependida da viagem, quer voltar repentinamente para trás. Súbito,

estaca o automóvel. Estremecendo e rangendo, recua e envolve-se na própria poeira do seu ódio, ao ver-se traído por uma curva, tão fechada, que forma quási o vértice dum ângulo.

Mas a perícia do *chauffeur* consegue vencer estas manhas de estrada, velha e retrógrada, que vê no auto um jacobino usurpador dos clássicos direitos

Da mala-posta a rir, cheia de campainhas...

Corremos para o Douro. O rio célebre aproxima-se. A paisagem principia a falar dêle, numa voz soturna de sombras, que se acumulam, à nossa frente, esboçando os íngremes outeiros da outra banda.

Um trôpego carro de bois, cheio de pêso e sono, surdo aos berros da sirene, obriga-nos a parar, de novo.

À direita, uma indecisão verde-escura, com raras nódoas brancas. Daqueles lados abismáticos, vem um murmúrio estertoroso. É o rio, entrevisto nas trevas, completando-se fantásticamente. É o Douro, aflito num pesadêlo, barrento e amarelo, em que se vê estrangulado pelas margens. Ah! como elas sobem, com grande esforço, num suor frio de fontes, desenhando, em nocturnos traços de carvão, as altíssimas encostas do enorme e estranho Vale, essa ruga mais profunda da velha paí-

sagem lusitana, escoando para o mar as suas lágrimas.

Dêste panorama, surpreendente, à luz do sol, desde a líquida angústia do rio que escachôa, entre remorsos de pedra, tocado, aqui e além, pela carícia branca duma vela, que é o interêsse do homem angelisado, — aos velhos solares e velhas quintas, alcandoradas sôbre íngremes declives em degraus de verdura, invocando a escadaria dum santuário, que, lá, no alto, eleva a sua desnuda e negra architectura montanhosa ; — dêste panorama surpreendente, à luz do sol, apenas vêjo as suas largas linhas espectralizadas, donde emana um vago e gélido terror, que é o próprio rio, entre mostrando, ao nosso imaginar, a escura lividês dos pegos mortos, síncope de abismo em que gelam as águas tôrvas e medonhas.

Um ronco da sirene, um férreo estremecimento, um rápido abalo, que nos desequilibra, de surprêsa, e esta sublime paisagem sonhada, se desfaz em vôos de sombra que perpassam, vertiginosamente, e são árvores e montes, em volta de nós, turbilhonando.

Seguimos, ao longo do rio, através duma mistura movediça de cousas, que se confundem e combinam em aspectos incoerentes, na imensa escuridade.

Cortamos a linha férrea, ante a vigilância do seu ôlho incandescente e rubro, e logo a estação

de Molêdo e uma rua, com belos edifícios, contíguos a jardins suspensos sôbre o Douro, que marca, no branquejar das areias e penedias, um traço lúgubre e profundo.

A estância termal apareceu-nos, definida nas linhas arquiteturais das suas casas, vencendo a noite, a golpes de luz eléctrica, sangrando, em cordão de lâmpadas, no ar.

A rua central alongava-se. Raros transeuntes estremunhados animavam-na duma vida sonolenta, que esfrega os olhos e antecede o nascer do sol e o abrir das portas e janelas. Alguns cães sem dono latiam heresias, ralhavam à tôrva e veloz divindade, que os desvairava e envolvia num ruidoso relâmpago poeirento.

Depois, o êrmo dos campos e, ainda, em nossas pupilas, a trémula aparição duma vila silenciosa, de pálpebras fechadas a quem passa.

Mas a fila de lâmpadas continuava, multiplicando indefinidamente as suas luzes, cravadas na escuridão nocturna, sôbre a estrada.

E agora, que as árvores das duas margens entrelaçam os seus ramos em abóbada, os focos eléctricos dir-se-iam acêsos, na penumbra mística dum claustro. Julguei-me num dos meandros, vivos e secretos, dum estranho e grandioso templo cósmico, o verdadeiro templo de Pan.

Quando findou o verde claustro constelado, em vez de encontrar um grande centro de igreja

e lampadários sidérios, alumando a infinita presença invisível de Deus, rasgaram, de súbito, o meu sonho, com afiados gumes de esquina, as primeiras casa da Régua, — a Régua comercial e pitoresca dos armazens de *port-wine* e uma vista encantadora, sôbre a larga curva do rio, onde êle esconde o esqueleto e ganha transparência e quietação. Ei-lo, por um momento, desassombrado das margens, que se espraiam e parecem a própria água do Douro, imobilizada e fixada, em viridentes pinturas de vinhedos...

É o que eu vêjo, através do escuro, pelos olhos ao sol da minha lembrança.

Êstes lugares pertencem-me também. Foram-me doados pela saudade.

Na outra banda, a pequena distância, entre árvores, o ignoto lugar de Rio Bom ou *Rio Bô*, talvez o mais ignoto lugar que tem o mundo.

Ali nasceu meu Avô paterno; e ali viveu, largos anos de vèlhice, um irmão dêle, que era padre: o sr. padre Joaquim de *Rio Bô*. Iam de minha casa visitá-lo, todos os anos. Fui também, algumas vezes, durante a minha infância, quando as cousas e as pessoas, com um poder de insinuação extraordinário, se nos gravam no íntimo da alma; e adquirem, cada vez mais viço e graça, como se o nosso envelhecer fôsse apenas a nossa mocidade transmigrando para elas...

Recordo ainda a sua figura, alta e sêca, denunciando a fôrça do homem que se inclina,

vencida, por fim, como tôdas as fôrças, até as divinas.

Estou a vê-lo, na pequena capela de S. Roque, a dizer missa. Avulta-me, na lembrança, o escuro da sua batina e o degrau de pedra onde eu estava ajoelhado: duas frias imagens silenciosas, num ambiente crepuscular.

E vêjo o Santo, no andor, feio e triste, com um cajado na mão e um cacho de uvas, transluzindo a doçura daquela terra: piedosa máscara de castanho, hirta, pintada e sêca, aparecendo, no meio sensível e penumbrático das velhas recordações. Ela compreende que perdura, em nítido relêvo de madeira, entre outras esfumadas numa nódoa confusa de povo... E ri, de satisfeita...

Lembro-me da procissão, na tarde calma de Agosto e dos foguetes, mais longe, afluorando, em ruídos multicolores e luminosos, no crepúsculo.

Lembro-me da velha casa de meu tio, cercada de damasqueiros e figueiras, que davam damascos e bêberas de mel, porque o paladar possui também o seu altar votivo, na Memória.

E lembro-me de subir a Portêlo e visitar a antiga quinta da Corredoura, onde hoje mana uma fonte de água milagrosa ⁽¹⁾ e onde os meus

(1) Foi descoberta pelo meu amigo Francisco Perfeito de Magalhães, senhor da antiga casa da Corredoura, situada num dos mais belos lugares de Portugal.

olhos surpresos de criança viram a primeira lápide de mármore, erigida sôbre o túmulo dum cão. Percebi, nesse instante revelador, outras almas, no mundo, além de nós: pobres almas que amam, em quatro patas, quer dizer, com mais firmeza do que o homem.

È lembro-me ainda de subir ao Santuário da Senhora dos Remédios e duma vasta amplidão brumosa, em derredor.

Mas quási tôdas as velhas cousas e pessoas, que hoje evoco, surgem-me, indecisas, mortificadas de sombra, do fundo escuro do tempo, antiga tela poeirenta, onde as imagens mal transparecem, numa tinta desbotada e quebradiço. È todavia são as recordações mais saudosas, porque vivem, no mais longe da perspectiva em que o meu sêr se alonga sôbre o Passado. São como nuvens que toldam êsse horizonte, além do qual talvez exista Deus...

A minha meditação interrompeu-a o parar do auto, à entrada da grande ponte, sôbre o Douro. Era preciso pagar o imposto de passagem a um pobre homem, que vive as noites em claro, numa barraca de madeira. Fitou-nos com aqueles olhos de campónio, habituados a encarar desconhecidos.

À nossa direita, alarga-se o vale do rio; e à esquerda, rasga-se, em altos e abruptos montes, duma arquitectura morta e solitária. Como a primeira claridade matutina despontava

daquela banda, a abertura lúgubre do vale, defini-se, deixando adivinhar, para além duma próxima curva, os alcantis tormentosos do Alto Douro. E, por baixo da ponte, no escuro sonâmbulo das águas, alvejavam chiméricos tons de prata.

O silêncio pardacento e frio da ante-manhã, enchia a paisagem soturna duma vaga perturbação misteriosa, porque era feito da voz da nossa alma extremunhada, interrogando as cousas que se calam. Apenas o estrelouçar das travessas de madeira, sob as rodas do automóvel e raras luzes, causavam um barulho imediatamente devorado não sei porque bôca negra e monstruosa.

Súbito, um ruído agudo de engrenagens, acelerou a nossa marcha. A extática harmonia do ambiente transtornou-se, fraccionando-se em caóticas formas, que corriam, numa procissão absurda de casas, árvores, montes.

Subimos. Atravessamos Portêlo.

Principia a vêr-se um grande espaço, que termina, muito ao longe, para nordeste, nos píncaros do Marão, cheios de alma e de crepúsculo. Entre o nascente e o sul, a ermida de S. Domingos branqueja, num êrmo íngreme e escaldado, onde os meus olhos ficam em romaria. E na direcção do nosso rumo, o solo eleva-se em outeiros incultos, solitários e batidos daquele primeiro alvorôço da atmosfera, pressentindo a

luz. E, na verdade, já cresce do nascente a madrugada; alastra, como nódoa lívida e marmórea, nas camadas últimas do ar. A brisa matutina começa a varrer a sombra para os vales, limpando os altos montes, que tomam um nítido colorido, nas suas saliências dominantes.

IV

Lamêgo surge, de improviso, num dos primeiros patamares de Montemuro, ostentando, ao lado, a íngreme escadaria do Santuário, enquanto a saudade da paisagem, que eu dali contemplei, há muito tempo, se esfuma na amplidão panorâmica da minha memória.

Não sei que entoação antiga tem êste nome de Lamêgo... No som das suas sílabas, murmura a fonte da História Pátria

Penetramos numa rua sem ninguém... Agora, é um largo ajardinado ; depois, a velha Sé aparece-nos, de repente, desenhando a ogiva da porta, num relâmpago escuro de pedra, e as últimas casas do burgo antiquíssimo sumiram-se logo, atrás de nós.

Mas, depressa, a vista geral da cidade se mostrou. E era outra, vista dum ponto culminante, no seu conjunto branco de edifícios, entre dois traços negros perpendiculares : a velha torre de menagem e a velha Sé, dum relêvo duro e musgoso, no azul amanhecendo.

É que estranho e luminoso encantamento de tintas diluídas, dava tons fluídicos de pérola áquele ambiente matutino do burgo e da paisagem, áspera e serrana, que o circunda! Uma pequena cidade morta e embrandecida num sonho de claridades irreais...

Continuamos subindo a encosta de Montemuro, quási num vôo ruidoso e rastejante.

Sentindo êste grande pássaro, que tenta voar e corre, pequenas aves amedrontadas fugiam das valetas. Eram passarinhos solitários da montanha, condenados também a um perpétuo exílio. Há não sei que tristeza êrma no bater das suas asas; e, quando piam, esvoaçando, julgo ouvir, no ar, a minha queixa mais íntima e silenciosa.

Lamêgo vê-se ainda, lá em baixo, apoiada num contraforte da serra, que decliva sôbre o Douro, cujas encostas marginaes se abrem, agora, numa amplidão vasia, em que se espalha a madrugada, retocando as primeiras côres sombrias dos longes montanhosos.

Alcançado o planalto de Montemuro, gélido êrmo, onde mal se divisa o povo de *Penude*, nome escuro de fraga, — o panorama, em volta de nós, não tem limites. É um deslumbramento de distância! É já uma vista do mundo...

E ~~quando~~ fiquei admirado, no meio desta planura, tôda ela em altitudes alongadas, sulcada de rugas que o inverno enche de lágrimas, deprimindo-se, para as bandas do ocidente, numa

larga mancha alvíssima de névoas, que nos esconde as terras baixas da Beira. Dêste mar sonâmbulo e gelado, emerge, no horizonte, qual negro promontório dos *Lusíadas*, o alto dôrso monótono da Estrêla. É um Adamastor, beijado pela aurora, enternecido e lúgubre...

Que aurora! Que luz anterior à luz! Luz que não é luz ainda, mas uma sombra que alumia; luz de milagre, anunciando o nascimento dum Deus; uma luz sentimental, de íntima origem, matutina; luz que lembra um misterioso olhar infinito, num sorriso de transparência azul e sem fim... Esta luz prodigiosa da manhã, ou a luz desta manhã prodigiosa dava, ao grande panorama, já planetário, uma transfigurada aparência, dum colorido imaterial, em que vemos, durante os sonhos, certas vistas de céu e de montanha.

A planície, ondulada e êrma, batida duma aragem agreste e viva, em pleno Agosto, cortada por um pequeno rio, que parou, ferido de morte pelo sol, alguma parda povoação oculta nas pregas do terreno; a Grelheira, o Caramulo, o Marão, a Estrêla, esculturas de bronze perfiladas, em círculo, na distância, — tudo quanto abarcava o nosso olhar parecia um mundo chimérico, um outro mundo, onde só existíssemos em alma.

V

O auto deslisava no encantamento da aurora, cada vez mais próxima e risonha. As curvas suaves dos outeiros dir-se-iam ondas visíveis de harmonia, espreado-se, em litorais etéreos de safira. As distâncias religiosas tinham emanações brancas de turíbulo. Um mimo, uma ternura, uma graça, um branco sorriso sem destino, caía da luz do sol anunciado, cristalizando, na terra, em tons duma côr maravilhosa : a côr que teriam os nossos sonhos mais belos, reduzidos a um fluídês espiritual que envolvesse as cousas levemente.

Apenas o vento, um vento frio de serra, fustigando-nos o rosto, e o ímpeto ruído do auto nos prendiam à realidade planetária.

Todo o planalto era um cósmico e estranho cenário de almas, fugindo, fugindo, sem passar...

O grande planalto de Montemuro! o grande cenário de almas! Sim : o grande cenário de Viriato... Como o seu espectro montanhês, pre-

sente ainda nestes êrmos, me deslumbra e arre-bata para os tempos, em que a nossa raça amanhecia... Também a luz despontava agora, dos lados do Marão.

E êstes dois alvoreceres casavam-se, no meu desejo de renascença, de vida nova, pressentida, através das ralas de agonia em que a Pátria se debate.

No ilusionismo do crepúsculo aureoral e, mais ainda, na imaginação excitada pelo abalo nervoso da viagem, isto é, em mim e fora de mim, eu vi nitidamente Viriato, essa primeira encarnação do Encoberto, que foi a última espiritualização do homérico pastor da Estrêla.

Nesta hora nacional, de incerteza, em que a morte se aproxima, talvez, como outrora se aproximou a vida, a figura de Viriato anima-se dum luz tão humana e triste, que a sua antiga rudeza de pastor aparece-me, embrandecida e condoída, tocada dêste mimo alvorescente que imaterializa tudo. É de oiro o seu cabêlo, sôlto ao vento, é de oiro a sua lança ; e a samarra grossa de estamenha que o cobre, lembra uma névoa de sêda, ondulando no crepúsculo. Os seus olhos são azues, a alma transparece-lhe no perfil saudoso. É a alma da sombra e do luar...

Mas a Visão desfez-se, quando o primeiro raio de sol correu, como flexa de oiro, sôbre nós, do longínquo nascente, esculpido em bronze transmontano. E logo tôdas as formas ganharam a

sua fisionomia natural. Assenhoreou-se do mundo a Realidade. A Esfinge mostrava materialmente o seu mistério, que nos aflige, à fôrça de revelado e, ao mesmo tempo, impenetrável.

A paisagem indefinida pela sombra, como que se nos torna interior. O seu mistério é vago e familiar.

Mas a paisagem alumiada, contida nas suas linhas coloridas, adquire uma nitidês e densidade de presença, que fica exterior aos nossos olhos. Mais afastada de nós, que a outra, embora pareça mais perto, fere-nos o excesso de revelação que a escurece, afinal, porque ela é pesada, muda, inerte, e fria e insensivelmente se abandona à posse do nosso espírito ansioso.

É mais dramático o mistério da cousa que se toca e vê, o do meu chapéu, por exemplo, que o mistério insinuante do luar, do outono, da via láctea e de Deus.

Por isso, a velha Esfinge é de pedra; e, sendo de pedra, é que ela é verdadeiramente esfíngica, silenciosa, imóvel, densa na crueza da sua attitude, à luz do sol.

VI

Montemuro reencarnou em belos outeiros esplanados, duma cheia e suave ondulação, que esconde os ossos.

O céu é um mármore azul, em abóbada, repousando nos píncaros da Estrêla, Grelheira e Caramulo; — imensa abóbada, com um buraco circular, por onde jorra a luz, que tudo inunda.

O branco da estrada, o verde e o amarelo dos baixos e altos relevos da montanha, o cinzento dos casebres, que se apinham, raros, aqui, além, o cobre velho das distâncias penhascosas, a cerração longínqua dos pinhais, tapetando os primeiros vales da Beira que já se avistam — as várias côres da paisagem vieram, sôbre ela, por encanto, no oiro da primeira luz.

Somos, enfim, dêste mundo; e a realidade estridente do automóvel corre através da realidade tangível, material, de tôdas as cousas em tumulto.

O planalto findara, deprimindo-se em declives, tôrvos da última névoa, que se esvai.

Descemos para Castro de Aire, vendo, diante de nós, enverdecida, uma grande amplidão beirôa. Cerram-se os pinhais, junto da estrada, bailando e fugindo, na mais verde negra confusão ; saltam-nos cães, latindo ; perpassam vultos humanos ; casarias relampejam brancuras, que se apagam ; desequilibrantes movimentos de rapidez, em zig-zag, e a voz rouca da sirena saindo dum monstro, envôlto em nuvens de pó. E, em derredor, um horizonte de serras que desliza, estreitando-se e acelerando a marcha, conforme nos aproximamos da encosta arborizada, onde se alcandora Castro Daire, com o seu nome romano cheio de musgo.

Depois, uma pequena ponte de pedra, sôbre um fio de tinta verde, transparecendo alvuras de areias e seixos. Depois, uma nova subida, entre pinhais ; e, para as bandas do noroeste, Montemuro, que se afasta e azulada. E sempre a linha tortuosa da estrada, riscando um verde painel, mimoso e alegre nas veigas cultivadas, sombrio e triste, com rumores de vento, nos outeiros. E sempre, em todo o círculo da distância, um rôxo macerado em altos píncaros.

Agora, é um ribeiro que nos acompanha e desaparece ; muito embora numa fuga para trás, repetindo a verde, a branca estrada ; logo, um vermelhar fumegante de telhado ; viandantes que nos amaldiçoam ; um cão, saltando, que arremete ; mala-posta que passa, num turbilhão

de poeira, furado de gestos humanos ; galinhas esvoaçando ; aquela prêsa de água, entre salgueiros ; um velho perfil de moinho ; uma junta de bois aterrorizada ; um cavaleiro abraçado ao pescoço duma égua que recua, aos corcovos, sôbre a valeta ; lavradores, curvados, no trabalho, férreas enxadas da pobreza reflectindo oiro, ao sol...

Aqui, a estrada bifurca-se, para enganar os transeuntes ; ali, desespera o *chauffeur*, cavada em buracos traiçoeiros, onde jaz, como um cadáver, a vigilância das Obras Públicas.

Mais adiante, uma nova perspectiva, que se abre, desvenda novas faces da paisagem, como que esboçando, em nossa alma, a alegria das Descobertas...

Depois, é o ermo que se povôa... É Ladreda, baptizada outrora por um cão, já com ardências de sol, grupos espantados de crianças, môscas zumbindo, um burro preso a uma argola, um postigo e, entre dois vasos de alfadega, lindo e jôvem rosto de beirôa, que imprime um instante alegre em nossos olhos.

Novos campos de milho, pinheirais, áureos resplandores no Azul... e topamos Cobertinha, diminutivo sebastianista, que anuncia o berço profético do Bandarra, o sublime sapateiro e avô da minha inspiração.

E, para além de novos arvoredos, novas veigas, novas fontes de idílio, em marulhos de abun-

dância, encontramos S. Felix, pequeno povo, guardando a sua misteriosa santidade, na sombra espessa, quási material, de antiquísimos castanheiros.

Agora, desce a estrada para um vale, a entreabrir-se num verde panorama que surpreende! E, lá no fundo, aparece uma longa esmeralda, líquida e absôrta, enamorada de si mesma. Nem os raios do sol, ainda oblíquos, nem a aza dum insecto, nem um sôpro de zéfiro, roçam a sua virgem superfície. É um encanto de fluida transparência, um sonho de água que partiu duma fonte para o mar, e ali parou. É uma lágrima que o sol não bebe, lágrima eterna e imóvel no seu extase translúcido, onde fulgem, espiritualizadas, as tintas viçosas das margens... É a mais perfeita quietação de alma religiosa, em que um rio pode adormecer... É o Vouga, nos versos imortais do António Correia de Oliveira, e no vale de Lafões, perto de S. Pedro do Sul, que surge tôda em casarias de riso, salpicadas de folhagem. Nossa Senhora da Esperança deve ser a Padroeira desta vila, que lembra a capital feliz dum Povo de árvores.

Que pena! Ficou-nos logo, à direita, escondida na verdura! É o Vouga também!

A paisagem vulgarizou-se, outra vez, repetindo a larga viridência das campinas, com largas manchas de pinhais, pomares de macieiras, sotos mais velhos que a província, de quando ela,

sem nome ainda, não era mais que uma vaga região nublosa da vaga e remota Lusitânia. Depois, foi a Beira. E êste nome deu-lhe um perfil e vida própria. Tornou-a senhora dum espaço, no mundo. Ser anónimo é não ser! A magia da Palavra! Só quem te ignora, despreza as boas letras.

Agora, Bodiosa, Mozela, Abravezes, fazem soar o estranho mistério dos seus nomes, de suavidade pastoril, como o primeiro, ou em sílabas de tójo bravo e fragas, como o último.

Observai êstes pequenos Povos, que a estrada corta ao meio. Lançai um golpe de vista, sôbre os seus arredores, e sentireis emanar-se, do ambiente, como que um silêncio de alma sugerindo uma expressão verbal — que é já o seu nome proferido pelas cousas.

Há lugares que se baptizam a si próprios. O seu aspecto original provoca, em nós, uma combinação de sílabas que o traduz em som articulado.

O homem é uma lira animada, tangida pelas cousas mortas, e é talvez um traço de união entre a morte e a vida verdadeira. Pelo menos, concebi-o assim, na minha obra. E, concebendo-o assim, desculpei vários erros à Natureza e engrandeci-a, atribuindo-lhe fôlego bastante para ultrapassar o pobre bípede implume, mísero pássaro sem azas que condoeu Platão.

Mas voltemos aos nomes... Também os êrmos

possuem um nome, que é, muitas vezes, o último vestígios de povoações destruídas, porque a alma sobrevive ao corpo.

Os seus edifícios desabitados pela peste ou pela guerra, desmoronaram-se, ao vento e à chuva; sumiram-se, debaixo da aluviada e dos silvêdos. Mas o seu nome de vila ou logarejo, o seu nome de *pessoa*, se perdeu o sentido urbano e alegre, não deixou, por isso, de viver, embora mais triste, impregnado de melancolia e solidão.

Mas quási sempre um lugar ermo tem nome próprio; quer dizer, tem o nome da impressão que nos causa e é o seu mesmo espírito remoto.

Encontro nestes nomes, alguns de côr mourisca e outros de céltico sabor, um grande interesse, pelo que êles mostram da nossa sensibilidade, em casamento com as cousas.

Curioso, olhava os aspectos da paisagem beirôa, tão fértil em nomes sugestivos, como tentando adivinhar-lhes, para além das formas plásticas de terra, verdura e água, o desenho anímico, verbal, que o povo fêz das suas almas.

De que servia? O que se relanceia dum auto, é a paisagem vertiginosa, turbilhonante, do *chauffeur*, aniquiladora dos detalhes, que se individualizam e nomeiam. A Velocidade dá a visão, delirante e alada, do conjunto, largas manchas panorâmicas, sucedendo-se, como relâmpagos, que fôssem painéis desenrolados...

Adeus, aves a cantar, sôbre as ramagens, que o zéfiro balouça! Adeus, idílio inocente das flôres, convidando-nos ao idílio! Adeus, recantos de frescura e repouso virgiliano! Adeus, fontes sagradas, Ninfas coroadas de lírios, bailando, ao som de frautas pastoris! Adeus, paisagem alegre e serena, extasiada nos seus relevos esculpidos e pintados! Desapareceste do mundo, sob o alarme da siréne! Os paraísos findaram. A Criação enlouqueceu. Tôda ela se perturba em movimentos doidos. Corre e foge, sem destino, entremostrando apenas as grandes formas ou aquelas que ferem pelo imprevisto da sua beleza. Mas, tudo se passa num ai!

Assim scismava, quando o Álvaro me apontou, a distância, o panorama de Viseu, quási afogado em árvores, emergindo sómente os seus mais altos edifícios... branco arquipélago banhado de folhagens.

E, ao exclamar: «Viseu!» de novo, me lembrei de Viriato, como se o épico Pastor viesse ao encontro da minha exclamação, atraído por ignota e fraterna simpatia.

A hora cheia de sol e realidade não plasticisou exteriormente a Figura evocada.

E, na verdade, existe um parentesco espiritual e mesmo gramatical entre as duas palavras: Viriato e Viseu.

Viriato é a heroica afirmação do indivíduo, trabalhando êle mesmo a sua estátua, todo êle,

desde o esqueleto ao pensamento, condensando-se num mármore eterno.

Viseu traduz também o poder de individualidade duplicado. É a corrupção de *bis* casada ao pronome *eu*. — Eu duas vezes, dirá orgulhoso o filho da bela cidade beirôa.

VII

A sirene do auto, roncando alarmes, previne ruidosamente os primeiros transeuntes da sua presença, veloz e poeirenta.

Casas, novas e grandes, esboçam uma rua já movimentada. No Azul sem nuvens, as dez horas imprimem um grande X luminoso.

Que diferença entre as vilas trasmontanas, numa quietação escura e secular, em amarelas terras de febre, pelo estio ou queimadas da neve, pelo inverno, e as vilas da Beira, caiadas de fresco, prósperas e brancas, no mimo arborizado da paisagem!

A rua abriu-se, depressa, num magnífico largo ajardinado, macaqueando, em artificios municipais, o imenso jardim natural que estreita a cidade, num viçoso abraço feito de árvores.

Mas, como obra do homem e do homem oficial, aparentado com o Estado, é bela e alegre a praça pública, onde um ruído súbito do travão cortou as azas ao nosso vôo. Parámos, à sombra dum plátano; e o bailar confuso do ambiente parou

também, porque nós eramos demónios, transmitindo, por tentação, a tudo, o movimento febril que nos animava. Paramos, isto é, regressamos à nossa qualidade mísera de bípedes. Eu sentia-me um corpo trôpego, inerte, quando troquei as quatro rodas do automóvel que vôam, por estas duas pernas, que andam simplesmente. E uma tristeza de moura, quebrada no seu encanto, chorava nos meus olhos, que, de relancear as fugas aladas da paisagem, começaram a olhar os seus relevos extáticos e mortos.

Tornamos a ser homens. E o primeiro sintoma desta pobre condição, manifestou-se, imediatamente, sob uma forma agradável, porque havia prata na algibeira : o desejo de almoçar!

E a velha Sé? o Grão Vasco? a cava de Viriato?

Duas tentações, uma, divina e outra, humana.

Deus, mais uma vez, foi vencido. Eis-nos a caminho dum almôço, ainda chimérico, fumegando lisongeiros aromas, na nossa imaginação.

O devorar é um vício tão próprio da fera humana, que nem a alma lhe foge! A mística Pomba bíblica tem garras de rebanho, afinal!

Mas cumpramos o nosso destino animalesco.

Perto do lugar onde paramos, num luminoso e airoso sítio, um grande e novo edifício parecia vir ao nosso encontro, oferecendo-nos, risonho, êste letreiro : *Casino-Restaurant!*

Entramos, num sobressalto. Ampla sala, cheia

de mesas, a Suissa em oleografias, nas paredes; e, ao fundo, sôbre estantes coloridas de licores, um balcão e um criado de farda, fazendo contas, num papel.

Alguém inquiriu :

«Que há para almoçar?»

E o rapaz, volvendo-nos um rosto pálido e soturno, apenas disse :

«Não há nada.»

E logo, como ofendido, nos voltou as costas, para se inclinar sôbre o papel, onde algarismos rebeldes contrariavam a soma desejada.

Fomos indiscretos. A cegueira da fome não nos permitiu ver que os restaurantes de Viseu se não prestam a comédias gastronómicas, rebaidoras da dignidade espiritual do homem. São restaurantes idealistas, templos do Jejum, que só receberiam alegremente Platão e os seus discípulos.

Não quizemos macular, por mais tempo, com a nossa fome, êste grave Santuário da Abstinência. E, sacudindo, como na Bíblia, a poeira dos sapatos, dali nos partimos, procurando um hotel mais humano e dêste mundo.

Assim abandonamos o Casino e o seu doirado letreiro mentiroso...

Dirigimo-nos a um bairro novo, onde a terra mostra ainda a côr quási carnal da sua nudez. Um alto edifício, de construção recente, inicia, solitário, a futura rua, que termina, adiante,

numa planície verdejando e ondulando até aos longínquos contrafortes de Caramulo: a serra de maronêso perfil em bronze.

Estávamos à vista do hotel do Casimiro. Caminhamos naquela amável direcção, olhando o que se via de Viseu, já arrabalde, numa hesitação pitoresca entre o urbano e o campestre, onde a paisagem, ferida pelas casas, principia a ganhar pele, sarando.

As cidades lembram chagas roendo a verde epiderme da terra. E o homem é um micróbio mau que destroi a Natureza.

Perdõe o leitor êste súbito pessimismo, caindo, qual nódoa de tinta negra, no assunto, viçoso e alegre, em casarias brancas e verdes perspectivas, dêste livro.

Já próximo do hotel, gulosamente referido, travou-se imprevisto diálogo, entre nós:

— «Que dizem? Almoçamos aqui ou no Mosteiro? O Ventura espera-nos...

— «De resto, o tempo é pouco. Necessitamos de ver a cava de Viriato, a Sé, o célebre *S. Pedro* e o *Calvário*.

— «Muito bem! Mas, antes de mais nada, uma chavena de café, para acordar os nervos entorpecidos da viagem...»

Grão Vasco estendia-nos os braços, através da sua duvidosa existência. Sim: duvidosa, como a de Cristo, de Shakespeare e Homero.

É curioso o prazer que tem o homem de pôr em dúvida a existência dos homens, que maiores sinais deixaram dela! É curioso e trágico!

Penetrei, numa sala de jantar, alegrado no meu apetite e contrafeito na minha alma, por ter de encarar o meu semelhante, na sua atitude ingénua, feroz, antiquíssima, de bicho, que devora, com um certo ritual de baixelas e guardanapos.

Um ar morno, impregnado de cheiros culinários, várias mesas, tendo flôres disfarçando o realismo prosaico das comidas, vultos ligeiros de criados, ruidos de porcelana, alguns hóspedes debruçando o seu tédio e a sua fome sôbre um jornal e um bife e, na parede, um grande espelho de cristal, a espectralizar aquele ambiente carniceiro e florescido.

Cheio dêste cenário fúnebre de apetites que morrem, depressa, me encontrei, outra vez, cá fóra, à luz do sol, a bela Flôr ardente, nascida na Beira lá de cima, na Beira olímpica e azul, que é verdadeiramente a Beira Alta.

Dominava-me sempre a aparição nebulosa e hipotética de Grão Vasco. A dúvida acerca da sua existência aureolava-lhe o nome prestigioso... era quási a sua figura a revelar-se... Sem esta dúvida, que o martiriza e tenta aniquilar, Grão Vasco ficaria diminuído, perante a sua obra! E assim, eu vejo Homero, o divino avô dos Poetas, depois de mendigo e cego, depois

de desfeito em poeira pelos séculos, condenado à tremenda pena capital de nunca ter existido!

Ai, de ti, Homero! e ai de ti, Grão Vasco!

Atingimos o âmago da cidade, labiríntico, em direcções misteriosas que se cruzam e tornam perplexo o *touriste*.

Mas uma vaga certeza nos impele... E sentimos um certo encanto especial, nesta interrogação silenciosa que nos guia, para um fim desejado, através dum meio desconhecido.

Dir-se-ia a própria imagem da Sé, respondendo, de longe, ao nosso anseio, como que dizendo: «é por aquela rua, à esquerda...» Que simpatia nos prende a alma ao objecto do seu desejo, embora morto e de pedra!

E logo enveredamos por uma rua enegrecida e velha. E aparecia gente, às portas e às janelas, olhando-nos, como se olha um bicho curioso, porque o homem é ainda para o homem o animal mais bizarro, estranho e imprevisto.

«— Repare no hotel Mabilia, onde se hospedou seu Pai, em 1895. Era, nesse tempo, o melhor hotel de Viseu,» disse-me o Pedro de Macedo.

E vi, com simpatia, uma entrada escura, cheia de malas, num velho edifício escuro.

Que diferença vai do hotel Mabilia ao hotel do Casimiro! Como Viseu prosperára, em vinte anos! E digo Viseu, porque uma cidade, para os de fóra, está nos seus hoteis. O hotel é uma

sala de visitas, que nos dá o movimento da casa, a riqueza e o gôsto de quem recebe.

E, enquanto a cidade, luminosa e alva, sorria à mocidade verde da paisagem, chegamos a um largo alto dominante, a escapar-se, por entre as casas separadas, sôbre a bela e viçosa amplidão, que as circunda.

Eis-nos, em frente da Sé, a dois passos de Grão Vasco, o grande desterrado da Existência, como Cristo, Shakespeare e Homero.

Penetramos, atravessando a porta magestosa, na fria penumbra interior, que escurece levemente as abóbadas, os capiteis, as paredes desmaiadas e os altares, feridos de luzes amarelas.

Sôbre um solo de esqueletos desfeitos, perante imagens sangrentas do Senhor, há vultos de mulher ajoelhadas. Vestem de negro. Exalam penitência e viuvez. A distância, o murmúrio das suas rezas perde o sentido, e é o som duma aragem que perpassa. E Deus saberá distinguir a voz humana da voz das cousas?

Além, defronte do altar-mór, alguns cavalheiros de idade, põem, na sua mística atitude, um discreto protesto contra a heresia que lavra.

Ai de nós! As divinas Imagens, que viveram outrora, em amor e sonho, na alma dos fieis, existem hoje, em madeira e tinta, nos altares. O português (vêde o grande mal!) sofre de desencanto e de velhice. Mumificou em formas

de esqueleto, e ri, como as caveiras. Porque o riso é máscara. Encobre sempre qualquer cousa que nos falta. O riso português encobre um Deus defunto. Ah, que tragédia a ironia nacional! É a lívida Descrença, com um traço de vermelhão nos lábios: palhaça e dolorosa. É, em suma, o preságio carnavalesco da nossa morte!

Triste, contemplava o vasto recinto architectado em ouro, em pedras e flôres, quando o sacristão nos apareceu: um homem, de suissas brancas, bastante calvo, encorpado, pequenos olhos sorridentes de malícia campesina, ingénua:

— «Os senhores querem vêr o S. Pedro?»

— «Decerto. Viemos aqui atraídos pela sua fama.»

— «Pois bem, façam o favor de me seguir.»

E apontou-nos, com uma grande chave, o local da sacristia.

A chave, a barba branca e a calva, davam-lhe todo o ar apostólico da primeira coluna da Igreja.

E, por isso, lhe disse:

— «Mas vocemecê é que é o S. Pedro!»

O homem nunca mais me tomou a sério. Quâsi me tratava por tu, e respondia sempre chalaçando às minhas perguntas.

Uma simples frase de graça inofensiva, imprimiu-me um certo aspecto hilariante, de que

não pude libertar-me. Aniquilei-me! Foi o castigo...

Dirigimo-nos para a porta da sacristia. Apenas se ouviam os nossos passos, no grande templo. A nossa presença, movimentada e curiosa, ofendia aquele ambiente místico de paz, descanso de alma e litúrgicas penumbras.

Vagos sons de reza sibilantes, vagos fumos de turíbulo, o ouro velho das molduras, rostos doloridos de Virgem Mãe, flores que os círios cada-verisam, pálidos perfis de damas, em mantilhas negras de sêda, uma ténue frialdade tumular, beijando-nos com lábios de fantasma — tudo, enfim, nos falava duma religião de dôr, sombra e morte. Apenas o sacristão desenhava contrastes jocosos, neste meio anoitecido. Era gordo, tinha alegria e suíças brancas.

A sua velha chave rodou numa velha fechadura, e abriu-se uma velha porta, diante de nós.

Lá estava, suspenso da parede, o célebre S. Pedro.

Eu vinha cheio de catolicismo e crepúsculo. A imagem, profundamente realista do Apóstolo, discordou, vigorosa, da afinação ascética e sombria dos meus nervos. Foi um encontro violento, um instante de discórdia moral entre a minha sensibilidade e Grão Vasco.

Mas a borrasca serenou; a luz dos meus olhos, desanuviada e mais sãdia, viu, então, num grande encantamento alvorescente, a figura

tão viva e humana de S. Pedro! E viu ainda, através dela, o vulto lusitano e inconfundível do pintor, dominando o estilo e a época. E viu, sobretudo, aureolando a obra e o artista, o sorriso duma ironia estranha, naqueles tempos de austera seriedade medieval.

Observai o velho Apóstolo, o velho soldado da Plebe que triunfa. Fere-nos a caricatura, que ressalta da luxuosa roupagem de Pontifice, vestindo, pela primeira vez, o tronco dum velho proletário, o rude pescador de peixe, em Tiberíades, que a vitória democrática do Cristianismo elevou a pescador de almas.

Vêde o habitante da pobre choupana marginal, guindado miraculosamente ao sólio pontifício! Vêde-lhe a fronte, enrugada e queimada do sol da Palestina, sob a tiára de oiro e pedras preciosas! Vêde-lhe as cordoveias grossas do pescoço, que se oculta, sujo ainda, talvez, em alvos folhos de rendas. E vêde a sua mão direita, calosa e trôpega dos remos, numa luva fina de pelica, indicando hieràticamente os altos céus.

E reparai agora na caricatura, que transluz nesta mistura absurda de vestes reais e formas tôscas de proletário.

O S. Pedro de Grão Vasco é o tipo venerando e pontifical do *parvenus*.

O estranho Pintor realizou a primeira grande caricatura social e política. Acendeu, antes da

Revolução francesa, o primeiro riso aristocrático, mordendo a *gaucherie* dos triunfos plebeus. Ele anteviu o cómico desequilíbrio das sociedades europeias, depois de quebrada a sua forte e clássica hierarquia.

O seu génio glorificou, ao mesmo tempo, as singelas virtudes do trabalho, convertendo-as numa pessoa sagrada.

É certo que à concepção naturalista da sua escola, repugnava a palidez, o ascetismo, a espiritualidade; mas Grão Vasco teria aristocratisado S. Pedro, se não fôsse um espírito essencialmente lusitano e vicentino, representante das qualidades da Raça, que criou a nossa Democracia medieval e a nossa Igreja.

E, consagrando o pescador, caricaturou o Papa, encarnando-o num tipo grosseiro e vulgar, sem um vislumbre de inteligência, na expressão animal e quási baça dos olhos. É um pescador que nunca pensou em Messias ou Escrituras, mas sòmente no seu batel e nas suas rêdes.

Ora, o S. Pedro bíblico devia ter sido um pescador inteligente, um pescador que ouviu as palavras de Cristo e o acompanhou, um pescador que prègou em Roma e em outras cidades do Império, que conquistou adeptos, prestígio e um nome eterno.

O S. Pedro de Grão Vasco é, muito simplesmente, um poveiro da lancha *Nam te perdes*. É o rude e lusitano trabalhador do mar, vestido

de César. É o génio plebeu vitorioso, ornamentando-se com os símbolos aristocráticos, que êle tentára destruir. É o nosso antigo espírito de liberdade e aventura, feito suprema Protestade.

Uma epopeia e uma comédia.

Saímos da Sacristia ; e, num estreito recinto escuro, abrangendo um largo espaço de parede, descobrimos o *Calvário*.

Visto, a certa distância, é um tumulto vivo e confuso de figuras, que se agitam, gesticulam e falam, em volta das três Cruzes, tão negras na lividês soturna do Infinito!

A nossa memória povôa-se de judeus, de soldados romanos a cavalo, de mulheres pálidas que choram, sob a indiferença e a morte dos três supliciados. E todos os perfis se diluem vagamente numa penumbra de eclipse...

Tão intensa e dramática é a impressão recebida, que ficamos logo a pertencer áquela turba ; assistimos à divina Tragédia, como se fôramos, no prodigioso quadro, os últimos personagens póstomos do Mestre. Judeus? soldadesca romana? gente do povo companheira do Messias? O leitor responderá...

O *Calvário* é uma verdadeira scena real, que domina absolutamente o espectador e o transforma em actor. Se êle é hereje, dirá sarcasmos ao Cristo, numa attitude ameaçadora ; se é religioso, chorará, com as três Marias, desolado ; ou

então, mais ardido de génio, chicotearia, sem dó, a plebe, cruel e bruta, que rodeia o cadáver de Jesus.

E eu senti o parentesco misterioso que irmanava, a tinta daquelas figuras, à carne que me cobre os ossos.

Depois aproximei-me... Cada personagem da Tragédia, rompendo a confusão agitada do arraial, desvenda-nos o seu espírito, ou acêso em violência e raiva, nos Judeus, — ou numa escura e dolorosíssima luz de compaixão, em Maria de Magdala e outras mulheres. Mas a sua fealdade super-trágica é o que mais estranhamente impressiona! As três Marias causam medo e lástima, feias de rosto e intimamente consumidas. É feio o próprio Cristo. E o que vale à Virgem Mãe é esconder a face, desfeita em lágrimas, no manto.

Desta multidão de fealdades, expressivas de vários estados de alma, resulta, de surpresa, o quer que é de trágico e macabro.

Uma sinistra ironia anoitece de riso lúgubre o *Calvário*, mas perverte-lhe o sentido grave e sério. É o pintor que aparece, no meio da turba, olhando para nós; aparece, à Posteridade, neste cenário horrível, ostentando as suas vestes medievais, entre túnicas romanas. Porquê?...

O génio que, em S. Pedro, riu da plebe triunfante, consagrando-a, — neste quadro, veste-se de sombras angustiosas, sofre, mas sem deixar de

rir também um outro riso, que emana da excessiva plastificação da Dôr, em tôdas as suas formas de raiva, angústia e piedade.

Grão Vasco entendeu que o drama, para ser drama, tem de quebrar os ritmos naturais do homem físico e moral, que se exageram e denunciam a nossa fisionomia originaria, simiêsca. E exagerando-se, tornam-se duma fealdade ofensiva, à fôrça de saliente, da qual nos defendemos, rindo.

Por isso, a simples hipertrofia dum nariz, duma orelha, etc., faz a caricatura e o riso. E faz a verdadeira tragédia, porque nos mostra *realmente* a nossa mortal e frágil condição.

A caricatura é o riso amarelo da alma, ante a sua origem e o seu destino: ante o Macaco e a Morte. E é, portanto, o pior inimigo duma concepção otimista da Vida. A caricatura nasceu da morte da alma imortal. É filha da Desilusão ⁽¹⁾.

O Pintor, querendo dar a suprema tragédia do Calvário, caricaturou-a fatalmente.

O seu desejo criador, arrastou-o a êsse extremo da Arte, quando ela ainda renascia para a

(1) Refiro-me à verdadeira caricatura: à dum Cervantes, dum Heine, dum Grão Vasco, dum Unamuno, dum Raúl Brandão. Vide dêstes dois últimos: Niebla e El-Rei Junot.

côr serena e luz saudável da harmoniosa plástica greco-romana.

Eis a originalidade genial da sua Obra, tão lusitana em *S. Pedro* e profundamente ibérica no *Calvário*.

Grão Vasco é nosso pelo sangue : é irmão de Gil Vicente e de Cervantes.

Deslumbrado ainda, encontrei-me numa espécie de museu, que existe, em tôdas as Sés, quando são velhas.

Ricas vestimentas de padre : o oiro, a prata, a sêda entrelaçando-se, em finos e velhíssimos desenhos ; — relicários de cobre esmaltado, com relíquias, dum valor incalculável ; missais ; pergaminhos, onde a tinta das iluminuras tem um viço eterno ; litúrgicas alfaias de oiro e pedras preciosas, etc.

— «Por êste calix oferecera um inglês 500 libras!!!» exclamou o alegre sacristão, numa voz imponente de proprietário daquela soma apetecida. E logo readquiriu o aspecto mordaz, que o meu aludido gracejo lhe imprimira na máscara de figurino antigo, dos bons tempos...

Nestas narrativas de cicerone de Sé Velha, é infalível o tradicional inglês, cheio de libras, mastigando verbos no infinito : estranha linguagem impessoal, como a das aves e a das fontes, que dá um encanto edénico, infantil, à *pose* correcta e dura dos anglo-saxões.

Mas o sacristão perseguia-me. E o seu chalaçar, a despropósito de tudo, profanava-lhe o branco bíblico das suíças. Êle queria vingar-se do meu gracejo, que o identificára ao apostólico retratado de Vasco.

Súbito, aproximando-se dum recanto da sala, as suas mãos ergueram pirâmides de imaginárias libras, sôbre velha braseira de ferro, onde os cônegos aquetavam os pés, no intervalo das rezas, pelo inverno. A sua imaginação fartava-se naquele tesouro, entregue à curiosidade dos *touristes* e... das aranhas. Êle era, de algum modo, o seu proprietário. Assim lho afirmava, dentro do bôlso, a veneranda chave do museu.

E, quando dali subimos a uma tôrre, dominando um largo panorama, e lhe perguntei pela cava de Viriato, o sacristão foi épico, foi mesmo descendente do grande Herói, respondendo, com altivez beirôa :

— «Esta largueza de terras que o senhor vê, cercada, no horizonte, por montanhas, tôda ela é a Cava de Viriato!»

A bonhomia sorridente das suíças, o redondo lustroso da face, mudaram de expressão, impondo-lhe uma tal atitude, severa e grave, que eu julguei ver, diante de mim, o espectro civil e envelhecido do último herói digno de Homero, na frase de Momsen.

Minutos depois, abandonávamos a Sé, envolta

na penumbra dos seus anos e suja dum Govêrno Civil que a acotovela.

O sacristão, no alto da escada, tilintante de chaves, mostravá, nos olhos maliciosos, fazendo e sorrindo, agradecida, a prata da gorgêta :

— «Obrigado! Boa viagem!»

— «Adeus!...»

VIII

Afeito à minha condição morosa de bípede, mais uma vez me perturbou a estridência poeirenta e veloz do auto.

Corríamos, ao longo da última rua, entre portas e janelas, com silhuetas repentinas que espreitavam. Tocava-nos, de longe, um halo de viva curiosidade : emanação anímica de Viseu, logo dissipada, no ar.

Depressa, entramos em plena paisagem campestre. É ainda a mesma Beira, casando a elegia dos pinhais ao idílio viridente das campinas, duma abundância em macieiras quâsi edénica.

Teria sido aqui o Paraíso ? Não o Paraíso cantado por Moisés ; mas um outro Paraíso, entre o Vouga e o Mondego : o Eden de algum velho Mito indígena esquecido.

É ainda a mesma Beira, alegre e triste, semeada de vilas reluzentes de pedra nova. É o mesmo panorama, severo e contente, abençoado

da água e do sol, elevando-se em píncaros montanhezes, na distância: uma arena ciclópica fechada em trincheiras altas de bronze.

A Estrêla, à nossa direita, ensombra o horizonte, que se alteia, e deprime, para ascender aos cumes da Louzã, além da qual se alongam os campos saudosos do Mondego. Depois, é o Buçaco e a sua pirâmide, invocando Napoleão e Santa Helena. Depois, é a serra de Arouca, sob a estrêla polar, e a Gralheira, sôbre o rio Douro, abismático, e as suas margens de ossos ciclópicos, — e Caramulo e Montemuro, donde nascem os astros, como se fôssem filhos bemditos das suas pedregosas entranhas negras.

É ainda a mesma Beira... É Fail que nos aparece e diz adeus, com um lindo rosto, a uma janela e um negro olhar, que nos persegue e fica a alumiar: uma saudade colhida num relâmpago...

Agora, é um denso pinhal, todo ferido nos pés, sangrando. E os pinheiros mártires gesticulam, ao vento, a sua dôr, e fogem, como sob os açoutes dum carrasco.

Ao drama vegetal sucedem árvores alegres, bailando, ao som cantante das fontes. É uma festa pagã (as Saturnais da Velocidade) que se propaga a tôdas as cousas, desde o casebre humilde ao êrmo e austero campanário, em pedra e êxtase, no céu. Uma dança universal enche o

espaço de movimentos, que obedecem a um ritmo confuso de loucura.

E, rasgando tão caótica harmonia, a garganta da sirene expele os seus alarmes de metal: é um carro de bois, um viandante, uma curva traiçoeira da estrada, um auto que surge e passa, animado de caras, nubloso e ruidoso... e é já mancha de poeira, atrás de nós.

Canas relampeja vermelhidões de telhado, instantâneos de esquinas e janelas, alvares efêmeros de cal, fugitivos vultos de rapazes...

Novos pinheiros, com chagas, ao sol, em multidão, dramatisam a paisagem, que logo enverdece... Água e verdura, luz, céu azul... aguarelas que Deus pintou; *frescos* divinos que o auto suja e risca, num acesso de heresia. Assim aconteceu ao *Calvário* de Grão Vasco, tumultuoso ainda, erriçado de lanças, na minha memória, onde a saudade daqueles olhos negros de beirôa punge, como prenúncio de aleluia.

Oh, os olhos negros das donzelas da Beira!

São antiquíssimas noites, em rostos de madrugada. Falam de velhas mitologias, rezam lendas de Mouras, cantam o ciclo fabuloso da sua Raça. São olhos de pastora homérica. A sua luz lembra o sol das grandes altitudes: refulge, desanuviada e longínqua, e nela ri o nosso Futuro.

Quem não viu as moças da Beira, não viu a

mulher portuguesa, na posse do seu sêr primeiro, firme e airoso de elegância, em nítidas linhas brandas, dum colorido intacto e puríssimo, onde a rosa afogueia e cresta levemente a brancura da face. Ê a sombra árabe amanhecida em sanguíneos esplendores do Norte...

Ao contemplá-las, pensei na Grécia... A Grécia e a Beira! A obscura província lusitana e o berço em mármore de Platão! E eu via as colunas do Parthénon, rochedo evoluído, animado pelo génio, e via as fragas de Montemuro, erguendo uma saliência do mundo, um alto relêvo do Planeta, que é também um templo em ruínas, povoado de Deuses mortos...

A Beira, por virtude do seu povo, é o coração de Portugal. E eu sou beirão, em meu Avô paterno. Prende-me a esta província uma remota simpatia herdada, um ancestral amor profundo. Há trechos de paisagem que me parecem familiares, observados já pelos meus olhos... Quando? Nos velhos tempos em que eu, esperança ainda de mim mesmo, errava disperso em outros sêres; nos meus tempos de nuvem, cuja vaga recordação nublosa esfuma o horizonte distante, que não limita, mas indefine a minha alma...

As lembranças de além-bêrço invocadas, nestes lugares, que eu vi, outrora, pelos olhos de Antepassados, fundem-se na sensação actual, que êles gravam, a sol, a terra e água, nos meus

nervos. E, por isso, um encanto, fantástico e vivo, saudoso e presente, sobe para mim desta Paisagem central do Reino, adorada em morte e vida.

Depois de atravessarmos Tondela, na sonância virginal e feminina do seu nome, éramos uma nuvem de poeira correndo sôbre o Dão : nuvem com entranhas de ferro e ruído, e almas alvoroçadas, vertiginosas, ébrias de luz, de amplitudes verdes que, nelas, panorâmicamente se imprimiam.

Súbito, abre-se um vale encantador : — escaleiras de vinhedos descendo para o cristal extático do rio. Além, a arte humana quebra-lhe o sonho verde que se revolta, branqueja, e pára, num sono escuro e fundo. É um pégo tôrvo, contradizendo o alegre humor esmeraldino daquelas águas. Não há céu sem nuvens...

Santa Comba, apinhada num outeiro marginal, é como um templo de Dionísios, no meio dum arraial de vides : romeiras vestidas de folhas e cachos de uvas, negros e doirados. É o delicioso vinho, que o rio baptisou em nome do espírito, é claro, faz-me sêde de o conhecer. Mas, ai, só a nossa imaginação mergulha os lábios chiméricos nêsse rubi translúcido, espumoso, e precioso, que é a alegria da terra beirôa liquifeita. Assim o *velho Pôrto* materializa, em perfume e sabor, o espírito doirado, celeste e

acêso, que se esconde nos fragosos e ressêcos alcantis do Douro.

Santa Comba, Vimieiro, Cancela, são já lembranças, palpitantes e verdes, na minha memória, quási terrena, em largas perspectivas de sonho : uma Beira íntima, espectral.

IX

S. João de Areias também lá vai... E a sua ausência, que tem um aspecto iluminado e harmonioso de fogueiras e descantes, começa a notar, com tristeza, o fim da Beira Alta.

As árvores emagrecem, a terra põe-se amarela; as casas são dum barro frágil, como os seus moradores; e o verde, num clássico gesto lutuoso, cobre-se de cinza, na paisagem, que, desolada, se precipita no Mondego. O rio é lágrima profunda, deslizando pela face dum cadáver. Alguns pinheiros marginaes lembram círios abrindo, ao alto, em triste flama verde-negra; a sua luz de sombra extática escurece o êrmo melancólico dos montes.

Dir-se-há que a alma da Beira, descarnada, anda a penar, neste trecho solitário e doloroso do Mondego. Aqui, não é o Mondego das lágrimas de Inês, camoneano, que banha os campos de Coimbra; é um Mondego scismático e obscuro: líquidos crepes adormecidos.

A ponte de Tábua liga duas almas: a do

Norte, verde, montanhosa, activa, de granito, e a alma do Sul, lívida e plana, como caída numa síncope.

Dum lado, o fantasma heróico de Viriato ; do outro, um espectro mourisco. A Lusitânia e a Mourama, dando-se as mãos de pedra, sôbre o rio, fizeram a ponte de Tábua, que a nossa velocidade atravessou, gritando alarmes maguantes do silêncio gemente das árvores, do silêncio etéreo do Azul e do silêncio pesado, em que o Mondego arrasta as suas águas quasi fúnebres.

As cousas despertam, estremunhadas e ficam, em desordem, num íntimo abalo, atrás de nós.

O automóvel corre, indiferente à dôr e à alegria. É uma divindade de ferro.

Subimos. Os outeiros tornam-se planaltos desnudos, o horizonte mais largo dilata a abóbada celeste, e o verde intenso e forte da Beira desmaia, enternecido, em vagas cambiantes de oiro : uma tinta verde gaio tenuíssima, aqui e além, pastosa e escura de pinhais.

De vez em quando, uma choupana de terra, como as campas da Pobreza e corvos desfraldando, ao sol do meio dia, as azas negras e agoirentas...

O êrmo é limpo de qualquer presença humana e duma crua nitidez esplendorosa. Sente-se que o fere o excesso de revelação. Tem nostalgias da noite e do luar.

A estrada continua a subir, atingindo o Alto da Moita, donde, pela última vez, se descobre uma vasta amplidão o céu e Beira. É um súbito alívio, uma alegria airosa, a curva imensa dum relâmpago, verde e rôxo, que deslumbra.

Mas logo o terreno declina, interpondo, entre nós e os píncaros de Caramulo e Montemuro, o seu merencório vulto anémico de argila, com raros pinheiros pensativos, vagos sorrisos de oiro verde, em êrmos de elegia pastoril, anunciando a divina paisagem quinhentista, o cenário crepuscular e dôce da nossa antiga tristeza medieva : — a terra da Saudade, menina e moça ainda, em Bernardim.

Neste meio de cósmica melancolia amanhecida, repousa Ešpariz, Mourônho e a sua côr mourisca, Seccarias e a sua raiz sequiosa, e serpeia o rio Alva, — nome que desceu, sôbre as suas águas, branco e litúrgico, da estrêla da manhã...

Depois do Mondego, decantado como os Deuses, tendo fantasmas de Rainha entre os salgueiros das margens, murmurando num leito, chimérico e real, onde a areia branca se derrete em profundidades azuis de céu ; — depois dêste rio de água e de imaginação, natural e sobrenatural, dos campos de Coimbra e das estrofes dos *Lusíadas*, não sei que ignoto encanto ascende do Alva, desconhecido, sem lendas que o transfigurem, mostrando a nudez em que nasceu.

Tem qualquer cousa, de isento e virgem, que se casa ao fulgor madrugante do seu nome.

Arganil aparece-nos, enfim. A rua principal é íngreme, e desemboca num largo, com um banco público velhinho, à sombra dum chorão raquítico, sem água onde molhar a trança verde... Verde? quási amarela de sêde, entre zumbidos negros de moscas, pousando, em longos fios dolorosos, na poeira suja e pisada...

Perto do automóvel, que estacou, passa um carro gemente, de grandes bois escuros, magros, — caricaturas espantosas da fome e do trabalho!

Pessoas, a uma esquina, conversam aborrecidas, fumam, envoltas numa nuvem de tédio: — um tédio que se condensa em máscara humana... É num velho edifício, grades de ferro nas janelas e faces lívidas que espreitam.

Bois arrastando a sua dôr, prêsos da cadeia, vultos queimando cigarros, uma rua suja e estragada, zumbidos de insectos, mau cheiro e um banco municipal, à sombra mendiga duma árvore, que tem remendos na casca...

É a vila de província decadente, estagnada, numa fermentação de aborrecimento asfíxiante, ao sol doentio de Agosto.

X

Deixamos Arganil, já com o Ventura da Câmara, ao nosso lado, contentes da sua companhia e das pitorescas vizinhanças do Mosteiro.

A estrada desce para um vale cultivado, através de montes, dum barro côr de sangue.

À nossa esquerda, abre-se agora uma bela perspectiva, que esbarra, no horizonte, em pináculos dum azul macio e triste.

E logo se avista, num recanto, encostada a uma velha igreja, a velha casa do Mosteiro.

Por detrás dela, e em derredor, próximas colinas se alevantam, num rumorejo de árvores antigas. Só uma espreiada larga, sôbre o poente, liberta os nossos olhos, que fogem até à serra da Louzã. Mas regressam imediatamente à amenidade do vale, magoado de sombra, em pleno estio. O outono, aqui, é perpétuo, e paira, sôbre a casa, num escuro alívio enternecido.

É uma casa antiga, num antigo êrmo e num silêncio antigo; uma dôce, religiosa soledade, concentradora da alma, que se abisma nos longes

luarentos da Evocação... A gente vive aqui, no meio de fantasmas, etéreas encarnações, quasi visíveis, da melancolia, nascida do nosso casamento com êstes outeiros ensombrados.

Aqui, a sensibilidade da memória exagera-se, e reproduz imagens que nunca vimos ; como que extrái, dum outro mundo, a substância das suas recordações. A nossa natureza humana força a barreira animal, que a aprisiona, e vòa, num Infinito povoado de saudades misteriosas : vagos contactos dispersos e espectrais da presença de Deus... e talvez Deus, perfeito e vivo, para aqueles, cuja luz do olhar é imaculada...

Retiro saudavel dos monges de Coimbra, em outros tempos, a casa do Mosteiro é hoje o retiro de duas Almas, consagradas à Arte e à Bondade.

E uma delas aparece, à porta entreaberta, chamada pelo ruido do auto que parára, alegre e poeirento, num terreiro espaçoso, à sombra de venerandas árvores familiares.

Subimos as escadas dum páteo, e entramos numa ampla sala, que é um museu.

Todos os objectos preciosos : quadros a óleo nas paredes, antigos móveis, *bibelots*, estatuetas, desenhos, revelam-se, à nossa curiosidade, iluminados pelo gôsto do Proprietário, que os dispôs numa ordem, ou antes... numa desordem harmoniosa e característica. E sendo mármorees esculpidos, telas pintadas, barros modelados, lembram a matéria prima duma segunda obra

de arte, que é o seu conjunto especial, a sua fisionomia colectiva, uma outra vida mais abstracta que êles vivem...

Ventura da Câmara mostra-se logo, em espírito, na bela sala de visitas, embora estivesse ainda, no terreiro, acariciando o seu velho amigo, quási cego, alto, esbranquiçado, sôbre quatro patas. Que importava? O meu sentimento quixotesco preferia o Ventura fantasma, a empecer-nos, neste ambiente de cousas belas e penumbras tutelares.

E quando, no atelier, vi os seus labores em marfim, ouro e prata, e as figurinhas de mulher e de criança, que o seu delicadíssimo buril tirou do blóco informe, a sugestão de beleza recebida, veio confirmar a que eu senti, perante o arranjo expontâneo, traíndo um plano inconsciente, dêsse pequeno museu, que é a sala nobre.

O Ventura da Câmara é, antes de tudo, um ourives: a arte bizarra do arabesco, florindo e aquecendo, a golpes de buril, a dureza fria dos metais.

E florir é criar vida, que surge, num assômo instintivo, ou das entranhas da alma ou da terra. E como a terra, no Abril, o Artista é um expontâneo e um bizarro, pelo imprevisito dimanante das suas concepções directas, que trazem, na sua fôrça eruptiva, o cristal em que se condensam.

No artista verdadeiro, a forma deriva da emoção; brota de dentro dela e com ela. Não é um

vestuário imposto ao pensamento: é a pele viva!

A minha curiosidade contemplava esta sala-oficina, votada a um certo desleixo sintomático de preguiça...

A luz exterior penetrava, a medo, pelas vidraças, como esquecida de haver alumado estas paredes; mal difundindo a sombra ali arrefecida, há muitos meses.

Súbito, fêz-se um estranho alvor, diante de mim. Parei, atónito do milagre. Era um retrato da Sr.^a D. Amélia de Macedo, obra prima do Salgado...

Depois, lancei os olhos sôbre uma larga mesa de pau preto; ferros ferrugentos, esboços de figuras e flôres, tristes e ressentidos, como engeitados. Há um encanto especial na imperfeição das cousas, pela beleza incriada que elas deixam presentir. O que lhes falta, dá-lhes uma vida invisível e superior. Pode mesmo dizer-se que, numa obra de arte, aquilo que a perpetua, na memória, está mais nos seus defeitos que nas suas expressões impecáveis. A obra estiliza-se e morre na sua perfeição e irmana-se, nos erros, à própria Natureza, que é indefinida e imperfeita.

Observei, portanto, com demora, aquela lâmina de prata a florescer, êste bocado de marfim a humanizar-se...

Em seguida, descobri, debaixo da mesa, duas

grandes garras de elefante. Causaram-me aquele vago receio antiquíssimo que eu sofri, ao trilhar, na sala de visitas, a pele diademada dum leão. Estremeceu alguém, no meu sêr; alguém que lutou, outrora, contra as feras. E se os meus olhos viram sómente as duas armas terríveis, que se tornaram inofensivas, outros meus olhos, mais profundos, viram também o elefante... e quem sabe se, no circo romano, sob a esmeralda de Nero?...

Todavia, elas eram, na realidade vulgar, uma simples matéria prima de possível Beleza futura. Perdidas do seu antigo destino temeroso, talvez sonhem a redenção, o ressurgir para uma existência superior à do elefante... Talvez desejem forçar a forma inerte que as aflige... Talvez queiram sair do dinheiro bruto do seu pêso, e ser flôr, corpo angélico, perfil de virgem...

Mas, ai, o Ventura não as ouve!

Os ruidos industriais da sua máquina, ligeiras rodas, com dentes de aço roendo, sôfregos, tóros e tóros de pinheiros, todo aquele meio, estrídulo e rodante, hipnotiza-o, anestesia-lhe a melindrosa sensibilidade, que é o esplendor e a chaga dos Artistas.

E assim se compreende que um homem, nascido para a Beleza, se apaixone pela indústria, essa deusa de metal. Se o génio da Arte é uma doença, a indústria é o seu remédio.

Por isso, o Ventura da Câmara nos precipitou

do *atelier* nas funduras plutónicas da sua oficina! E, muito interessado, vai indicando os operários, a férrea máquina a vapor, as vísceras do seu metálico organismo articulado às tiras de couro, que transmitem vertiginoso movimento a serras parodiando o Infinito — um infinito que devora pinheirais.

E eu digo: vêde o pessimismo do homem, cansado de sonhar e encontrando, afinal, um novo motivo de ilusão nas formas da Realidade mais tangível. Porque o homem é um sêr condenado ao sonho, por todo o tempo da sua vida.

A moderna embriaguez industrial resultou, por contraste, do velho romantismo.

Arte, Indústria: ambição de criar beleza, ambição de criar dinheiro, representam a eterna tragédia da Alma, escandalizada do seu conúbio com a Carne, tentando distrair-se, fugir de si mesma, do seu remorso, para qualquer coisa que se interponha entre o seu desejo de imortalidade e o seu mortal destino.

Se o romantismo foi o aspecto vaporoso e luarento da nossa Máguá, a indústria é o seu perfil de ferro. Depois de Schiller, — Bismark. A febre de Beleza trouxe o delírio do Lucro. E tal delírio trouxe a Guerra, que é ainda a alma humana a procurar a Distracção, num desespero.

Quando passei da oficina ao interior do velho Mosteiro, senti um alívio. Entre a quietação pes-

simista do *atelier* e o ruído pessimista da oficina, está situada a casa, a região neutral e feliz; o templo e a sua Divindade tutelar: a esposa, talvez a única palavra que, em Portugal, se conserva ainda intacta e imaculada.

Mais alegre, passeio, num largo corredor. Vejo portas de antigas celas recatadas, com antigas camas de ébano, velhas gravuras, nas paredes, e janelas abertas sôbre um átrio e verdes colinas íngremes, tão altas, escondendo panoramas vastíssimos, duma extensão saudosa até ao mar.

Quási noite. Uma névoa de tintas rôxas entolda vagamente a mística paisagem. Os cômoros vizinhos, doirados ainda, abismam-se em pântanos de sombra. A tôrre da igreja desmaiára no crepúsculo. É um vulto confuso e comovido, represando, no peito de pedra, as lágrimas de bronze do *Angelus*... lágrimas que, de súbito, irromperam, ecoando melancólicamente no espaço.

Que soledade, em volta de mim! Eu atingira êste estado sentimental, em que o nosso sêr parece identificar-se ao éter indefinido e constelado.

Eis o perfeito alheamento, afinação melindrosíssima da alma, sensível ao contaco da Divindade e do Mistério. É o silêncio de abstracção, em que ela cai, traduz a verdadeira prece ao Criador, porque é uma prece universal, de tôdas as criaturas, rezada, em nós...

Um canto de ave nocturna dirigiu os meus olhos, já acordados, para a íngreme colina, donde se avistam largas planícies verdejando até às scintilações do ocaso, sôbre as ondas.

Desejei subi-la, ocultar-me na espessura frondosa das suas árvores... Ah, como elas devem encher a velha casa, pelo inverno, de soturnas músicas gementes, num dilúvio de sons e lágri-mas! Aqui, as noites de temporal devem ser fantásticas de profundas sonoridades angustio-sas! Sublimes *nocturnos*, beethoveanas composi-ções do vento, nas ramagens... Que cenário para as óperas do inverno!

Daquele alto vê-se o mar!

E com esta frase de amplidões brumosas, nos ouvidos, recolhi à minha cela, chimérico e dis-perso, como se eu fôra, em sombra e meditação, o antigo monge, que a habitou.

Estamos em pleno estio. Lá fóra, cantam os sapos, doirando o escuro de luzinhas tristes e penadas. Dentro da cela, apenas se ouve um zumbido de môsca, solitário: um z esparso no ar... É uma frescura levíssima, entrando pela janela, é a alma do vale, em emanação de simpatia, que me procura... Entre mim e as cousas, medeiam vagos entendimentos. Conhe-cemo-nos, desde a Origem. Ó árvores, se vós soubesseis ler?!

Deitado em precioso leito de ébano, contemplo velhas gravuras, nas paredes: Ana de Austria

recebendo embaixadores ; Pio IX, de liteira, trepando um córrego dos Alpes, donde se descobre a Campania ; uma vista encantadora de Nápoles, entre o beijo azul do mar e a ameaça negra do Vesúvio ; um panorama das costas da Inglaterra : nevoentas fragas, altíssimas, sôbre ondas tôrvas, que se agitam, e as velas dum navio, bêbadas de vento, aos tombos...

Fico esquecido a olhar estas gravuras... Como elas vivem uma vida estranha, insinuante, realçada pelo tempo, que as desbotou e amarelou. O perfil de Pio IX persegue-me... quási fala... Atrái-me a baía de Nápoles, e perco-me, depois, na bruma, esbranquiçada e fria, a esfarrapar-se, nas arestas fragosas do litoral inglês...

Por fim, o sono, ao baixar às minhas pálpebras, trás consigo o repouso, a inercia, o esquecimento, um vago não-sêr em que me afundo, irmanando-me àquele ramo de árvore que, através da janela, mal se percebe, na penumbra... Parte-se-me o fio da existência ; adormeço, caio nos braços dessa morte, com entranhas, que é o sono.

Logo acordo íntimamente ; acordo e vejo... sonho que divago, pela antiga casa do Mosteiro e arredores... Nem dormindo, deixei de ver, num encanto de melancolia, êste dôce retiro de duas Almas, êste êrmo, dolorido e amável, com uma abertura verde, que se espraia, e se eleva, e azulá, no poente, e é a serra da Louzã.

XI

As 7 horas da manhã do dia seguinte, 16 de Agosto, o dr. José Vahia, em mangas de camisa, limpava e engaixava as engrenagens do auto, no meio do terreiro, fresco da briza matutina e da sombra das árvores.

É a hora da partida.

A sr.^a D. Amélia de Macedo, em *toilette* de viagem, dava as últimas ordens às criadas, ansiosa de visitar sua Mãe, que vivia em Amaranthe. Também ela a esperava, com os olhos nos ponteiros quietos do relógio. *Quem espera, desespera*. Esperar é doloroso, porque é sentir o tempo imóvel e pesado; e alegre, porque a esperança representa qualquer cousa do nosso sêr que se liberta e corre ao encontro da pessoa desejada. Abraça-a, muito antes de nós...

O Ventura, saudoso do seu velho *Hoche*, acariciava-o; via nele um bloco de marfim, animado pela sua inspiração. Mas era da raça dos mortais, um quasi cego e trôpego descendente dos *lobeiros* dos Hermínios, latindo, em

noites mortas, como os seus remotos avoengos, sentinelas de Viriato que espiavam a marcha traiçoeira dos romanos.

Tinha grandeza, à luz desta lembrança, o velho cão deitado sôbre as patas, volvendo a névoa dos olhos ao vulto querido do Amo e... Deus, segundo Maeterlink.

«— São horas de partir! É tarde!»

A sr.^a D. Amélia aparecia e desaparecia, à porta de casa e o seu branco véu de viagem, flutuando. Eram ordens, conselhos, disposições, que remediassem o mal da sua ausência.

Eu sentára-me, à sombra duma velha *mimosa*, fixando os últimos olhares no Mosteiro e na igreja, fundada por São Goldrofe, misteriosa criatura, sobrevivendo em santidade, — a substância mais imaterial que existe, criando a mais vaga aparência humana... São Goldrofe! Nome exótico, de som antigo e poeirento, abafado nas páginas de alguma velha crónica esquecida. Nome fabuloso, nome de ninguém, talvez... São Goldrofe...

Mas o Santo — alguém ou ninguém que êle seja — tenta dissipar a névoa que o esconde e mostrar-me a alma, ascética e sombria: íntimo altar desnudo, com uma cruz. Quer empecer-me, que é o desejo fantástico dos mortos... Êle? Não. Ê a nossa piedade de simpatia, o nosso poder miraculoso de memória.

São Goldrofe, as grandes árvores que rodeiam

o velho Mosteiro, sagrado de soledade, as próximas colinas visajando o espírito nubloso dos êrmos, adormeceram-me a ideia de partir.

O Pedro de Macedo, distinto clínico e distinto caricaturista da palestra, ouvia um serrano pastor queixar-se duma ferida, num braço. Era alto e magro. A solidão e o silêncio montanhês trabalharam-lhe o rosto bronzeado. Falava em breves frases desajeitadas, por falta de uso, e pitorescas de frescura e intacta sensibilidade.

A sua queixa, como doente, ampliou-se, tornou-se numa queixa imensa, como homem. Descreveu a sua vida de pegureiro : — êsse monótono e vagaroso drama de melancolia, em scenários altíssimos de fraga e urze. Era uma alma agreste, primitiva, fechada no seu botão primaveril ; mais um sentimento que uma alma, um sentimento de abandono e penúria difuso no vago brumoso das distâncias...

Quási a biografia duma árvore.

O José Vahia, atraído pelo pastor, deixára o automóvel, com as tripas ao sol. Eu deixei o banco de pedra ; e o próprio São Goldrofe saiu dum túmulo, que tem séculos de fundura, e esboçou, em volta do velho pegureiro, a auréola da sua sombra lendária.

Mas o Ventura continuava a afagar o velho cão montanhês, caído na existência plana e extáctica do vale, com as pupilas sem luz, negras dum fantasma enorme de serra.

Por isso, nas suas orelhas, perpassavam rápidos sobressaltos; erguia o focinho atento; um ar de alerta firmava-lhe a atitude ameaçadora. Que seria? Alguma herdada sombra de lobo, escurecendo-lhe a memória... um ruído, uma voz, que lhe despertava, alucinando-o, o instinto de outras eras.

Chegára, enfim, o instante da partida. O motor atrôa o terreiro, assusta as árvores venerandas e as criadas, que espreitam e dizem adeus das janelas.

Um grito da siréne, um abalo, um estremecimento universal, um redemoinho de poeira, uma explosão que nos impele, intactos, pela fita branca da estrada...

Voltamos a percorrer a mesma região, desde Arganil a Tondela.

Adiante de Canas, tomamos o rumo do poente. Passamos por S. Miguel, Fermilhão, Figueiró, lindas povoações da Beira que florescem, multiplicando as suas pétalas de pedra nova, no meio de ramalhetes de verdura. Por tôda a parte, vastíssimos milharais, ao sol do meio dia, ou densas cohortes de pinheiros, avançando, em colunas cerradas, sôbre os quatro pontos do horizonte.

O êrmo d'além Mondego, aqui, na Beira, é solidão.

Os aspectos másculos e sadios desta paisagem,

exalam vida e alegria. Vemo-nos acompanhados ; não nos concentramos ; distraimo-nos. A solidão adora o sol, o canto dos pássaros, as grandes altitudes de granito, revigora-nos a alma e salienta as suas próprias qualidades. Na solidão, o sonho define-se, encontra, por assim dizer, o sentido geométrico da sua cristalização. Prepara-se para a luta.

Êrmo não quer dizer apenas ausência de criaturas ; resulta, sôbre tudo, da tristeza doentia que amarelece a paisagem e a suaviza. No êrmo, há um silêncio de côres fanadas, um rôxo vago, a esfumar-se, que nos magôa os olhos abstractos, sem direcção aparente, porque incidem sôbre cousas invisíveis.

O êrmo adora o luar, o silêncio, o desmaio das planuras. É fonte de tristeza dispersiva. No êrmo, os nossos sentidos adormecem, dando às impressões recebidas um nubloso, que as indefine e desmaterializa. Como somos essas impressões, numa unidade activa e consciente, atingimos assim o mais perfeito estado espiritual e espiritualizamos tudo. Nós e o mundo formamos uma só alma, perdida no Mistério ou absôrta em Deus.

Mas o verde intenso e os ribeiros marulhantes, afastam os êrmos d'além-Mondego.

Atravessamos agora as solidões da Beira. Jorra a luz do céu, em cataratas ! Surpreende-me

não a ver criar, linfas, cascatas, lagôas de oiro. É uma luz abrasadora, beijando, sem de leve as macular, as verdes tonalidades. Faz rir as cousas, acende gargalhadas súbitas nas fontes, e baila, esplendorosamente, à superfície das águas quietas das reprêsas.

Paramos, num sítio inculto e descoberto. A poeira que nos envolveu, lembrava fumo a evolvar-se da terra incandescente. No azul, palpítavam vibrações de lume e transparência. Ígneas mãos pousavam-me na face afogueada. Afloravam-me na pele bagas e bagas de suor. Nem um vestígio de água! Só, ao longe, um milharal tinha o verde circular duma lagôa; e, à nossa direita, uma tribu escura de pinheiros, sem um gesto nem um murmúrio... Um cenário da Sêde! Oh a imagem da água, perante os olhos da sêde! Sinto um renascer de velhas taras mouriscas. Deslumbra-me um outro sol: remotíssimo sol da Ásia que ainda fulgura fantásticamente no meu sangue. Um bronzeo espectro de albornoz ergue-se, em mim, acordado pelo canto que, em labarêdas de oiro, rebôa nas mármoreas abóbadas celestes. É a sêde queima-me os lábios; uma sêde também secular, beduina e poeirenta, que põe zumbidos de febre nos meus ouvidos ancestrais. O homem do Norte ignora esta sêde portuguesa; esta sêde real e presente, chimérica e profunda, herdada do deserto. Eis porque as águas passadas são a nossa bebida predilecta.

Assim, aos primeiros arripios do outono, outras taras despertam no meu sangue. Perco-me no sonho vago e nubloso das almas viúvas do sol. Fantasmas louros levantam-se, redivivos, dêste túmulo que sou. Túmulo? Cemitério onde jazem as raças, confundidas, lutando, cada uma, pelo predomínio da sua fisionomia. Luta obscura, mas fecunda, pois dela recebemos a expressão activa e moral do nosso sêr. O corpo exíguo do homem verga, sob o pêso da Humanidade. Sômos cariátides suportando a vida e a morte.

E sofri uma certa humilhação, ao ver-me dominado por êsse povilêu de fantasmas, no qual vivi, anónimo e sem presença, muitos séculos antes de ter nascido.

Ê possível que agrade ao leitor a descrição dêstes fenómenos misteriosos da Hereditariedade ou, melhor, da Fraternidade que liga os mortos aos vivos de tal forma, que é difícil distinguir, em nós, a carne, — da sombra, *o mesmo, — dos outros.*

XII

O leitor, por mais vago e illusório, deve estar cansado da viagem, célere e estridente, ao longo de paisagens que deliram, em doidas revoadas de árvores. Mas não podemos ficar aqui, debaixo dêste sol, a magicar.

O automóvel abalou, e o ar, movendo-se, no ar, refrigera-me o rosto encandecido. Passa um vento que dá sombra, um alívio que me envolve em contactos de frescura. Respiro! Ah, que bom!

Eu te abençoô, ó máquina de ferro, com brandos pés de borracha! Roubaste-me ao calor asfixiante, e quebraste as cadeias de inércia que immobilizam as pobres cousas da Natura, agrihoadas não sei porque delito...

És um Lohengrin libertador, gerado no seio das fábricas ruidosas, fumarentas e negras, na quietação, quási verde e feliz, dos arrabaldes. Quarenta quilómetros à hora! Deslisamos... voamos, rastejando... Percebe-se o primeiro impulso do avião. Mais um esforço, em duas asas de lona... e deixaríamos a terra!

Quando é bela uma paisagem, não há desejo de a trocar pelas alturas. O céu emanou dos lugares feios e dolorosos do mundo; é filho do Deserto.

Eis porque prefiro, sobretudo em Portugal, viajar em automóvel, — êsse pássaro implume que quer voar e... corre.

E lá vamos através duma região alegre, que tem árvores, verdura, fontes de água cheias de sol, como os olhos das crianças.

Depois de Queirá, um outeiro argiloso e pálido, é nôdoa de êrmo, na solidão beirão. Nesta máscara, granítica e forte, afloram manchas de melancolia, de vez em quando... São misteriosas tristezas vindas lá do fundo...

Agora, a estrada desce para um val fertilíssimo e quási nocturno de grandes árvores seculares. Num alvoroço, presenti a vizinhança de algum velho solar, com uma vasta lareira, uma torre ennegrecida e, dentro, o espectro do Passado.

E logo, à nossa esquerda, se desenhou um portal de pedra, aberto no muro extenso, que veda rumoroso bosque venerando.

E, quem sabe? talvez eu construisse musgosa torre de alvarrã, sôbre um novíssimo chalet côr de rosa... De resto, não vi, áquem Mondego, qualquer paisagem, saudosa e êrma, com ruínas: um cenário adequado às tragédias do tempo.

A Beira é tão alegre de mocidade, que as fra-

gas nuas dos montes e os troncos carcomidos dos velhos castanheiros, perdem-se no seu fértil esplendor. A graça virginal das macieiras espalha, por tôda a parte, o riso e a luz dos verdes anos.

Continuamos a correr, entre as árvores e o sol, na direcção do acaso e do mar. Sômos almas, sensíveis e viventes, na embriaguês da velocidade, que nos leva quási pelo ar... Vêmos passar, qual rajada estonteante, as velhas demoras, nas paragens consagradas, as velhas léguas que subiam de vagar os longos outeiros, que deslissavam, num torpôr aflitivo, através da extensão monótona das planícies...

As grandes distâncias de outros tempos sumiam-se, debaixo do automóvel.

A nossa sensibilidade, criada de acôrdo com a evidência tangível e fatigante do espaço, estranha vê-lo convertido em formas velozes e enlouquecidas, mas é contagiada também desta loucura.

O movimento vertiginoso vai-se transmitindo à nossa alma, que se renova. Os sentimentos ganham asas. O terreno, em que êles caminhavam, é já uma atmosfera, onde principiam a voar.

A dôr, o amor, a tristeza, a alegria, extáticas luzes, que a nossa carne alimenta, serão relâmpagos varando a noite da existência, revelando os seus confins sidérios, lá onde despontam novos astros.

Mas contemplemos a paisagem, que é contemplar ainda a alma, na sua escura e brumosa manhã de terra... Como é impressionante, o encontro dos nossos olhos com a paisagem! Este arrebatamento, que nos causa a aparência do mundo, é um instinto de cósmica fraternidade exaltado. É remotíssima lembrança, que se ilumina, em nosso sêr, e se lhe substitui, por um momento: a lembrança da sua origem. Diante das nuvens, das montanhas, das árvores, sômos, de algum modo, nuvem, árvore e montanha. É um regresso ao Bêrço, ao Éden...

XIII

Penetramos agora num val aspérrimo, caótico de penedos, que se amontoam, nas encostas. A terra fértil dos campos ergue-se, abruptamente, em ímpetos de petrificado desespêro. Fulminou-a algum castigo de Deus. Cada rocha é o busto dum remorso, a estátua dum pecado... E tôdas correm para nós, murmurando extranhas súplicas. Dir-se-há que bailam, doidas de sofrimento, numa embriaguês de terramoto.

Lá em baixo, as águas dum ribeiro contorcem-se, feridas do contato áspero das margens. São lágrimas de penitência, negras e duras de reflexões fragarosas. Ora rebentam em lívidas flores de gêlo, ora se recolhem, numa quietação profunda e silenciosa.

Têm vozes de *almas penadas*, em noites de temporal, e risos de Bruxas que despertam, no povo, o sentido do Mêdo, aquele olhar interior que vê fantasmas.

Depois de atravessarmos uma ponte, quando inflectimos sôbre a esquerda, a plutónica paisagem dissipou-se. Oh, que admirável contraste!

O vale, à nossa direita, é imenso e verde, subindo, até aos píncaros da Grelheira e Camamulo, abrindo-se, para sudeste, numa amplitude maravilhosa, até S. Pedro do Sul, e rasgando, para o mar, uma franca passagem ao Vouga.

Dominando esta largueza de terras, encontramos Vouzela, tão alegre e airosa, tôda pintada de sol! Lá está, num alto cume tutelar, Nossa Senhora do Castelo, branca e risonha de bandeiras multicolores, ruídosa de foguetes, barulhenta, em dias de romaria, quando o metal sonoro das bandas se volatilisa, no Azul, em revoadas de som que o vento leva.

O amarelo e o vermelho das mulheres, engastam-se, com violência, na côr parda dos homens. Os bailados e os descantes redemoínham, poeirintos, perturbando, aqui e além, uma pitoresca e movediça colecção de lenços e chapéus. Vultos mortificados de velhas, figuras madrugantes de virgens cumprem *promessas*, no adro. Trazem oferendas, que vão depôr aos pés de Nossa Senhora. São pernas, seios, braços, mãos de cêra : ingênuas esculturas de *milagres*.

E sôbre a comédia pagã do arraial, o sol brilha contente do espectáculo, e o vento, guloso e sôfrego, devora as cantigas dos bailados e o estrondo celta dos tambores.

Vêde a pintura invocada do automóvel, num relâmpago... Dissemos adeus a Vouzela e à sua

Virgem tutelar, naquele esbelto cêrro, modelado pelo génio do tempo.

O vale do Vouga não se desvenda ainda até ao fundo. Só idealmente se tocam as duas encostas, formando um vértice illusório, que nos esconde o verdadeiro leito do rio.

A estrada segue, por enquanto, a grande altura, batida da luz doirada, estonteada de lindos panoramas verdes que se indefinem e azulam, na distância.

Aflito de ver árvores, casas, outeiros, planaltos, em volta de nós, na mais desordenada debandada, descanso os olhos, no sereno e moroso deslocar do horizonte longínquo. E faz bem à nossa alma contemplar os largos panoramas, sentir as primeiras vertigens do Infinito,—o que é já ensaiar, em vida, o vôo fantástico da morte.

Às vezes, uma rápida curva nos entranhava nas anfractuosidades arborizadas, que fendem, de alto a baixo, a encosta, ao longo da qual fugíamos, roncando e agitando, no ar, imensa cauda de poeira...

Mas logo, outra curva nos dirige num sentido amplo e descoberto. Eram sucessivas entradas na penumbra e saídas constantes para a luz; como que um abrir e fechar de olhos, sôbre paisagens vastíssimas da Beira.

Um alarme da buzina, o mundo, entre duas

filas de casas (Oliveira de Frades), a estrada descendo para o rio, uma árvore frondosa, uma bela sombra, — e o auto, quási de súbito, estacado.

Almoçávamos, quando nos appareceu uma donzela: elegante silhueta recortada no esplendor do dia.

Uma pastora de écloga camoneana, em presença viva, ao pé de nós. Aborrecida da sua existência monótona, nas páginas dum livro sem leitores, emigrára para a vida luminosa dêste vale...

Vendo-nos, còrou, quis ocultar, no lenço, a imagem dôce e bravia do rosto, ainda infantil.

Mas que português resiste a tal aparição? Tudo esquecemos dos *Lusíadas*, excepto a *Ilha dos Amores*.

— «Se a menina nos pudesse trazer água?!»

Pedir água a uma virgem, em terra extranha, é, na verdade, um quadro bíblico. É Rebecca e o Estrangeiro enviado, Jesus e a Samaritana.

Respondeu-nos com o sorriso envergonhado. E logo enveredou por uma carreirinho, que era o da fonte, com certeza...

Esperávamos, como quem espera um milagre...

Ei-la, depois de instantes seculares! Será ela?... É uma pobre velha, de cântaro à cabeça!

E já se aproxima, talvez irónica, talvez consciente da sua condição de feia metamorfose da Belêsa. A velhacaria do povo!...

Deu-nos da água do cântaro e encostou-se à árvore, curiosa das nossas pessoas caídas ali, duma nuvem barulhenta de poeira, que vinha correndo, pela estrada.

Tinha ela um tipo autoctno, pardo e baixo, indeciso, como êstes êrmos, em remotas épocas da Ibéria.

O saxão e o árabe revelaram, em nítidos caracteres, a raça, indígena e obscura, que nasceu da sombra ignota dêstes bocos.

Interessou-me o ar antigo da mulher, bem mais antigo do que ela! A sua máscara, moldada em autêntica argila lusitana, falava-me numa voz, que eram vozes mortas ressurgindo. Descreveu romarias, a sua vida de solteira, e mostrou-me, nas serras do horizonte, o risco branco dos caminhos que percorrera, quando moça. E os seus olhos encovados perdiam-se nos longes luarentos da sua infância...

Falou também da sua pobreza, — o assunto apaixonado dos pobres. Lastimou-se, como tôda a alma, debaixo do sol :

«Ai de mim, velha e pobre!»

Uma réstea de luz, através da folhagem, doirava-lhe o cabelo. Era a alegria das cousas a enfeitar a dôr humana...

A nossa dôr comove as cousas ; e mais nos

queixamos a elas do que aos nossos semelhantes... Quem sofre, não ama a solidão?

E a mulher contou ainda anedotas de aldeia, scenas da existência campesina, palavras banais, na aparência, mas profundas pela antiquíssima entoação de voz que as animava. O etéreo significado destas palavras é de natureza musical. Está nos lábios de quem as pronuncia. Brota do humus espiritualizado, que é tempo eternizado, — memória.

Pela sua bôca falava o Passado, — a Sombra dos mortos.

Tôda a sua velhice emanava aurora, luas primordiais. As suas frases coloriam-na de infância, cristalisavam-lhe, na face, em tons primaveris.

Ela era ainda, afinal, o vulto juvenil da pastora, mas esboçado em sons articulados e revelhos.

Dentro em breve, o auto continuou a correr. E lá ficou, sòzinha, num adeus turbado de poeira, a pobre anciã, cheia de tristeza e cisco e penumbras ancestrais. Lembrava uma estátua primitiva e carunchosa, feita, em pedra de Montemuro, por um vago artista das cavernas.

XIV

Depois de Espindêlo, vimos abrir-se o vale do Vouga, até ao íntimo do seu coração, já tocado da primeira sombra do crepúsculo. O rio tinha medo à noite, que derrama, nas águas, tudo o que ela possui de mais negro e pavoroso. Só os rios e os lagos sabem reflectir o trágico insondável da noite.

O piar do mocho e os tercetos do *Inferno* são compostos de água nocturna : a treva em líquidos acordes profundos...

Mas o princípio duma tarde estival, espalha um encanto de melancolia, na paisagem, que, mais fraterna, se aproxima de nós. Como o Evangelho encerra divindade, o crepúsculo encerra humanidade. É a sombra infinita dum homem, alevantada sôbre o mundo. Tôdas as cousas se humanizam, desde a árvore ao penedo ; diluem-se numa tal suavidade triste, que a nossa alma encontra, fóra do nosso sêr, a íntima harmonia em que ela reza a sua aspiração mais vaga e misteriosa.

Daí o estranho encanto melancólico da tarde...

Ah, como é doce pousar os olhos, feridos de ásperos montes e penedias, na branda superfície do Vouga!

A superfície dum rio é também o seu leito, que sobe, por transparência, à tona de água. Os olhos sentem-lhe o contacto ideal, a resistência illusória que os embala, num sonho fluante...

O Vouga murmura, à nossa esquerda. Emagreceu, espraiando-se; o leito aflora, aqui e além, em nódoas finas de areia. Não há pedras que endureçam e magoem o derivar sensível da sua fluida e verde carne melindrosa...

Apenas, a primeira vela, que aparece, adiante, numa curva, profana pitorescamente a soledade mística do rio.

Percebe-se que êle vai deixar as solidões da Beira, atraído pela visão famélica do mar.

A estrada, plana e bela, desliza debaixo das rodas do automóvel, sem um atrito incómodo. Nem um estremecimento! É uma velocidade quasi etérea.

Neste primeiro assômo da noite, penetramos numa região, fértil e povoada, que se alonga, para os lados do Oceano. São os campos de Aveiro, com velas brancas emergindo da verdura, com incêndios do poente, em charcos e lagunas, rãs coaxando monotonias difusas...

Corremos. A estrada sobe, e o mundo é, cada vez mais vasto, em derredor.

O sol aproxima-se do ocaso. Os seus raios perderam o brilho agudo e penetrante, dissolvendo-se em vagas tonalidades de oiro e rosa murcha. Chove cinza. As côres adormecem, numa abstracção brumosa e parda.

De repente, a paisagem estende-se, em brando declive, até ao mar. O sol, tombado nas ondas, quási frio, vapora fumos brancos... É o oceano em sugestões longinquas de névoa, que trazem, na sua turbação alvacenta, a imensidade e o abismo.

E logo descobrimos, na distância, um lago, aceso e quieto, entre margens sombrias, donde saiem longas fitas de prata que reluzem, metálicamente, no escuro : uma aranha de oiro enorme, com os tentáculos de prata, sôbre uma teia, urdida em neblinas e máguas.

Eis a aparência material do quadro. E como traduzir o indefinido que o amplia, não em formas da Natureza, mas do nosso espírito enlevado? Como pintar a cósmica imagem transcendente, em que êle se continua, através da nossa comoção? É uma tristeza panorâmica a desdobrar-se em manchas lilazes, tons dourados, ausências de luz pairando em silêncios já nocturnos ; enfim, a saudade que a nossa alma tem das cousas mortas, identificada com elas, criando a verdadeira paisagem, — a pai-

sagem feita de árvores e lágrimas, de terra e sonho.

O auto desliza na noitinha. As casas multiplicam-se ; os transeuntes espectralizam-se, como os pinheiros e os penedos. São vultos de sombra e melancolia... O frio, o silêncio e a penumbra, palpitantes de aspectos vagos, perpassam, num vôo ligeiro, e os campos e os montes escondem-se na intimidade da sua própria solidão escurecida...

Depois das duas Albergarias, Oliveira de Azemeis, com amplas ruas lavadas, córtes de *lautennis*, árvores irrompendo, em assômos vigorosos, por entre belos e grandes edifícios.

Agora, uma praça, um templo, uma rua estreita ; e, outra vez, a planície povoada. É ainda o litoral atlântico, viçoso e fértil, bordado, ao longe, no ocaso, em areia, espuma e rouxidões crepusculares...

Acendemos os faróis, na Carregosa. Um largo quási rural, a pálida sombra duma igreja, pessoas que se reúnem, e a cara dum garoto, espantada e alegre, ante um jôrró súbito de luz...

Um grito da siréne, e entramos no negrume, já cerrado.

Voltamos as costas ao mar, e seguimos na direcção do oriente e das montanhas. A treva, suja de poeira, perto de nós, fantásticamente

redemoinha. É um temporal de sombras, um tumulto de esbôços em delírio...

O automóvel corre, qual monstro absurdo e cruel, trilhando e esfarrapando a infinita delicadeza da paisagem, imponderalisada pela noite. Corre sem piedade, insensível a tudo. Cospe ruído e luz, sôbre as cousas que despertam, aflitadas, relampejando desvarios, numa fuga verde negra...

Maguado, contemplo os horizontes, mais felizes, absôrtos na sua mesma indecisão, eregida em vagas altitudes, sob o ígneo riso frio das estrêlas.

Muito na distância, o facho aceso dum foguete, lágrimas de estrondosas côres que se apagam. É véspera de arraial, numa quebrada da serra, que principia a elevar-se, do norte para o nascente, já entristecido e anémico dum branco luar anunciado.

Atingimos um planalto deserto, que domina uma amplidão ilimitada, onde os olhos se enevôam.

Tornamos a descer. A estrada branqueja, entre fileiras de árvores, que fogem, verdejando, banhadas na claridade crua dos faróis. Latidos de cães preludiam alvôres instantâneos de casas e vultos de homens, que se atiram para as valetas.

E, de novo, a erma noite, com dois golpes sangrentos, na máscara martirizada. Negrejam

ramos, orvalhados de estrêlas. O terreno ondula, em altos relevos escuros e negros traços profundos. Um esfumo de paisagem desdobra-se, em manchas penumbrosas de silêncio. O mundo tem a imprecisa fluidez do sonho. Foi assim que êle surgiu, antes do *Genesis*, na tôrva inspiração de Jehová...

XV

Paramos, junto da *memória* de Arouca, antigo arco de pedra, sob o qual repousou D. Mafalda, depois de morta.

Esta princesa dos alvôres matutinos da nossa Pátria, é muito viva na imaginação popular. Está presente ainda, nestes sítios, como Inês, na fonte dos amores.

A beleza e a caridade libertaram-na da morte. É ainda amada, como o foi, a partir daquele dia do ano da graça de 1220, em que ela bateu à porta do convento de Arouca, divorciada de Henrique I de Castela, com um resplendor maguado, na frente, a substituir-lhe a corôa real, e a poeira de cem léguas, nos vestidos.

Dolorosa de que dôres! internou-se no recato da sua cela. Despiu-se do próprio corpo, e ali viveu, em alma extreme de bondade, para Deus e para os pobres.

Desde o dia 1 de Maio de 1290, um sarcófago de pau santo, guarnecido de prata, guarda os seus restos mortais, na antiquíssima igreja conventual.

Abandonamos, enfim, a paisagem consagrada pelo espectro, seis vezes secular, duma Princesa.

Subimos as vertentes da montanha, que, muito além, se precipita, em escantilhões de terra, sôbre o Douro.

Já, diante de nós, se alevantam os primeiros píncaros desnudos. Aparece a lua. A noite desmaia. Nublosa transparência imaterializa-lhe a espessura negra que se afasta, e como que se dilui em brandas sêdas flutuantes, pálidas melancolias, aéreas tintas de sonho, suavizando, anuviando os longes sonâmbulos... As árvores enverdecem vagamente, a estrada é branca de neve...

Chegamos ao ondulado êrmo da serra, emergindo, mais claro, nos cumes, concentrando-se, mais escuro, nos reconcavos. Em volta de nós, uma superfície, em tempestade, extática e suspensão do alvor merencório do luar. Sugestões do princípio do mundo, sob um silêncio de fim do mundo, emanam do lívido ambiente montanhoso; cingem-me num abraço chimérico. E lá vou arrebatado não sei porque fantasma indefinido e luarento...

Lá vamos, através dum planalto, para todos os lados, deprimindo-se em abismos de penumbra. O automóvel, num ímpeto suicida, corre na direcção dum precipício...

Esvoaçam estonteantes vertigens, nesta altitude gelada e deslumbrada. O mêdo, o frio, a

palidez, caem da lua, já alta, como caveira desarticulada do esqueleto monstruoso da serra, que lembra a própria Morte, em cósmico relêvo eterno.

Os Deuses mortos jazem nas montanhas. Sempre que vejo o Marão, envôlto em nuvens lampejantes, penso no túmulo de Jupiter.

Lá vamos, numa fuga delirante. O planalto alonga-se, interminável, com aparições instantâneas de êrmos píncaros sombrios. À nossa direita e à nossa esquerda, cavam-se largas rugas, desenham-se, a carvão, silhuetas de penedros, duma trágica densidade no rôxo vaporoso da atmosfera. O luar acumula-se, como neve, no alto das ondulações terrenas, cáia a urze, sorri triste nas arestas das fragas, mareia a solidão, desbotando-lhe a tinta negra que escorre, pelas encostas mergulhadas, lá em baixo, numa profunda escuridade.

É sempre, um silêncio estranho, dominando os ruidos metálicos do auto ; — um silêncio que devora os sons, um silêncio penetrante, envolvente, quási corpóreo, que parece formar, com a terra, as últimas altitudes e, com o eter, o mesmo espaço infinito.

O desnudo palôr dos êrmos píncaros, em fantásticos recortes, o extenso deserto nocturno e montanhoso, a ausência de vida, os longes consumidos, o grande panorama escuro, em súbitas elevações iluminadas e súbitos vales negros,

reproduzem, neste planeta, os aspectos fúnebres da lua.

Estremeço, empalideço íntimamente. Todo o meu sêr é um espanto sem palavras, uma comoção intraduzível, em que êle se perde, nas alturas, identificado com a noite. Via-me reduzido a um sonho já sonhado por outra criatura. Só quem fôr amado, terá de si próprio uma semelhante sensação.

Ladram cães. Num baixo relêvo, negrejam esqueléticas choupanas indecisas. Confundem-se com o saibro, humildes de penúria, na solidão desolada, onde eu, não sei porque, desejaria viver eternamente...

Verdes campos de milho ; e logo, a montanha retomou a sua fisionomia, dura e enternecida, hostil e atraente, alterando-se em dolorosas aspirações petrificadas.

Escancaram-se precipícios, ao nosso lado, quando, numa curva, a luz dos farois salta da estrada e penetra, violentamente, nas sombras que enchem as fundas concavidades.

Azas de pássaros nocturnos, palpitam na lívida fluidez do Azul, melindrosíssima e sensível, onde as cousas mais vagas tomam vulto : o sonho dos homens e o das águas, — o anjo e a nuvem.

O luar é luminosa chuva permanente. Deriva, em regatos, pelas vertentes declivosas, desaguando, ao longe, num atlântico de bruma : —

lácteas e sonâmbulas imensidades, que se espraíam, numa onda circular, até às estrêlas do horizonte, cercando, num voluptuoso desejo moribundo, a densa cristalização da serra: mármorea lápide a emergir dum túmulo de treva.

Corremos, sombriamente extasiados. Somos a própria velocidade que nos leva; somos a vertigem febril, o arrebatamento alado, através duma paisagem de desvario, a desmanchar-se em doídos píncaros, no céu... Somos a alma que se dispersa e vòa, multiplicada em inúmeras sensações relampejantes, que só nos deixam, na memória, um deslumbramento confuso: a imagem mal percebida do Infinito.

Além, sôbre o Douro, êsse maior abismo do nosso rumo, os contrafortes da Grelheira sobem, duma depressão escura, em brutas formas soturnas.

Trémulas figurações cinzentas esboçam altitudes efémeras, ao longo de planaltos contagiados do nosso ímpeto ruidoso... O perfil horizontal da serra sobressalta-se, minado por íntimo terramoto. É um trecho lúgubre de lua que se desmorona e vai cair.

Já negras aves, piando, como que presentem o cataclismo — o desabar de tôda esta paisagem serrana, sôbre o Douro.

Seduz-nos o abismo. Um medo vago nos impele...

Vede-o que principia a definir-se... É uma

cratera imensa diluída nos seus rebordos longínquos, banhados ainda em luar. Turbados, começamos a descer. Arboriza-se a terra, em escaleiras cultivadas. Ladram os cães. Branquejam casas, por entre folhagens de videiras que os faróis pintam de verde. Eleva-se um pinhal sombrio, e o precipício foge à nossa frente.

Num patamar, Castelo de Paiva dorme e o seu largo silencioso, cheio e logo vazio do nosso barulho, poeira e claridades deslumbrantes.

Abre-se, enfim, o vale do Douro, duma grandeza apenas entrevista. Lá no fundo, indecisas nódoas de areia; é o Tâmega rendendo a alma de cristal, nas águas tórvas do Douro. É triste vê-lo morrer assim... Tenho pena de ti, ó Tâmega! Preferia vê-te morrer no mar salgado!

XVI

Atravessamos a ponte de Entre-os-Rios. Passamos por um hotel iluminado, com alguns hóspedes, cá fóra : raros sobreviventes do sono, passeando, aos grupos, ou sentados em bancadas de madeira...

Depois, Penafiel, num atropelamento de casas. Um pesadelo repentino.

Depois, Vila-Meã e a linha férrea.

Subimos o alto de Pildre, e a vale do Tâmega aparece, num grande encanto nocturno, até aos últimos cêrros do Marão :

Êrmo altar com a imagem do Silêncio...

Do pátrio rio, ainda invisível, ascende uma faixa branca de neblina... É o Tâmega em inundação fantástica de sonho... Procura-me. Esta paisagem é, para mim, familiar. Conheço-a, desde a infância ; conheço-a, à luz da lua, à luz das estrêlas, ao sol ardente do meio dia, na rosa afogueada da manhã, no lírio rôxo do crepús-

culo... Fui com Ela, na tristeza, na alegria, nos seus noivados primaveris, nos seus lutos invernosos. É uma esposa, mãe e irmã... É, por isso, os seus montes, as suas árvores têm mais expressão carinhosa, mais vida fraterna, do que os montes e as árvores estranhas... Não sou eu que as vejo ; são elas que se mostram ao meu espírito comovido.

Agora, o vale de Fregim : pinhais, campos férteis e a lembrança do Padre Domingos, — uma lembrança corpulenta, de batina, com uma voz que fazia tremer os Santos, nos altares.

Um momento, e o automóvel solavanca, roncando alarmes, no ladrilho em buracos dum rua suja e amarelenta de luzes frouxas. É a vila de Amarante e as duas horas da madrugada, tontas de sono, o rosto lívido, envoltas numa túnica de sombra. Dir-se-há que se demoram, neste antigo burgo turdetano, cansadas do seu eterno giro...

Aqui, o tempo dorme...

Eu e o Álvaro tivemos de concluir, a pé, uma célere viagem de automóvel. Marchamos, trôpegos, durante meia légua, pela estrada de Basto. Vimos o cemitério da vila, afogado em sombras de cipreste. Um rouxinol cantava na espessura verde negra. É o seu canto alumiaava os mortos.

Agradei-lhe e abençoei-o íntimamente.

Decorridos vinte minutos, chegamos à cape-

linha de *Nossa Senhora dos Milagres*. Olhei-a com aqueles olhos que me ficaram de criança... Guardo-os para as cousas sagradas!...

Percebem-se as casas de Outeiro, sob a maré brumosa do Tâmega, e a tórre do presbitério, onde ajoelhei, pela primeira vez, diante de Jesus crucificado; e o píncaro da Senhora da Graça, na distância.

A sombra em que repousa a freguesia, emana do Marão e do espectro da minha infância, mais alto e triste, conforme declino sôbre o ocaso.

Entramos, no terreiro; e o perfil da nossa casa desenhou-se, enternecido, como na primeira noite em que o vi, há mais de trinta e sete anos, pelo sol. E há quantos, pela minha alma? Eu sei lá? Talvez, há mais de cem...

Ai dos que vão através da vida, com mais pressa do que o sol através do Infinito!

Deitei-me, no meu quarto. Apaguei a vela; e, súbito, do seu pavio extinto, evolou-se, qual mancha de fumo, a escuridão; encheu todo o ambiente, estrelejada de variáveis tons doirados, ao longo da qual, uma sinuosa fita branca se imprimia... Eram cinquenta léguas de estrada, surgindo, numa alucinação em que a nossa consciência, desperta ainda, quási toca um outro mundo maravilhoso. Mas, ao atingi-lo, desfalece...

Levantei-me, no dia seguinte, de manhã. Abri a janela à luz cotidiana, à luz de todos os sé-

culos, de tôdas as dôres, de todos os prazeres, que doira, neste instante, a paz da minha aldeia e as margens sangrentas do Mosa ; à luz que seria ainda a luz da minha infância, se os meus olhos maguados lhe não houvessem quebrado o seu antigo esmalte de alegria... Vejo, como outrora, a casa *do Joaquim da porta*, os velhos loduns e um recorte longinquo do Marão. Das cousas familiares, dimanam mil impressões, mil vezes repetidas, que impõem ao meu sêr a sua atitude habitual. Saio do quarto, um sr. doutor, sem nome próprio : uma espécie de título indeciso, símbolo vão, letra morta... Sinto-me aquilo que sou no espírito dos outros. Coincide comigo a opinião dos meus vizinhos.

Eis o regresso ao *cotidiano*, essa elegia nublada, mágua surda, consumidora, gota de água a cair de altíssima nuvem, sôbre nós : — o que morre, sob a acção do que mata.

O cotidiano campesino é o tempo, ôco e leve, desgostoso de si, passando de vagar, com pés de lâ... E o Tempo é a nossa própria pessoa, êsse velho orango ferido de alma, curvado da doença que o fêz homem... Homem? Já não somos o macaco, mas não somos ainda o homem. Somos miserável sombra a querer iluminar-se de presença humana.

Somos a nuvem, o sêr ondulante de incerteza, onde o Tempo adquire uma vaga figura esfumada em vagos sentimentos. Somos a melan-

colia, a saciedade, talvez o instinto da nossa vida casual, fóra dum divina Intenção, sucedendo-se, em virtude de mil acasos favoráveis, até que a falta, também casual, dum só acaso nos precipite no sepulcro!

Somos a consciência dum Acaso, desencantado, que perdeu a divindade. E dessa consciência desiludida se vestem as horas aldeãs, pobres viúvas, tecendo o enrêdo do nosso existir:— obscura elegia, em versos monótonos...

Deus, que seria de ti, se não fôsem as aves e as flôres?!

UMA CARTA

Meu caro Luís de Macedo

A riquíssima viagem que lhe devo, cedendo-me o seu lugar no auto, para aí fica, em estilo pobre. São mendigos farrapos de impressões; miseráveis telas, enodoadas de tinta, que nada exprimem; ninharias verbais da minha sensibilidade.

Se as dei à imprensa, não me atrevi a pôr o seu nome, na primeira página d'este livro. O que não presta, não se oferece, embora se publique... Sim, porque o nosso público está habituado a cousas más, artística, literária e politicamente falando. Tem já o paladar estragado da cotidiana zorrapa... Se lhe apresentam velho Douro, faz uma visagem desconfiada, e não o bebe!...

Portanto, nada de remorsos! Passe a agua-pé! Oferecer-lha, meu caro Luís de Macedo, isso não.

Mas desejo testemunhar-lhe, nesta página final, o meu profundo reconhecimento, Devo-lhe

cincoenta léguas de beleza, dentro de vinte horas do mais vivo prazer espiritual. Devo-lhe o rio Douro nocturno, Lámego, Montemuro, o Vouga, Viseu e Grão Vasco, a ponte de Tábua, Arganil, a soledade do Mosteiro e a serra de Arouca, à luz do luar.

A dívida é enorme!

Esta nota de gratidão doira, dalgum modo, a penúria literária do livro, porque um bom sentimento, ainda que mal escrito, pode salvar a vida dum homem, quanto mais a mísera existência dum papel!

Seja a gratidão que lhe dedico, a recomendar «A Beira» ao meu leitor imaginário, porque eu, exceptuando alguns amigos benevolentes, apenas tenho leitores imaginários, da mesma natureza dos anjos e dos deuses...

Ainda bem!

Amigo muito agradecido,
TEIXEIRA DE PASCOAES.

Agosto de 1915.

INDICE

VERBO ESCURO

O Poeta	I
A noite lusíada	4
A memória	6
Primeiro remorso	14
Antemanhã	17
Ele	19
Da alegria e da tristeza	22
O mar e a morte	30
Ao canto da lareira	37
Da pessoa	39
As máscaras	43
O espírito e a morte	48
Da origem	52
Turba-mulha	56
A dôr e a caricatura	71
Os mêdos	74
À sombra do meu berço	78
Um pensamento latino	81
Da minha janela	85
O Demónio	92
Da presença	96
O meu fantasma	99
Eurídice e Orfeu	103
O corpo humano	106

Désir	110
O outono	114
A primavera e o môcho	117
Da infância e da alma	120
Orestes e Hamlet	127
Os esquecidos	131
Ao luar das horas mortas	140

A BEIRA (NUM RELÂMPAGO)

I	149
II	151
III	157
IV	168
V	171
VI	174
VII	182
VIII	199
IX	205
X	209
XI	218
XII	225
XIII	229
XIV	235
XV	241
XVI	247
Uma carta	252

◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆

◆◆◆◆◆◆◆◆

◆◆◆◆◆◆

◆◆◆◆

◆◆◆◆